FUNDADOR — JOAQUIM MANSO QUINTA-FEIRA, 6 DE OUTUBRO DE 1960 ANO 40.º — NÚMERO 13 586

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2. NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

A multidão aclamou
a bandeira nacional
ao ser içada na mesma varanda
dos Paços do Concelho
donde foi proclamada a República

Foi particularmente emocionante a cerimónia de ontem, ao meio-dia, na Camara Municipal de Lisboa, onde foi solenemente hasteada a bandeira nacional, perante as aclamações vibrantes de muitas centenas de pessoas, que, a pé firme, suportaram, por vezes, chuva torrencial.

Uma hora antes já a formosa Praça do Município tinha o carácter de cenário principal das comemorações da implantação da Republica. Muito povo circundava-a, encostado aos edifícios, aguardando o acontecimento. Bandeiras verde-rubras ondulavam o velho Arsenal,

(Continua na 7.ª página)

Na mesma varanda donde, cinquenta anos antes, José Relvas proclamou a República, foi ontem hasteada a bandeira nacional pelo almirante Alves Leite, perante a emoção de uma multidão de populares que se aglomeravam nos passeios fronteiros aos Paços do Concelho.

Hora solene

As cerimónias comemorativas do cinquentenário da implantação da República, a que se associaram, numa louvável atitude patriótica, o Chefe do Estado, o Governo, a Camara Municipal de Lisboa, a União das Juntas de Freguesia e o chefe do distrito, além das forças armadas e do povo, que nelas largamente tomou parte, revestiram-se, na capital, de uma dignidade e de uma emoção que ninguém de boa-fé ousará pôr em dúvida.

(Continua na 3.ª página)

No cemitério dos Prazeres, o Chefe do Estado, depois de colocar uma palma de gladiolos e cravos junto do tumulo do dr. Manuel Arriaga

Um apelo do Chefe do Estado
para a união de todos os Portugueses

A comissão oficial nomeada pelo Governo para promover as comemorações do cinquentenário da Republica apresentou cumprimentos ao Chefe do Estado, no Palácio de Belém.

Pelas 16 e 30 os componentes da referida comissão foram introduzidos na sala dos presidentes.

Pouco depois entrava o sr. Presidente da Republica, acompanhado dos srs. comandantes Guilherme Tomás e Benvindo da Fonseca oficial ás ordens e ajudante de campo respectivamente.

Após os cumprimentos o sr. prof. dr. Bissaia Barreto, dirigindo-se ao Chefe do Estado, disse:

— Fui encarregado pela comissão oficial das cerimónias comemorativas do cinquentenário da proclamação da Republica, da honrosa missão de apresentar cumprimentos a V. Ex.ª, senhor Presidente da Republica, e de o saudar como legítimo representante do regime e da Nação, nobre e patriótica missão, que V. Ex.ª tão distintamente desempenha por direito, por vontade manifestada da Nação e ainda por um conjunto raro de raras qualidades, demonstradas sempre durante toda a sua vida.

«Elas são para nós a garantia de que a acção de V. Ex.ª dentro e fora do País, será a continuação da obra de patriotismo, realizada pelos presidentes que o precederam, senhor Presidente, orientados sempre, como V. Ex.ª pelo engrandecimento cada vez maior de Portugal de Aquém e de Além-Mar.

Palavras do Chefe do Estado

O sr. Presidente da Republica, em resposta, disse:

«Agradeço desvanecido a vinda de V. Ex.ª ao Palácio de Belém, neste dia em que se comemoram 50 anos sobre a mudança de regime em Portugal.

O Chefe do Estado não pode de qualquer forma alhear-se do que se passa no País, das manifestações que nele ocorrem. Embora sempre avesso a provocar qualquer manifestação que a ele possa ser dirigida não deixa de agradecer desvanecidamente àqueles que vêm até ele, espontaneamente, como no caso presente.

Dura já há dois anos a minha magistratura e tenho procurado, como

(Continua na página central)

Um grupo de Republicanos
foi em romagem
ao cemitério do Alto de S. João

Milhares de pessoas incorporaram-se, de manhã, na romagem ao cemitério do Alto de S. João, onde jazem quase todos os principais vultos da propaganda e do regime republicano. Eram 11 horas quando a multidão, tendo á frente os dirigentes dos Centros Republicanos da capital, se dirigiu para o tumulo do almirante Candido dos Reis, o chefe militar da Revolução de 5 de Outubro. Deposto um ramo de flores pelo sr. prof. eng. Mário de Azevedo Gomes, em nome daquela comissão executiva, e por representantes dos Centros Republicanos, houve vivas á Republica, correspondidos com entusiasmo.

Muito lentamente, a multidão abandonou o cemitério do Alto de São João.

Um almoço de confraternização republicana

Algumas dezenas de republicanos reuniram-se, num almoço de confraternização, no Restaurante

(Continua na página central)

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
24
páginas
nas quais se inclui
«Vida Literária»

VISADO PELA CENSURA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Vão a pé de Lisboa ao Porto *para ver jogar* o Benfica

A paixão clubista não conhece limites. E quando se trata de futebol então essa intensa dedicação atinge as raias do inconcebível. É o que acontece com a proeza de quatro rapazes, fervorosos adeptos do popular Sport Lisboa e Benfica que vieram até ao nosso jornal, cada um com sua bandeira, da-nos a notícia e afirmar a sua indesmentível convicção benfiquista.

O grupo formado por Luís Manuel da Costa Santos, Luciano Domingos Santos, Alexandre Morais Pinto e Arlindo Pereira Ramin, todos de Alcantara, assentaram em assistir ao jogo Salgueiros-Benfica, marcado para o próximo dia 16, no Porto, e, sem hesitações, não obstante contarem sòmente com 100$00, resolveram cobrir o percurso, que liga as duas cidades a pé.

Partiram hoje e tencionam chegar ao seu destino no dia 15. Ao todo, 10 dias, observando escrupulosamente o pacto estabelecido, entre si: nada de «boleias».

Orgulhosos do feito que projectaram, disseram-nos que, á sua maneira, vão fazer propaganda do Benfica em todas as localidades por onde passagem, «porque ele tudo merece».

Os quatro adeptos do Benfica

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: Em Portugal continental o vento era fraco a moderado de Oeste e havia calma no Algarve. O céu estava muito nublado por acção de uma massa de ar instável transportada na circulação de uma depressão centrada a sul da Irlanda.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS: Porto, 16°; Coimbra, 15°; Lisboa, 18°; Faro, 17° e Portalegre, 12°.

TEMPERATURAS VERIFICADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 17°,8; na água do mar, 17°,3.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE, EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: Máxima, 21°; mínima, 14°,8. No mesmo dia do ano passado: máxima, 22°,5; mínima, 14°,9.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G. DE AMANHÃ: Céu muito nublado ,por vezes pouco nublado em especial durante a noite; vento moderado de Oeste, rondando para Noroeste.

Aguaceiros, em especial nas regiões a norte do rio Tejo, agravando-se o estado do tempo a partir da tarde de amanhã, com céu muito nublado e vento moderado de Sudoeste.

A CIDADE

Pela Polícia

CIGANA A CONTAS COM A POLÍCIA — A Polícia Judiciária prendeu a cigana Virgínia Rosa, que também usa o nome de Virgínia da Conceição, que ludibriou a sr.ª D. Candida Torres, a quem apanhou dinheiro e objectos de valor, com a promessa de lhe indicar o nome e morada de uma hipotética amante do marido. Os objectos foram apreendidos, e a cigana vai ser entregue ao tribunal.

Pelos hospitais

DOENÇA SUBITA E MORTAL — O sr. Telmo Dito Linder Martins, de 45 anos, cortador, adoeceu subitamente, na sua residência, á Rua Dr. Gama Barros, 20 1.º. Conduzido ao Hospital de S. José, quando ali deu entrada era já cadáver. Verificado o óbito, o corpo foi transferido para o Instituto de Medicina Legal.

BICICLETA CONTRA UMA FURGONETA — O empregado de escritório sr. Joaquim Filipe dos Santos Ribeiro, de 18 anos, morador na Rua Candido dos Reis, 31, 1.º Seixal, quando seguia de bicicleta foi embater com uma furgoneta, próximo daquela localidade. Muito contuso, veio para Lisboa e deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José.

AGRESSÃO FATAL—Faleceu no Hospital de S. José, onde entrara por ter sido agredido á paulada, António Serpa, de 52 anos, jornaleiro, morador no lugar de Rosário, Almodovar.

ACIDENTES DE VIAÇÃO—Recolheram ao Hospital de S. José as irmãs Elisete e Fernanda Marraz Pinto, de 8 anos e 2 anos, residentes em Idanha (Belas), que ali foram colhidas por uma bicicleta motorizada, ficando muito contusas; e receberam tratamento Cesaltina da Conceição Baptista, de 43 anos, e sua mãe, Clotilde da Conceição Baptista, de 69 anos, moradoras na Estrada dos Prazeres, 59, r/c., que foram vítimas da colisão de uma furgoneta com o automóvel em que seguiam, na Parada dos Prazeres. A primeira ficou internada.

ATROPELADA POR UM ELÉCTRICO — Recolheu á sala de observações do Hospital de S. José sem fala e em estado grave, uma senhora que aparenta 60 anos e que foi atropelada por um eléctrico na Rua da Junqueira.

COLHIDO POR UM AUTOMOVEL — Recolheu á sala de observações do Hospital de S. José, com fractura de um pé, o canteiro Manuel Antunes Moreira, de 56 anos, morador no Beco dos Peixinhos, 4. 2.º, Dto., que foi atropelado no dia 3 do corrente por um automóvel na Rua do Benformoso.

Piscina infantil

no Parque Florestal de Monsanto

Encontra-se concluída a piscina infantil mandada construir pela Camara Municipal, no Parque Infantil do Alvito, em pleno Parque Florestal de Monsanto.

É mais um elemento de interesse com que fica dotado o bonito recanto onde se situa um dos mais amplos e atraentes parques infantis da cidade.

Quem perdeu?

Relação dos objectos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): gabardine; guarda-chuva; estojo com óculos; porta-moedas com dinheiro; seis pares de cuecas; estojo com amostras e óculos; camisa de homem; casaco de ganga, colher, faca e um guardanapo; boné de fazenda; bolsa de pano com dinheiro; estojo com caneta, lápis e borracha; capuz de plástico; chapa n.º 404 da cozinha n.º 5 (Santa Casa); livrete de velocidade; livrete de circulação LC?89-54; carta de condução e outros docuemntos; «dossier» com projecto de construção, tampão de roda; tampão de depósito de gasolina, e diversas argolas com chaves.

Quem achou?

Uma senhora que, no ultimo domingo, de madrugada tomou, no Largo do Carmo, um táxi que se avariou a meio da Avenida da Liberdade, pelo que a passageira teve que mudar de carro, perdeu uma mala de mão azul, contendo artigos de uso pessoal e documentos que lhe fazem falta.

Aquela senhora gratificará quem lhe devolver a mala, que pode ser entregue na sede do jornal «A Republica».

Diário escolar

As aulas da instrução primária principiam amanhã

Nas escolas primárias oficiais de todo o País principiam amanhã as aulas. Milhares de crianças vão ter amanhã, portanto, o seu primeiro contacto com a vida escolar.

Em alguns colégios particulares, as aulas já se iniciaram. Mas naqueles que seguem o programa oficial também começam amanhã.

No Instituto Comercial abriram as aulas dos 2.º e 3.º anos

No Instituto Comercial, esta manhã, abriram as aulas do 2.º e 3.º anos, para cerca de quatro centenas de alunos. Por estarem a decorrer os exames de admissão ao Instituto, prevendo-se a realização de provas orais a partir do dia 13, as aulas do 1.º ano devem iniciar-se no dia 26, movimentando mais três centenas de alunos.

No Conservatório foi empossado novo professor

A fim de reger a cadeira de Canto Coral, sucedendo ao prof. Hermínio do Nascimento, atingido pelo limite de idade, foi, esta manhã, empossado o novo professor do Conservatório Nacional, prof. Filipe de Sousa.

A cerimónia realizou-se na biblioteca, e a ela presidiu o director daquele estabelecimento de ensino, dr. Ivo Cruz, estando também presentes o prof. Lucio Mendes, subdirector da Secção de Musica, e vários professores.

O dr. Ivo Cruz fez o elogio do novo professor e enalteceu a colaboração do anterior. O prof. Filipe de Sousa agradeceu o elogio e referiu-se também á criteriosa acção do prof. Hermínio do Nascimento, que, no final, também manifestou o seu reconhecimento pelas referências que lhe foram feitas.

Os inspectores do ensino primário reunem-se no dia 17

A fim de estudar a aplicação dos novos programas que começam a vigorar neste ano lectivo, os inspectores do ensino primário reunir-se-ão com o respectivo director-geral, no próximo dia 17 no Ministério da Educação Nacional

400 alunos no Conservatório Nacional

Principiam amanhã as aulas do Conservatório Nacional, cujos cursos de Musica e de Teatro terão uma frequência superior á verificada no ano passado.

Calculam-se em cerca de 400 os alunos daquele estabelecimento de ensino superior.

Ministério da Marinha

BASE NAVAL LISBOA

Concurso para agente técnico de engenharia electrotécnica e mecânica, com o vencimento mensal ilíquido de Esc. 3 600$00

Para os devidos efeitos se publica que, por determinação superior, foi mandado prorrogar até 31 do corrente mês, o prazo de validade do concurso documental para o preenchimento de uma vaga de agente técnico de engenharia electrotécnica e mecânica, do Quadro do Pessoal Civil deste Ministério, aberto por aviso publicado no «Diário do Governo», da 2.ª série, n.º 143, de 21 de Junho findo.

O 2.º COMANDANTE
Eduardo Metzener
Cap. frag.

O ministro do Interior visitou o festival-exposição do vinho português no Bombarral

— O sr. ministro do Interior, visitou hoje o primeiro festival exposição do vinho português, que se encerra no próximo domingo com o grande cortejo do vinho, no qual participarão muitos carros alegóricos, bandas de musica e os ranchos folclóricos de Alenquer, Cartaxo, Mangualde e Esticadinhos de Cantanhede.

O sr. coronel Arnaldo Schulz foi aguardado no limite do concelho, pelos srs. governador civil de Leiria, presidente da Camara Municipal do Bombarral e outras entidades oficiais.

No Salão Nobre dos Paços do Concelho, efectuou-se uma sessão de boas-vindas, tendo o sr. Salvador Carvalho dos Santos saudado aquele membro do Governo e posto em relevo o interesse do certame como propaganda do vinho.

Usaram da palavra o chefe do distrito e o sr. ministro do Interior.

Ontem, o festival foi visitado por muitos milhares de pessoas.

Ali estiveram também os srs. presidente e vice-presidente, da Camara Municipal de Santarém, assim como os respectivos vereadores, tendo todos manifestado á comissão executiva o seu apreço por tudo quanto lhes foi dado observar.

Esta noite, no Teatro Eduardo Brazão, a Emissora Nacional, organiza um espectáculo em que participam os melhores artistas da Rádio e da TV.

Para os nossos pobres

Um anónimo enviou-nos a quantia de vinte escudos para os pobres protegidos pelo «Diário de Lisboa». Agradecemos em nome dos contemplados.

EM FERREIRA DO ALENTEJO, O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NA TABACARIA «A CHIC».

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS
CONCERTOS DE OUTONO DE 1960
DA
EMISSORA NACIONAL
EM COLABORAÇÃO COM O
TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS
Sábados ás 18 horas e 15
MAESTROS (por ordem alfabética):
SIR JOHN BARBIROLLI, HAYDN BECK, PEDRO DE FREITAS BRANCO, FREDERICO DE FREITAS, LOUIS DE FREMONT, ENRIQUE JORDA, JOLY BRAGA SANTOS, ANDRÉ VANDERNOOT
SOLISTAS (por ordem alfabética):
FRANÇOIS BROOS (violetista), HELENA MOREIRA DE SÁ E COSTA (pianista), PHILIPPE ENTREMONT (pianista), MAURICE GENDRON (violoncelista), ERNST HAEFLIGER (tenor), BYRON JANIS (pianista), ANNIE JODRY (violinista), JACQUES KLEIN (pianista), HILDE ROESSEL-MAJDAN (meio-soprano), LEONOR DE SOUSA PRADO (violinista), NICANOR ZABALETA (harpista), CORO DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS
ORQUESTRA SINFÓNICA NACIONAL
CALENDÁRIO DA BILHETEIRA
Dias 6 e 7 — Para antigos assinantes. *Dias 8 e 9* — Para novos assinantes. *A partir do dia 10* — Venda avulso para todos os concertos
Bilheteira aberta das 13 ás 19 horas — Telefone: 36 86 64
PREÇOS
Cadeiras: Assinatura, 35$00; avulso, 40$00; *Varandas:* assinatura, 8$50 e 6$50; avulso, 10$00 e 7$50

MORADIA
Carcavelos
14 divisões, garage, 4 arrecadações, pequeno jardim, poço. Arrenda-se ao ano ou longo prazo. Avenida Maria Conceição, 16, 300 metros da estação Cam. Ferro. Está operário que mostra.

PERFUMARIA
CEZAL
FUNDADA EM 1910
Grande sortido em perfumarias nacionais e estrangeiras. Produtos de beleza de reputação mundial; sabonetes Franceses e Ingleses Camy, Pinaud, Palmolive, etc.
A célebre pasta dentífrica Colgate a 19$80 cada. Cremes de barba Ingram, Colgate, Palmolive, Gibbs Gillette, de fabrico de origem, etc
RUA DO COMÉRCIO, 12 e 14
TELEFONE 26493 LISBOA

Uma discoteca num só disco
O PRIMEIRO DISCO DE 16 R.P.M. Hi-Fi
FABRICADO EM FRANÇA
BOCCHERINI
Minuete para cordas, Op. 13
SCHUBERT
Sinfonia incompleta
WEBER
Convite à Valsa
TCHAIKOWSKI
Casse-noisettes, Op. 71 a
WAGNER
Cavalgada das Valquírias
MOZART
Serenata Nocturna
BACH
Ária para cordas em Sol
MENDELSSOHN
Marcha nupcial de «Sonho de uma noite de verão»
RAMEAU
Le Tambourin
BEETHOVEN
Sonata n.º 5 em Fá Maior «Primavera»
"le plus grand concert du monde"
2 HORAS DE MÚSICA apenas por 175 Esc.
UM DISCO DE 16 R. P. M. PELO PREÇO DE UM DISCO DE 33 R. P. M.
CLUBE INTERNACIONAL DO DISCO
R. Joaquim António de Aguiar, 41 - r/c. Dto. - LISBOA
Também pode pedi-lo por carta ou pelo telefone: 43366

INSTITUTO ALEMÃO
CURSOS DE LÍNGUA ALEMÃ PARA PRINCIPIANTES E ADIANTADOS
As inscrições continuam abertas, das 11-13 e das 16 ás 19.30 horas
LISBOA — Avenida da Liberdade, 222, 2.º

Hora solene

(Continuação da 1.ª página)

A missa nos Jerónimos, por alma de todos os que de 1910 a 1960 se sacrificaram pela Pátria, teve a presença de alguns membros do Governo e larga representação popular. O sr. almirante Américo Tomás, como chefe supremo da Nação, que confiou á sua guarda o pousam os seus restos mortais as pétalas de uma saudade que não se extinguiu ainda no coração daqueles que com ele privaram.

A cerimónia do içar da bandeira na varanda do Município, acompanhada da solenidade de que se revestiu, foi um acto cívico do mais alto significado e da mais profunda emoção. Findo o discurso do sr. coronel França Borges, sóbrio, elegante e patriótico, quando o prof. Bissaia Barreto subiu ao estrado para erguer um «viva» á República, que ressoou na vasta praça como um toque de clarim, uma banda militar atacou os compassos marciais da «Portuguesa», que a multidão acompanhou em coro. Foi um momento indescritível de entusiasmo em que o povo de Lisboa afirmou solenemente a sua dedicação ao regime que viu implantar e que defendeu de armas na mão, sempre que a sua existência perigou.

Durante os cumprimentos que lhe foram apresentados, em Belém, pela comissão promotora das comemorações cinquentenárias, o Chefe do Estado, depois de exaltar os benefícios que o País colheu em meio século de vigência do regime republicano, fez um veemente apelo á união de todos os Portugueses, hoje mais necessária do que nunca, em virtude dos perigos que nos ameaçam e das acusações caluniosas que se dirigem contra a presença de Portugal em África. Acentuou que se trata de uma posição diferente da de outros países que ali chegaram depois de nós, e que importa defender com a maior energia e com a força da razão que nos assiste.

E á noite, na sessão solene da Sociedade de Geografia, três ilustres oradores, cada qual com o seu temperamento e o seu estilo, exaltaram o contributo que Portugal deu á Civilização e o regime republicano ao progresso do País no meio século de existência que ontem se cumpriu.

Tomando a iniciativa das comemorações e dando-lhe o seu apoio e a sua colaboração, o Governo quis significar que, sejam quais forem as circunstancias em que se desenvolva a evolução política no futuro, não está em causa a continuidade das instituições que o País escolheu e ninguém de bom senso se atreverá a hostilizar. Devemos, por isso, fazer tudo para corresponder ao apelo que o Chefe do Estado dirigiu ao País, numa hora de tão graves responsabilidades como aquela que estamos a viver. E nenhuma ideologia política, seja qual for a sua posição na marcha dos negócios públicos, pode legitimamente estranhar que o Governo da Nação tenha assinalado com uma pedra branca, que outros desejariam mais verde-rubra, o cinquentenário da implantação da República em Portugal. O Governo cumpriu o seu dever. E tem o direito de esperar que todos os Portugueses, sem distinção de credos políticos ou religiosos, se comportem de modo a não lhe criar dificuldades e a facilitar-lhe a pesada tarefa que impende, neste momento, sobre os seus ombros. Não será necessário relembrar a parábola dos sete vimes numa hora em que não podemos correr atrás de quimeras — e em que um largo espírito de compreensão e de tolerancia se impõe, para não agravar dissídios e cavar um abismo mais destino das instituições republicanas, quis ser ele próprio a depor no túmulo do primeiro presidente eleito da República um ramo de flores, simbolizando a homenagem da Pátria ao excelso cidadão que com tanta nobreza èxerceu a mais alta magistratura nacional. Filhos e netos do falecido presidente desfolharam sobre a campa humilde do cemitério dos Prazeres onde reprofundo entre irmãos.

SALÃO AUTOMÓVEL
de Paris

A fim de visitar o Salão Automóvel de Paris, e tomar contacto com as ultimas novidades automobilísticas que vão ser ali apresentadas, partiu ontem para Paris, acompanhado de sua família, o sr. Fernando Mendes de Almeida, sócio-gerente da firma C. Santos, Lda.

CAVEAU — DIANA — DANCING
HOJE
TRIO RUDDY AND RODD Y LILI
CONJUNTO PRIVATIVO **DIANA**, COM A EXTRAORDINÁRIA VOCALISTA **TEREZA MARIA**
Direcção de JOÃO SILVA
Rua da Conceição da Glória, 2 ● (Maiores de 21 anos)

DOMINE A AZIA

Esteja onde estiver... no escritório... no cinema... se tiver no bolso ou na malinha algumas Rennie, pode dominar ràpidamente a Azia. Basta chupar duas pastilhas, para aliviar o mal estar. As Rennie proporcionam alivio rápido e duradoiro, pois os seus ingredientes anti ácidos, dissolvidos pela saliva chegam ao estômago com toda a sua eficácia. Não interrompem o trabalho da digestão, limitando-se a regular a secreção ácida do estômago.

Se as Rennie não lhe derem alívios consulte o seu médico sem demora.

PASTILHAS
RENNIE
Pacotes de 25 e 100 pastilhas a Esc.: 6$50 e 17$50

LARGOU DO TEJO
uma das unidades da Armada americana

Uma das oito unidades de formação naval anti-submarina da marinha de guerra dos Estados Unidos da América, que veio ao Tejo, em visita de rotina, fez-se esta manhã ao mar, a fim de navegar em missão de serviço prevista no plano elaborado pelas autoridades navais americanas. Trata-se do submarino «Argonauta».

Por sua vez, o porta-aviões «Essex», que continua fundeado entre o Terreiro de Paço e o Cais do Sodré, foi esta tarde visitado por alunos da fragta «D. Fernando», aos quais foram oferecidas guloseimas e assistiram a exibição de filmes.

O mesmo aconteceu a bordo dos escoltadores-oceanicos «Decatur», «Wadlegh», «The Sullivans» e «Rocks», onde estiveram alunos da Casa Pia de Lisboa, que desfrutaram das mesmas regalias, proporcionadas aos jovens marinheiros da fragata.

ROTARY CLUB
de Lisboa-Norte

Realizou-se ontem o jantar mensal do Rotary Club de Lisboa-Norte, ao qual presidiu o sr. dr. António Augusto Barge, ladeado pelos srs. Pedro Morgado Barreto, do Rotary Club de Almada e Arragon, rotário francês. Dirigiu o protocolo o sr. eng.º António Feliz da Cruz e leu o expediente o sr. dr. Pereira de Matos, secretário-geral do Rotary Lisboa-Norte.

Ao iniciar-se o jantar, que reuniu muitos sócios, foi colocada a bandeira nacional sobre a mesa, acto que foi sublinhado pela assistência com uma salva de palmas.

Usaram da palavra os srs. dr. Alvaro de Freitas que se referiu aos problemas da actualidade e em especial da independência de várias nações africanas e ás razões que levaram a conceder-lhes essa autonomia; dr. Furtado Leite, dr. Sousa Dias, Pedro Morgado Barreto, Arragon que fez a entrega de um galhardete do Rotary de Hyéres e por ultimo o dr. António Augusto Barge, que declarou que em data oportuna o Rotary Club de Lisboa-Norte contribuirá com o sangue dos seus associados para a Campanha Nacional do Sangue.

Linha de SINTRA

Cinemas

AMADORA — Recreios Desportivos — A's 21 e 15: «Com jeito, vai» (17 anos).

QUELUZ — Queluz-Cine — A's 21 e 15: «Inspector Maigret» e «O aventureiro» (17 anos).

MEM MARTINS — Cine-Chaby — A's 21: «A rapariga das salinas» e «O tirano de Roma» (17 anos).

SINTRA — Cine-Teatro — A's 21: «Jovens solteiras» (17 anos).

ODIVELAS — Cine-Teatro — A's 21 e 30: «Sublime tentação» (12 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — Campos — Rua Elias Garcia, 185; Tel. 930072. Flama — Rua Elias Garcia, 78, Venda Nova.

QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 4; Tel. 950117.

SINTRA — Marrazes — Largo Afonso de Albuquerque; Tel. 980053.

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — Tel. 980456.

INSECTOS
e cápsulas de refrigerantes reunidos numa exposição

Na sede do Clube Académico de Portugal — Rua de S. Bento, 148, 1.º, esq. — inaugura-se esta noite, ás 22 horas, uma exposição de entomologia e cápsulas de refrigerantes mundiais, que tem o patrocínio de algumas das mais conhecidas firmas fabricantes. São expositores os srs. Humberto Alves Nunes e Adolfo Bexiga.

A exposição estará patente ao publico até ao dia 13 com o seguinte horário: dias uteis: das 21 ás 24 horas; domingo: das 16 ás 24 horas.

A ELECTRIFICAÇÃO
de Vila Nova de Poiares

VILA NOVA DE POIARES, 7. — Estão muito adiantados os trabalhos de electrificação da sede da freguesia de Santa Maria de Arrifana e lugares de Balteiro, Crasto e Pereiros.

Espera-se que seguidamente sejam electrificados os lugares de Entroncamento, Vila Chã, Moendinha e outros.

Campanha de solidariedade
a favor dos gémeos da Praia da Salema

Chegou-nos de Almada mais um auxílio para os pais dos três gémeos da Praia da Salema: a quantia de 500$00 que nos foi enviada pelo sr. Rogério Furtado de Freitas. Este dinheiro foi obtido através de campanha de solidariedade que se desenvolveu entre os proprietários, empregados e fregueses da pastelaria «Dragão Vermelho», de Almada, em que colaboraram também comerciantes daquela vila, conforme se indica na relação dos donativos que publicamos a seguir:

Fernando Nunes, 50$00; António Lourenço Lapa, 5$00; José Gomes, 10$00; António Pereira da Silva, 10$00; Um cliente anónimo, 10$00; Manuel Marques, 5$00; Jorge Rodrigues Alvarez (Charneca de Caparica), 50$00; Tinturaria Anita, 50$00; José Luís M. Nunes, 20$00; Manuel das Neves, 5$00; Aurora Ramos Pinheiro, 10$00; Manuel Quaresma de Almieda, 10$00; António Alexandre Santos, 20$00; Padaria da Praça da Renovação, 10$00; Álvaro Maria Cecilia, 5$00; João Simões, 5$00; Aníbal Martins, 50$00; Manuel R. Mendes, 5$00; Joaquim Lopes, 5$00; Maria Gertrudes, 2$50; José Queiró, 20$00; Eliseu Miranda, 3$00; Mimi, 20$00; Hernani Elbling, 10$00; Maria Vicência Gonçalves, 12$50; Leão das Chaves, 17$50; Casal Reis, 10$00; empregado da Farmácia Central, 10$00; Fernando J. Santos Pereira, 20$00; Fernando Nascimento Pais, 20$00; João Norberto de A. Almeida, 5$00; José Manuel A. Bordonhos, 5$00; e José Carvalho António, 9$50; total, 500$00.

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGÉS — Stadium — A's 21: «Marido desconhecido» e «Pecado e redenção» (17 anos).

PAREDE — Royal Cine — A's 21 e 15: «Profissão perigosa (17 anos).

ESTORIL — A's 21 e 30: «O diabo branco» (17 anos). Cine-Esplanada — A's 21 e 30: «A pousada da 6.ª felicidade» (12 anos).

CASCAIS — S. José — A's 21 e 30: «Totó em Madrid» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — Nifo — Av. Combatentes da Grande Guerra, 81; Tel. 012070.

CAXIAS — Nova — Praceta; Tel. 042839.

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — Rua Costa Pinto, 186; Tel. 042034.

OEIRAS — Central — R. Conde Ferreira; Tel. 043058.

PAREDE — Grincho — Av. da Republica, 87; Tel. 047204.

ESTORIL — Lopes — Rua Hangar, 3 — Monte; Tel. 060008. S. João — Estrada Nacional, 18 — S. João; Tel. 061186.

CASCAIS — Misericórdia — R. Regimento, 19, n.º 41; Tel. 080141.

DEIXOU LISBOA
o vice-almirante Max Douguet

O sr. vice-almirante Max Douguet, que durante vários dias esteve em Lisboa, a fim de dirigir, através do Centro de Operações Navais, do Ministério da Marinha, os exercícios que se desenrolaram na área do Iberlant, de que é comandante, regressou ontem a Paris, no seu avião privativo.

Apresentaram-lhe cumprimentos de despedida, oficiais-generais da Armada portuguesa, assim como os elementos portugueses que fizeram parte do seu Estado-Maior internacional e, ainda, o adido naval junto da Embaixada da França em Portugal.

A PHILIPS
vai realizar o seu 28. congresso

A Philips Portuguesa realiza no próximo dia 12, nas instalações da F. I. P., o «XXVIII Congresso Nacional Philips Rádio, T. V. e Equipamento Musical», em que se reunirão todos os agentes oficiais Philips do Continente.

Os trabalhos terão início ás 10 horas, na sala do cinema da F. I. P., com uma sessão de estudos, seguindo-se um almoço no restaurante privativo.

PROVAS ESCRITAS
do curso de Medicina Sanitária

No Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge, sob a presidência do sr. dr. Fernando Correia da Silva, director daquele estabelecimento, realizaram-se hoje as provas escritas do curso de Medicina Sanitária. Dos 16 cándidatos inscritos, apenas se apresentaram 13, que tiveram de prestar provas sobre assuntos de 12 cadeiras, tantas quantas compõem o referido curso. As provas orais realizam-se amanhã.

Para os apreciadores de bons brandies

ATA B-3

BRANDY

DISTRIBUIDORES PARA LISBOA:
J. A. DA COSTA PINA — RUA DO ALECRIM, 69
PARA A PROVÍNCIA:
COSTA PINA & VILLAVERDE, LDA. — RUA DO BOMJARDIM, 420, — PORTO

4.ª SEMANA

ADULTOS

Os Milionários de Filadélfia

PAUL NEWMAN ■ BARBARA RUSH ■ ALEXIS SMITH

O AUTENTICO EXITO DE QUE TODA A LISBOA FALA

IMPÉRIO

EXCLUSIVO ASTÓRIA FILMES

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

- Amanhã, no S. João, do Porto, é inaugurada a temporada teatral com a apresentação da companhia do D. Maria II, que levará á cena, com todos os intérpretes que a criaram, «Diálogo das Carmelitas».
- É provável que ainda esta semana, se estreie no Monumental a comédia «Boa noite Bettina», na qual reaparece Laura Alves.
- Encontra-se em Lisboa o encenador espanhol Caytano Luca de Tena, que dirigirá os ensaios da peça «A vista da ponte», no D. Maria II.
- Está aprazada para amanhã a reabertura do Variedades com a estreia da comédia «Os primos Basílios».

Na Província

* Um conjunto de artistas de variedades, segue em breve para a Província sob a direcção do cantor Luís Piçarra.

POLITEAMA

«Orfeu Negro», no ciclo «Os Grandes Romances de Amor»

E' hoje, pelas 18 e 15, que se inaugura no Politeama, a nova temporada do ciclo «Os grandes Romances de Amor», com a obra prima de Marcel Camus, inteiramente falada em português, «Orfeu Negro», com Marpessa Dawn, Breno Mello e Lourdes de Oliveira nos principais papeis.

«Palma de Ouro» do Festival de Cannes de 1959, «Orfeu Negro», é um deslumbramento de cores, ritmo e ternura que, pela sua beleza total, toca todos os publicos! Orfeu... Euridíce» o eterno poema de amor transposto para o Morro sobranceiro ao Rio de Janeiro, no ambiente das Escolas de Samba e dos quatro dias frenéticos do Carnaval carioca... Espectáculo incomparável, inesquecível e sensacional, «Orfeu Negro» marca a oiro a abertura de uma nova série de êxitos.

Pelas senhoras presentes serão distribuídos alguns valiosos e uteis brindes.

No Brasil

* A companhia de revistas, que estava a actuar no Teatro Carlos Gomes, do Rio de Janeiro, na altura em que ali se declarou o incêndio que o destruiu, vai apresentar os seus espectáculos no Teatro João Caetano, cedido pela Prefeitura.

«Os caminhos da ambição», no São Luiz e Alvalade

O drama de um jovem que ambicionava ser actor, lançado no turbilhão cruel e destruidor da Brodway, é o tema de «Os caminhos da ambição» (Carear), de Joseph Anthony, com cinco magnificos actores, Dean Martin, já liberto da

(Continua na página seguinte)

Telef. 366745 **ABC** ADULTOS

EMP. TEATRAL ABC, LDA.

ESPERO-TE À SAÍDA!

2 HORAS A RIR COM

SALÚQUIA * CAMILO
LUÍS HORTA * HELENA VIEIRA * MARIA CANDAL
MARIA DO ESPÍRITO SANTO
E UM GRANDE ELENCO

TODAS AS NOITES
A's 20,45 e ás 22,45 horas

Domingo espectáculo ás 16 horas

SOMBRAS BRANCAS

AVISO AO PÚBLICO

A EMPRESA DO CINEMA MONUMENTAL PREVINE O EXMO. PÚBLICO QUE, DEVIDO A COMPROMISSOS ANTERIORES, MARCOU A ESTREIA DO FILME «BEN-HUR» PARA O PRÓXIMO DIA 25.

POR ESTA RAZÃO O FILME **"SOMBRAS BRANCAS"** SUPER TECHNIRAMA, RIGOROSO EXCLUSIVO EM 70 m/m, ACTUALMENTE EM EXIBIÇÃO, APESAR DO FULGURANTE ACOLHIMENTO QUE O PÚBLICO LHE DISPENSOU E CONTINUA A DISPENSAR, NÃO PODERÁ MANTER-SE NO CARTAZ ALÉM DO DIA 23 DESTE MÊS, INCLUSIVE.

PARA MAIOR COMODIDADE DO PÚBLICO ENCONTRAM-SE JÁ À VENDA BILHETES PARA QUALQUER DAS SESSÕES ATÉ AQUELA DATA.

TOIROS EM SANTARÉM

Domingo, 9 de Outubro de 1960 ás 15.30 horas

GRANDIOSA CORRIDA DE TOIROS POR OCASIÃO DA GRANDE FEIRA DA PIEDADE

8 — BONITOS TOIROS DE CASTA ESPANHOLA — 8

Pertencentes ao Ex.mo Sr. Paulino da Cunha e Silva (HERD.)

CAVALEIROS

Pedro Louceiro e David Ribeiro Telles

MATADORES

Os toureiros mais discutidos em Espanha

José Julio e José Simões

Que pela primeira vez se juntam num mano-a-mano na lide de 4 — TOIROS EM PONTAS — 4 FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM DO EX.mo Senhor RICARDO RHODES SÉRGIO

PREÇOS POPULARES desde 25$00

BILHETES À VENDA

Em Lisboa na Agência A. B. E. P. e em Santarém, na Bilheteira em frente ao CAFÉ CENTRAL TELF. 39

MAIORES DE 6 ANOS
NÃO TELEVISIONADO

NO SALÃO ANEXO:
CEIAS — FADOS
E
GUITARRADAS
EMENTA ESPECIAL ATÉ DE MADRUGADA

Pasapoga

Telef. 23584
ADULTOS (Maiores 21 anos)

NUNCA SE VIU MELHOR EM LISBOA!
UM ELENCO DE GRANDE CLASSE COM O SENSACIONAL «BALLET» AMERICANO:

THE CHUCK WIDER SHOW

NUM «SKETCH» - ESPECTÁCULO COM UM ASSOMBROSO CONJUNTO DE ESCULTURAIS «GIRLS»

LOS CARAQUEÑOS | INURA y sus LEVANTINAS

Musica de baile pela ORQUESTRA PASAPOGA e CONJUNTO PORTUGAL

HOTEL DA ÁGUA DA FOZ DA SERTÃ

Cernache de Bonjardim (nova estrada de acesso)

Agua indicada para **TRATAMENTO** das doenças do figado, de nutrição, digestões difíceis, falta de apetite, infecções das vias urinárias superiores, diabetes, diarreias, cólites e outras dos intestinos

Reserva de quartos: Telef. 472 — CERNACHE

DOÇARIA CASEIRA

um Ribatejo 10$00 — Café de Balão

UMA PEGA 6$50

no BAR RIBATEJO — Praça do Areeiro, 11-D

SÃO LUIZ — Telefone 27172
A's 15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30
Um filme excepcional (M. 17 anos)
OS CAMINHOS DA AMBIÇÃO
com Dean Martin, Anthony Franciosa e Shirley MacLaine

EDEN — Telefone 20768
15.30 - 18.30 e 21.45 (Adultos — 17 anos)
O filme em Tecnicolor
ESCANDALO AO SOL
O famoso A SUMMER PLACE
—Ainda me amas, como dantes? Estragámos duas vidas e agora pagamos caro! Não recebo nem dou felicidade!

ALVALADE — Telefone 763080
A's 15.15 (p. r.) e 21.45
Quatro personagens... Quatro vidas entrelaçadas... no filme
OS CAMINHOS DA AMBIÇÃO
com Dean Martin e Shirley Maclaine

ODEON — Telefone 26283
A's 15.15 e 18.15 (p r.) e ás 21.30
A OBRA - PRIMA APLAUDIDA PELO PUBLICO!
AONDE VAIS, TRISTE DE TI?
com Marga Lopez e Vicente Farra
A maravilhosa história de amor de uma princesa que soube ser mulher, esposa, mãe e rainha de um povo!
Eastmancolor — (M. 12 anos)

VOZ DO OPERÁRIO
Telefs. 852155/56
A's 21 horas
Para adultos (maiores de 17 anos)
TERRA DE NINGUÉM
com Jack Mahoney e William Reynolds
FEBRE LOIRA
com David Tomlinson e Diana Decker

CASINO ESTORIL — 21.30 (17 anos)
O DIABO BRANCO
com Steve Reeves

TIVOLI — Telefone 50595
A's 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M. 12 anos)
2.ª SEMANA
Uma das mais grandiosas reconstituições históricas de todos os tempos
CARTAGO EM CHAMAS
em super-tecnirama-tecnicolor
com Pierre Brasseur, Daniel Gelin, Anne Heywood

POLITEAMA — Telefone 26305
A's 21.30 (17 anos)
ESTREIA DE SENSAÇÃO
A história da brutal derrocada do sinistro gangster «Legs Diamond»
A CAPITAL DO CRIME
com Ray Danton e Karen Steele
Foi atraiçoado por uma mulher para se redimir do pecado de o ter amado.
Hoje, ás 18.15: Sessão de «Os Grandes Romances de Amor»—(M. 17 anos)

CONDES — Telefone 22523
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (12 anos)
A mais bela e heroica epopeia do esmagador Oeste americano!
FORTE APACHE
com John Wayne e Henry Fonda

ROMA — Telefone 727778
15.30 e 21.30 (M. 12 anos)
3.ª SEMANA
Espectacular superprodução em Cinemascope
PEDRO, O PESCADOR
com Howard Kell e Susan Kohner
Um monumento cinematográfico que será recordado por muitas gerações.

RESTELO — Telefone 610375
21.15 (M. 12 anos)
A MEIO DA NOITE
com Kim Novak

CINEMA IDEAL — Telefone 24194
21.00 (M. 17 anos)
LABIRINTO INFERNAL
LISBOA

IMPÉRIO — Telefone 55134/5
15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
3.ª SEMANA
Um êxito insofismável que é o maior do momento
OS MILIONARIOS DE FILADELFIA
com Paul Neuman, Barbara Rush e Alexis Smith

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
A's 15 - 18 - 21.30 (M. 12 anos)
2.ª SEMANA
O maior e o melhor de todos!
Kenneth More — Lauren Bacall — Herbert Lom em
SANGUE SOBRE A INDIA
Cinemascope e Eastmancolor

MONUMENTAL — Telefone 55131
15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
2.ª SEMANA
A mais fascinante história de amor e aventura
SOMBRAS BRANCAS
com Anthony Quinn e Yoko Tani
Rigoroso exclusivo em 70 m/m
Reabriu o 2.º balcão

AVIS — Telefone 47163
15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
4.ª SEMANA
com o aplauso do publico e da crítica
R I F I F I
com Jean Servais e Robert Manuel

ROYAL — Telefone 865037
21.00 (M. 17 anos)
10 ANOS NA CONTRA-ESPIONAGEM
OS AMORES DE CARMEN

S. LUIZ — Telefone 48560
21.00 (M. 17 anos)
UMA TIA DOS DIABOS
c/ Rosalind Russel

TERRASSE — Telefone 70917
21.00 (M. 17 anos)
VOCÊ QUER DANÇAR COMIGO AS NOITES DE CABIRIA

MILU

HUMBERTO MADEIRA

RAUL SOLNADO

CARLOS COELHO

BERTA LORAN

NA POPULAR REVISTA

A VIDA E' BELA!

com HELENA TAVARES

EMÍLIO CORREIA

MARIA CRISTINA

UM ÊXITO QUE EXCEDEU AS MAIORES EXPECTATIVAS

HOJE E SEMPRE
Às 20.30 e 23 h. (adultos)

NO TEATRO
Capitólio
Emp. Figueira de Gouveia

SENSACIONAL

Sabonetes «PALMOLIVE», pequenos, cada 4$40, grandes, cada 6$60, descontos para revenda, mínimo uma duzia, na PERFUMARIA CEZAL, Rua do Comercio, 12 e 14, telefone 26498.

Recintos de diversões

No próximo domingo, realiza-se, na Casa Manuel Soares, no Cartaxo, um almoço de confraternização entre os componentes do Grupo Sector 1, que é dedicado ao cantador Alfredo Duarte Junior, e ao sr. Carlos Fernandes, havendo durante o repasto fados e guitarradas.

PRODUÇÃO

MAIS SINISTRO E CRUEL NUNCA EXISTIU NO MUNDO!

ERA ASSIM O TEMERÁRIO «LEGS DIAMOND» NA ÉPOCA EM QUE FEZ DE NOVA YORK

A CAPITAL DO CRIME

A HISTÓRIA DA BRUTAL DERROCADA DE UM MONSTRO COM A CUMPLICIDADE DE UMA MULHER QUE O TRAIU PARA SE REDIMIR DO PECADO DE O TER AMADO...

JULGOU SER MAIS FORTE QUE A LEI!... FOI O SEU ERRO! MAS ESTAVA CONDENADO POR OUTROS!

CORAJOSA REALIZAÇÃO DE **BUDD BOETTICHER**, COM **RAY DANTON** E **KAREN STEELE**
(MAIORES DE 17 ANOS)
EXCL. DA **ASTÓRIA FILMES**

HOJE no POLITEAMA: ESTREIA DE SENSAÇÃO

SALVADOR

Às 20.30 e 22.45

COLISEU

EMP.: RICARDO COVÕES (Herdeiros)
Telef. 3 19 97

A REVISTA DE QUE LISBOA FALA!
UM ÊXITO RETUMBANTE!

SALVADOR
EM COLABORAÇÃO COM GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO APRESENTA

MULHERES DE SONHO

P. AD. M/ 17 ANOS

PELO MAIOR ELENCO DE TODOS OS TEMPOS!

AOS MAIS BAIXOS PREÇOS DE TEATRO!

LUGAR MAIS CARO, 40$00 MAIS BARATO, 7$50

Maria Domingas em «Aficionado»

Costinha, no «Capitão da Nau»

Perla Cristal em «Strip-tease»

Salvador no «Mestre de cozinha»

Às 16 horas
DOMINGO ESPECTÁCULO À TARDE

TEM O ORGULHO DE APRESENTAR

CONDES

A Paramount apresenta a nova produção gigantesca de Dino DeLaurentiis

Realização de Alberto Lattuada

AMANHÃ

UMA EPOPEIA FLAMEJANTE E GRANDIOSA

MAIORES DE 12 ANOS

TECHNICOLOR® TECHNIRAMA®

A REVOLTA DOS COSSACOS

(TEMPEST)

com
SILVANA MANGANO · VAN HEFLIN · VIVECA LINDFORS · GEOFFREY HORNE
e OSCAR HOMOLKA · HELMUT DANTINE · AGNES MOOREHEAD
ROBERT KEITH e VITTORIO GASSMAN
ARGUM. de Louis Peterson e Alberto Lattuada · Baseado na novela de Alexander Pushkin
PRODUÇÃO DE DINO DeLAURENTIIS

— **AOS PREÇOS NORMAIS DESTE CINEMA!** —

MARTINE CAROL

mais bela...
mais irrequieta...
mais intrigante...
e
mais violenta...

EM

Nathalie

NO SERVIÇO SECRETO

Um filme
de
HENRI DECOIN

com
Felix Marten
Dario Moreno
e
Jacques Berthier

Adultos
(m/17 anos)

ESTREIA

AMANHÃ, ÀS 21.45

NO

ROMA

TELEF.: P. 727778 - B. 729192

Exclusivo
DOPERFILME

HOTEL EMBAIXADOR

Apresenta no «Terraço das Estrêlas»

LOS CHAPANECOS
e **Nita Del Pino**
os mais expressivos intérpretes da música cubana
BADARÓ o extraordinário fantasista
(MAIORES DE 17 ANOS)
Domingo: «Matinée» com atracções. Chá completo, 25$00

NA PRAIA DA AREIA BRANCA, NO «CAFÉ CENTRAL», ENCONTRA-SE A' VENDA O «DIARIO DE LISBOA».

TEATROS E CINEMAS

AMANHÃ REABRE O **VARIEDADES**

Com a farsa em 3 actos de **Ascensão Barbosa** e **Abreu de Sousa**

OS PRIMOS BASÍLIOS

com RIBEIRINHO - AIDA BATISTA - MIMI GASPAR - JOSEFINA SILVA - CARLOS ALVES - LUIS DE CAMPOS - LILI NEVES e ainda ASSIS PACHECO

AMANHÃ e SEMPRE de 2.ª a 6.ª FEIRA — Às 21 e 45 (17 anos)

ATENÇÃO! — AOS SÁBADOS — 2 SESSÕES — ÀS 20.45 e 23 h.; AOS DOMINGOS — À TARDE ÀS 16 h. e 2 SESSÕES — ÀS 20.45 e 23 h.

BILHETES À VENDA — A BILHETEIRA está aberta das 13 h. às 23 h.

Sousa

Inaugurou hoje a estação Outono-Inverno

apresentando as últimas novidades em:

FAZENDAS DE LÃ, VELUDOS, BROCADOS, SEDAS, RENDAS E MALHAS EXTERIORES

Rua Garrett, 76/78 — Telefs. 29101/33439 — LISBOA

(Continuação da página anterior)

comicidade frenética de Jerry Lewis, Anthony Franciosa, um italiano por temperamento, Shirley MacLaine, uma das mais sensacionais revelações dos ultimos anos, Carolyn Jones, com um estilo tenso, e Joan Blackman, admirável de suavidade, «Os caminhos da ambição» é uma narrativa impiedosa e impressionante. Uma obra densa de dramatismo e desassombrada pela denuncia de um meio terrível e esmagador como é a Brodway. Bons documentários. — M

Exibição no S. N. I.

de documentários chineses

Na sala do Teatro do Palácio Foz, exibem-se no dia 10, ás 17 e 30, os seguintes documentários chineses: «A City of Cathay», «This is Teiwans» e «National Day Celebrations». A sessão é organizada pelo ministro da China em Lisboa, de colaboração com o S. N. I.

As estreias de hoje

Titulo — «A capital do crime».
Produção — Americana.
Realização — Budo Boetticher.
Intérpretes — Ray Danton e Karen Steele.
Argumento — A vida de um bandido célebre.
Distribuição — Astória Filmes.
Classificação — 17 anos.

Diário

DA OUTRA BANDA

Cinemas

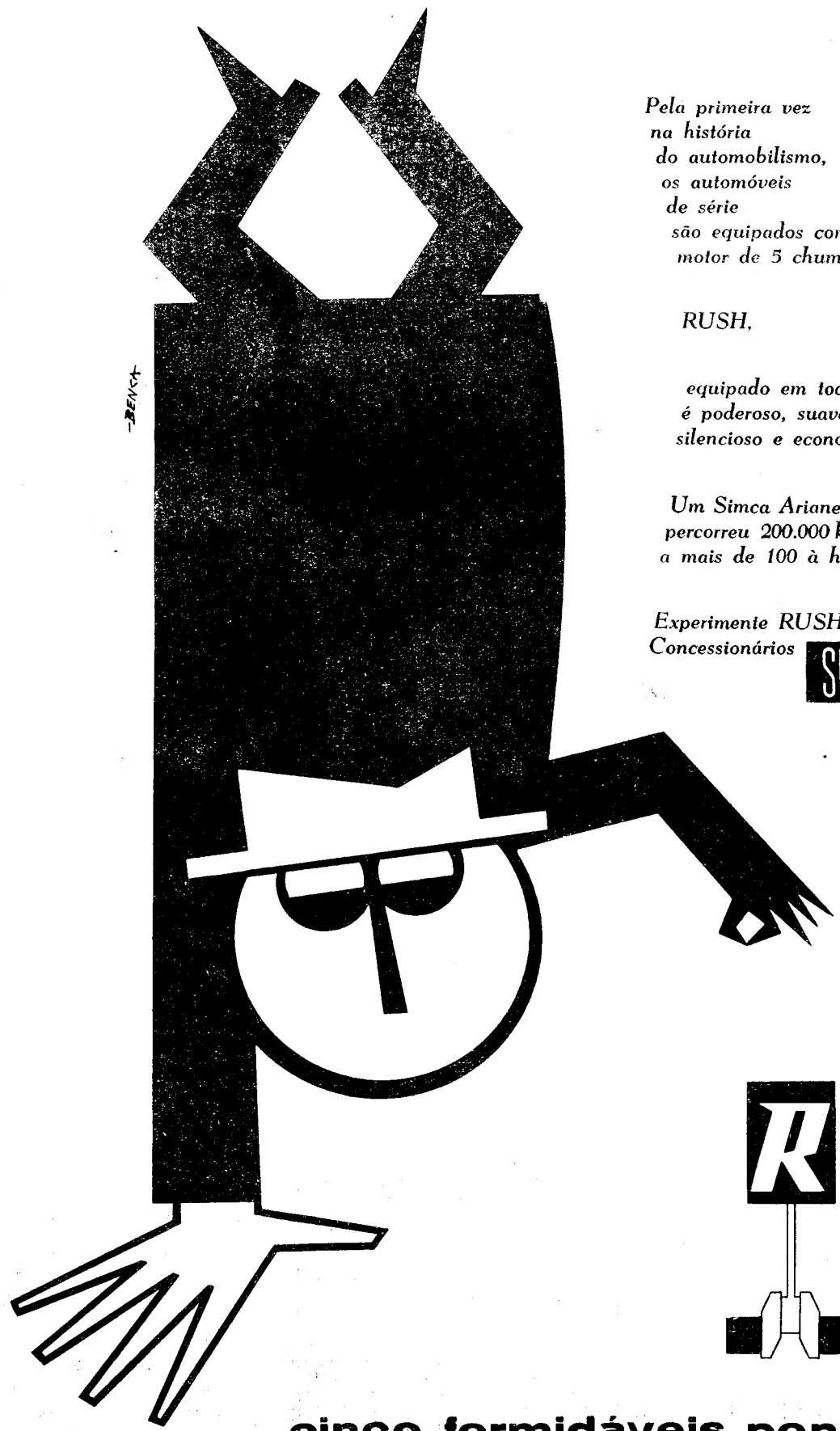
MONTIJO — Cine-Teatro — A's 21 e 15: «Capitão sem barco».

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Gameiro — L. António S. Jorge; Tel. 034100.
ALMADA — Macedo Henriques — R. Bernardo Francisco da Costa, lote 1; Tel. 071297.
BARREIRO — Normal — Av. da Bélgica, 116; Tel. 023035.
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — Praça 5 de Outubro 1910, n.º 62; Tel. 070121.
MOITA — Silva Rocha — Praça da Republica, 16; Tel. 039029.
MONTIJO — União Mutualista — R. Almirante Reis, 93; Tel. 030035.
SESIMBRA — Lopes — R. Candido dos Reis, 67; Tel. 029028.
SETUBAL — Rosado Pinto — Praça do Bocage, 98; Tel. 22484. Nova — R. General Gomes Freire; Tel. 22052.
(Nas localidades onde existe uma só farmácia, esta encontra-se de serviço permanente).

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS



APA dist.

Pela primeira vez na história do automobilismo, os automóveis de série são equipados com um motor de 5 chumaceiras.

RUSH.

equipado em todos os novos Simca, é poderoso, suave, robusto, silencioso e económico.

Um Simca Ariane equipado com motor RUSH SUPER percorreu 200.000 km sobre a estrada a mais de 100 à hora.

Experimente RUSH nos Concessionários SIMCA

RUSH

cinco formidáveis pontos de apoio

A cerimónia nos Paços do Concelho

(Continuação da 1.ª página)

nos correios e nos mastros de edifícios de empresas e residências particulares. Um ambiente de intensa espiritualidade patriótica recrudescia á medida que os ponteiros dos relógios marchavam para as 12 horas e as gentes iam fixando o seu olhar nas varandas do imponente edifício granítico, de onde há meio-século foi oficialmente anunciado ao País e ao Mundo o nascimento da Republica Portuguesa.

A presença do Ultramar e das forças militares

Entretanto, iam chegando aos Paços do Concelho os seus presidente, brigadeiro França Borges, e vereadores e os membros da comissão oficial organizadora das comemorações. Estes foram recebidos á entrada pelos srs. Vicente Rodrigues, secretário da Presidência, e dr. Pina Vidal, director dos Serviços Culturais.

Saindo da porta principal do antigo Arsenal, em cuja parada formou, surgiu na praça, ás 11 e 35, uma força militar, constituida por pelotões da Marinha, do Exército, da Aeronáutica e da Guarda Nacional Republicana, num total de cerca de 200 homens, comandados pelo capitão Evaristo Duarte. A' frente, segula a banda da G. N. R. tocando marchas militares, que atraíram ao local maior numero de pessoas.

Pouco antes do meio-dia deram entrada também no Município três régulos da Guiné e dois soldados goeses, que bem simbolizaram a presença da Pátria espalhada pelo Ultramar, o comandante-geral da P. S. P., brigadeiro Marques de Oliveira, e o filho do presidente Manuel Arriaga, o sr. dr. Roque Manuel de Arriaga. Ninguém mais teve acesso ao interior da Camara.

No salão nobre dos Paços do Concelho o presidente e os vereadores receberam as restantes individualidades, e todos se aprestaram para a cerimónia que dentro de minutos ia realizar-se.

O emocionante hastear da bandeira nacional

Ao meio-dia, em ponto, as janelas da varanda central da Camara abrem-se de par-em-par. O brigadeiro França Borges e todas as restantes entidades penetram no exterior. Pelo povo estacionado no largo perpassa uma compreensível agitação. Os régulos da Guiné, com os seus turbantes e longos vestidos brancos, e os soldados da nossa India, de calções de caqui, formam á esquerda.

Cortando o silêncio pesado do ambiente, um clarim do Exército toca a sentido e a continência. A banda espalha no ar os acordes vibrantes de «A Portuguesa». O almirante Alves Leite, subiu ao estrado e hasteou no mastro de honra a bandeira da Pátria. Tem as mãos trémulas e os olhos humidos. Ao mesmo tempo, numa sincronização gigantesca e perfeita, ouve-se o badalar dos sinos das igrejas próximas e as salvas poderosas vindas dos navios portugueses surtos no Tejo e do porta-aviões norte-americano «Essex».

A emoção é profunda. O povo parece petrificado de comoção. Todos os olhares seguem as evoluções da bandeira tremulando ao vento. Há quem tente cantar o hino, mas as vozes prendem-se... Vêem-se lágrimas nalguns olhos.

Impulsos irresistíveis fazem ressoar vivas a Portugal, á Pátria, á Republica, á Nação, aos Heróis do 5 de Outubro e aos Heróis da Republica. Os gritos, vindos de todos os pontos da praça, são secundados com firmeza pela multidão.

«A Pátria é a razão máxima perante a qual têm de soçobrar todas as outras razões» — afirmou o presidente da Camara Municipal

Subindo ao estrado da varanda, o brigadeiro França Borges, com voz firme, leu aos microfones, para o povo, de novo silencioso, o seguinte discurso:

— Ao ver subir neste local histórico dos Paços do Concelho de Lisboa a bandeira verde-rubra que há, precisamente cinquenta anos, aqui foi içada pela primeira vez, o presidente da Camara Municipal tem presente que ela é a bandeira nacional.

Ela é portadora de um escudo que a liga a todas aquelas bandeiras que, em qualquer tempo, representaram Portugal, e assim nos dá o exemplo e nos impõe o dever da continuidade e da unidade.

O Município de Lisboa presta homenagem aos que se sacrificaram e sacrificam no cumprimento do dever, aos que tudo dão e nada querem, aos que se batem por ideais que não carecem de sangue para se impôr, nem de explorar ninguém para enriquecer, nem de destruir a família para se libertar, nem de condenar a moral para satisfazer instintos, nem de atraiçoar a Pátria para melhorar a vida comum.

E o presidente da Camara prosseguiu:

— Olhando a Bandeira Nacional e o seu escudo de longa herança, o Município sente, com uma certeza amarga, que qualquer organização comercial ou industrial onde não há disciplina nem cooperação de todos os seus componentes, está destinada á falência, do mesmo modo que qualquer família intransigentemente desunida se transforma num lar destroçado.

Não há nenhum homem consciente que deixe de reconhecer essa verdade. Porquê desejar, então, a desunião na vida da Pátria, família de todas as famílias?

Uma Pátria dividida ao meio por lutas ideológicas intransigentes e ferozes, não fica apenas reduzida a metade: porque as facções mutuamente se destroem. Sucede que todo o esforço e toda a atenção são absorvidos pela luta inglória e nada resta a favor do fortalecimento do futuro. A Nação desfalece e cai, embrulhando nas dobras esfarrapadas da sua bandeira toda uma população desgraçada, vítima de uma luta que não foi orientada firmemente por um ideal construtivo de valor indiscutível.

São felizes os países, como a Inglaterra e os Estados Unidos, onde não existem duvidas sobre o regime e onde o esforço de todos os homens competentes visa apenas a melhoria do futuro.

A seguir, disse:

— Todos aqueles que reconhecem como indispensável para a felicidade dos povos a existência de Deus, a independência da Pátria, a manutenção da Família com a melhoria das suas condições de vida, o respeito pelas leis basilares, a dignificação de toda a forma de trabalho, a segurança do futuro através de medidas administrativas, sociais, económicas ou de fomento, que defendam as futuras gerações, têm de se unir e têm de colaborar para inteligente defesa da sociedade onde vivem os seus próprios filhos, na continuidade da Nação.

Presto homenagem a todo o homem fiel ao seu amigo e ao seu ideal, mas presto-a, em especial, áquele que, acima de tudo, coloca a Pátria e tudo lhe sacrifica, porque ela é uma razão máxima perante a qual têm de soçobrar todas as outras razões.

E levando esse preito de homenagem a tudo e a tanto de bom que se tem feito em todos os ramos da vida nacional nos ultimos cinquenta anos, e ainda a todos aqueles que anteriormente e em qualquer campo bem serviram a Nação, e por ela se sacrificaram no cumprimento do seu dever, sinto que as palavras de ordem dessa querida bandeira, que saudais, se condensam em unidade e continuidade.

E a terminar:

— Símbolos da Pátria são a bandeira, o Chefe do Estado e o Hino Nacional. Eu me curvo respeitoso perante eles, convidando a boa população desta nossa linda e amada cidade a dar ao Mundo o exemplo elevado, desassombrado e consciente do abandono das lutas secundárias pela aceitação dos princípios de disciplina e de cooperação, a favor da dignidade e fleicidade de tudo quanto de grande e de belo representa essa bandeira verde-rubra que há pouco subiu na varanda dos Paços do Concelho.

Três vibrantes vivas a Portugal, por todos secundados, encerraram o discurso do brigadeiro França Borges.

«Viva a República!» — gritou o prof. Bissaia Barreto, da varanda da Camara Municipal

Seguiu-se um compasso de espera, em que todos sentiam que faltava alguma coisa como fecho da comovente cerimónia. O prof. Bissaia Barreto, que foi deputado ás Constituintes e mantém viva a chama do ideal republicano, subiu então ao estrado e exclamou para a multidão expectante que se aglomerava no Largo do Município:

— Vamos terminar esta cerimónia com um vibrante viva a Republica!

Um frémito de entusiasmo electrizou a multidão, que irrompeu aos «vivas» a Portugal, à República e aos heróis do 5 de Outubro.

A banda da G. N. R volta a tocar o hino nacional. Então, como que obedecendo a um comando da alma, o povo canta, com a cabeça erguida, a voz trémula e os olhos humidos. A comoção é intensa. E pelo espírito de todos terá passado, certamente, a evocação dessa gloriosa jornada patriótica de 1910.

VIDA MUSICAL

Os «Concertos de Outono» da Emissora Nacional em S. Carlos inauguram-se no dia 15

E' já tradicional no meio musical de Lisboa a série sinfónica dos «Concertos de Outono, organizada anualmente pela Emissora Nacional, de colaboração com o Teatro Nacional de São Carlos. Ao anunciar-se a quarta série, que se inicia já no próximo dia 15, recorde-se a acção notável da Emissora Nacional, ao oferecer ao publico, não só ocasião de conhecer pela primeira vez, artistas de renome mundial, como também a inclusão nos programas da série de notáveis primeiras audições, e a inclusão de obras raramente ouvidas entre nós. Muito ficou a dever a cultura musical no nosso País ás séries anteriores dos «Concertos de Outono» organizada basta relembrarmos a ultima, em que ouvimos a audição integral da «Danação de Fausto», de Berlioz, e em que tivemos a apresentação de nomes como Ferdinand Leitner, Byron Janis, Gary Graffman, Leopold Ludwig, Leonard Rose e tantos outros.

Seguindo a mesma orientação, no primeiro dos «Concertos de Outono» de 1960, comemorar-se-á o centenário de Gustav Mahler, com a primeira audição em Lisboa da «Canção da Terra», em que serão solistas Ernest Haeflinger, tenor, e Hilde Roessel-Majdan, soprano, dois nomes célebres nos maiores centros musicais da Europa. Dirigirá este primeiro concerto, o maestro Pedro de Freitas Branco, chefe ttular da Orquestra Sinfónica Nacional.

Entre outros, apresentar-se-ão, pela primeira vez nesta série os maestros, «sir» John Barbirolli, Louis de Fremont, Henrique Jordá, Joly Braga Santos e Haydn Beck, e os solistas Nicanor Zabaleta, Annie Jodry, Jacques Klein, Ernst Hasflinger e Hilde Roessel-Majdan.

Outros, cujo êxito está na memória de todos, apresentar-se-ão de novo, como Byron Janis, Buarice Gendron, Phillippe Entremont e Andre Vandernoot. Na colaboração portuguesa, salientaremos a Orquestra Sinfónica Nacional e os nomes de Leonor de Sousa Prado, Helena Moreira de Sá e Costa, Frederico de Freitas, François Broos e do Coro do Teatro Nacional de São Carlos.

Estamos certos que o entusiasmo crescente que os nossos amadores de musica têm mostrado de ano para ano com a realização dos Concertos de Outono, vai ser amplamente justificada.

A homenagem ao maestro Jaime Mendes

A comissão executiva da homenagem ao maestro Jaime Mendes confirmou a data de 31 do corrente, ás 21 e 30, para a realização do grandioso festival.

A fim de atender ao grande numero de artistas de teatro, rádio, cinema, T. V., técnicos de cinema, maestros-compositores, escritores e autores que pretendem dar a sua colaboração artística na noite da consagração de tão excelente e digno representante da musica portuguesa, e dado o interesse com que o publico receberá este espectáculo unico e extraordinário, a referida comissão resolveu optar pelo Pavilhão dos Desportos como local próprio para tão grande manifestação artística.

Fundação Musical dos Amigos das Crianças

Estão abertas as inscrições para a Fundação Musical dos Amigos das Crianças, na sua sede na Rua de S. Bernardo, 108, r/c., das 10 ás 12 e das 15 ás 19, todos os dias uteis.

Missa mandada celebrar pelas Juventudes Monárquicas

Por iniciativa das Juventudes Monárquicas, celebrou-se ontem, na igreja de S. Vicente de Fora, missa por intenção dos combatentes que morreram em defesa da ordem.

A' cerimónia assistiram o sr. D. Caetano de Lancastre (Alcáçovas) como representante do conselho da lugar-tenência do sr. D. Duarte Nuno de Bragança, e os srs. conde de Caria, presidente da Junta Directiva da Causa Monárquica, prof. Jacinto Ferreira e Fernando de Sousa, membros da referida Junta; dr. Carlos Moreira e Luís Vilar, pelos antigos combatentes monárquicos, além de centenas de pessoas de todas as condições sociais.

No final da cerimónia, os membros do referido conselho da Junta Directiva, dirigiram-se ao Panteão da Casa de Bragança onde colocaram ramos de flores nos túmulos dos reis D. Carlos e D. Manuel e da rainha D. Amélia e do príncipe D. Luís.

VIDA ARTÍSTICA

Arte alemã contemporanea no S. N. I.

No Secretariado Nacional da Informação, amanhã, ás 17 horas, com a presença do embaixador da Alemanha no nosso País, dr. Herbert Schaffarczyk, inaugura-se uma exposição com obras de artistas berlinenses contemporaneos. Em seguida, na sala de cinema do S. N. I., exibe-se o filme «Berlim, a cidade que todos amam».

VIDA RELIGIOSA

Peregrinos estrangeiros na Cova da Iria

COVA DA IRIA, 6 — Começaram a chegar á Cova da Iria peregrinos de várias nacionalidades, que vêm para assistir á grande peregrinação de 12 e 13 do corrente. Muitos sacerdotes estrangeiros encontram-se já em Fátima. Isto significa que o apelo do Bispo de Leiria, lançado ao Mundo inteiro, vai dar realidade a um dos fins da Mensagem de Fátima.

Encontram-se já em Fátima, 25 Americanos pertencentes a todos os Estados da América do Norte que fazem parte de um grupo de 140 que virão tomar parte nas cerimónias dos dias 12 e 13.

Também um grupo alemão de várias cidades, num total de 23 peregrinos, se encontra já instalado em Fátima.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Abel Rodrigues de Almeida

Após uma doença cruel, que, apesar de todos os esforços e dedicações, não foi possível dominar, faleceu o sr. Abel Rodrigues de Almeida, que contava 44 anos de idade e residia na Quinta do Raposo no Monte da Caparica.

Natural de Caparica, o extinto viveu sempre no concelho de Almada e era empregado da União Eléctrica Portuguesa. Dotado de raras qualidades morais, de uma rectidão inexcedível, era muito considerado por todos os que o conheciam e gozava de gerais simpatias.

Casado com a sr.ª D. Lucinda de Almeida, o extinto era filho do sr. Cipriano Rodrigues de Almeida e irmão dos srs. Cipriano José e João de Almeida, e das sr.as D. Cesaltina de Almeida Neves, D. Ana de Almeida Santos Silva, D. Belmira de Almeida Ferreira, D. Maria de Almeida Afonso e D. Lucinda da Silva Amiano.

O funeral realizou-se ontem, para o cemitério do Alto de S. João e nele se incorporaram, apesar de não se terem feito participações, alem das numerosas pessoas de família, muitos amigos do extinto.

SUFRÁGIOS

Almirante Magalhães Correia

Mandada dizer por sua família, foi hoje rezada missa de sufrágio por alma do vice-almirante Luís de Magalhães Correia, na igreja de S. Sebastião da Pedreira.

A cerimónia, celebrada no altar-mor, iniciou-se ás 11 e 30 e foi oficiada pelo padre Ravelard.

Assistiram ao acto, além dos familiares do extinto, muitos dos seus inumeros amigos e admiradores das suas qualidades.

NUNES CORRÊA
ALFAIATES
APRESENTAM A SUA NOVA COLECÇÃO PARA A ESTAÇÃO DE 1960/61 E COMUNICAM AOS SEUS EX.mos CLIENTES E AMIGOS QUE TÊM AO SEU SERVIÇO TRÊS COMPETENTES CONTRAMESTRES
250, RUA AUGUSTA, 252

EM CIMA: Os membros da comissão com o Presidente da Republica. EM BAIXO: O almirante Sarmento Rodrigues profere o seu discurso. Em segundo plano vê-se a mesa da presidência

Cumprimentaram o Chefe do Estado os membros da comissão

que promoveu as cerimónias comemorativas

(Continuação da 1.ª página)

prometi, a união de todos os portugueses.

E' possível a felicidade de todos mediante o aumento do seu nível de vida e também mediante a concessão de casas aos agregados familiares. Enquanto aqui me mantiver prosseguirei nesta política indispensável ao País e á Nação. Estes dois anos mostraram bem quanto é necessária a união de todos os portugueses. Ainda recentemente Portugal foi duramente atacado naquilo que mais querido lhe é: o património nacional. E assitiu-se, felizmente, da parte de toda a gente, da parte de toda a Imprensa, á qual dirijo as minhas saudações, á maior repulsa por aquilo que foi dito. De facto os nossos territórios não foram adquiridos como os de muitas outras nações. Nós descobrimos há 5 séculos toda a Africa, apenas com excepção da parte norte. Não estamos em Africa por favor, mas mercê do nosso esforço, pela nossa tenacidade. E' natural que sintamos as coisas de forma diferente e que as nossas reacções sejam diferentes das dos outros.

E' necessário que todos os portugueses se unam, hoje mais do que nunca, para poderem vencer as inclemências, as tempestades que esperam de determinado sector. Nada melhor, neste dia, do que dirigir através da comissão aqui presente, um apelo a todos os portugueses, para que se unam e defendam a Pátria, com o objectivo de que ela possa ser transmitida aos nossos filhos, tal como a recebemos dos nossos pais.

Terminado o discurso, o sr. almirante Américo Tomás, conversou com os membros da comissão durante alguns minutos.

Missa nos Jerónimos

No Mosteiro dos Jerónimos celebrou-se missa por alma de todos quantos se sacrificaram pela Pátria de 1910 a 1960.

Pouco antes da hora marcada para o início da cerimónia religiosa, começaram a chegar os membros do Governo e outras altas individualidades, que eram recebidos, á entrada do templo, pelos membros da comissão encarregada de promover as cerimónias comemorativas do cinquentenário da implantação da Republica.

A missa foi oficiada no altar-mor pelo padre António Joaquim Caeiro director escolar da oficinas de S. José.

Assistiram ao acto, na capela-mor, do lado do Evangelho, em lugares de destaque, os srs. conselheiro Cruz Alvura, presidente do Supremo Tribunal de Justiça; ministros do Interior e do Exército e subsecretários de Estado da Administração Ultramarina e da Educação Nacional.

Do mesmo lado viam-se, ainda, os componentes da referida comissão. Em frente — do lado da Epístola — sentavam-se os srs. governador civil de Lisboa, general comandante-geral da Legião Portuguesa e comandante-geral da P. S. P.

No transepto, nas primeiras filas de cadeiras, além dos srs. tenente-coronel Oliveira Marques, eng.º Laje Raposo e dr. Gonçalves Pereira, chefe do gabinete e secretário do sr. ministro do Interior, respectivamente, estavam os restantes membros do Governo e outras individualidades.

A Marinha associou-se às cerimónias

Os navios da armada portuguesa que se encontravam na Base Naval de Lisboa e na margem esquerda do Tejo nomeadamente na Doca da Marinha, embandeiraram em arco associando-se assim ás cerimónias comemorativas do cinquentenário da implantação da Republica. Todos quantos estavam em condições de o fazer salvaram ao meio-dia.

A artilharia do porta-aviões norte-americano «Essex» também salvou. Por decisão superior os navios americanos que se encontram no Tejo embandeiraram em arco e tal como os portugueses estiveram, desde o anoitecer até de manhã, iluminados.

Por sua vez, muitas das unidades da marinha mercante, surtas no Tejo, surgiram igualmente embandeiradas assim como alguns rebocadores.

Nos quartéis houve alvorada, ao mesmo tempo que era içada a bandeira nacional. Os edifícios publicos, em cujas fachadas principais surgiu, desde ebm cedo, hasteada a bandeira nacional, estiveram toda a noite iluminados.

Das 21 e 30 ás 23 e 30, muito publico se juntou no Largo do Terreiro do Trigo e nas Praças de Camões e José Fontana, onde as bandas da Força Aérea, da Marinha de Guerra e do Batalhão de Caçadores 5 deram concertos.

O idealismo que levou à R

e a necessidade de uma pacific

foram postos em relevo na sessão da So

As comemorações oficiais do cinquentenário da proclamação da Republica encerraram-se, ontem á noite, com a sessão solene que se realizou na Sala Algarve, da Sociedade de Geografia. Antes da hora marcada, a sala estava cheia, vendo-se, entre a assistência, alguns velhos republicanos.

Presidiu o sr. conselheiro Albino dos Reis, presidente da Assembleia Nacional, ladeado pelos componentes da referida comissão, srs. prof. dr. Bissaia Barreto e almirante Alves Leite, á direita, e dr. Norberto Lopes e Francisco Resina, á esquerda.

O discurso do almirante Sarmento Rodrigues

«Comemoram-se, este ano — começou por dizer o ilustre oficial — algumas das mais importantes datas da nossa História. O quinto centenário da morte do Infante D. Henrique está, sem duvida, acima de todas. Ele transcende até os limites desta Nação para se projectar no primeiro plano da História da própria Humanidade. Projectar e destacar. O Infante é não só o maior dos Portugueses, porque é uma das mais fecundas florações da Renascença e, pelas acções e suas consequências, grandiosa figura universal. Perante tais celebrações, que não podiam deixar de ter carácter internacional, foi bem compreensível que a Nação se não pudesse votar á exaltação do Santo Condestável, cujo sexto centenário do nascimento passa este ano; heroi a quem veneramos por lhe devermos esta independência por todos nós tão querida e que foi condição basilar para a ulterior realização dos feitos que nos eternizaram: os descobrimentos e a expansão. Estou certo de que a Nação, por ter de se concentrar em volta do egrégio Infante, não irá deixar de assinalar, com o merecido relevo e na ocasião propícia, o reconhecimento que é devido á memória de Nun'Álvares, que é o verdadeiro defensor da liberdade nacional.

E, referindo-se ás comemorações do 50.º aniversário da Republica:

— Da mesma maneira se poderia entender que uma data que, como o 5 de Outubro, se não deve esquecer — pelos seus reflexos na vida contemporanea nacional — fosse, não digo olvidada, mas recordada sem o merecido e especial relevo. Não seria justo, mas admito que era explicável.

A sinceridade e a pureza do ideal republicano

«Tenho de começar — prosseguiu o orador — por afirmar que, para as poucas palavras que desejaria dizer, no intuito de apreciar as razões e consequências da mudança do regime cujo cinquentenário hoje se celebra, e em seu louvor, me faltam qualificações e, portanto, autoridade. Não sou republicano histórico, nem fui nunca partidário; nem, em tempo e situação alguns, me moveram dessas paixões, porventura bem assentes em respeitáveis doutrinas, que não aceitam a franca participação na vida publica de todos os bons Portugueses. Sempre pensei, e assim o declarei, que honrar e servir a Pátria não pode ser exclusivo ou privilégio de ninguém.

«Não tenho história, nem compromissos, nem cegas paixões. Da minha mocidade escolar ficou-me a lembrança do brado de revolta e de profundo desgosto de um austero professor, veneranda figura de republicano, que ao saber a notícia da morte do rei exclamava consternado: «Mancharam o nosso ideal!».

«Palavras sinceras e intenções puras que ficam gravadas e nunca mais se esquecem. Elas traduziam, quero crer, a própria sinceridade e pureza do ideal republicano, no qual não havia lugar para violências, nem baixos interesses, mas apenas uma ansia de renovação social e de liberdade.

«Por isso, até os Portugueses do Ultramar, nesse tempo tão afastado, se sentiram particularmente animados com a nova aurora prometida. Basta recordar como no Estado da India — nessa India a que, por vezes, chamamos milenária — se instituiram associações republicanas dentro da própria comunidade hindu.

«Digo isto apenas como corolário da pureza do ideal que entrevi na minha infancia e nunca depois deixou de me parecer largamente confirmada pelos mais belos espíritos da Republica. Que desmandos e desvios houve, todos o sabemos e lamentámos; mas nunca eles tiveram a aprovação do povo e muito menos do escol republicano. Pelo contrário, sempre mereceram a condenação geral. Mais tarde, no dealbar da minha vida naval, tive ainda uma outra participação nos acontecimentos políticos, quando quase por mero acidente de rotina me encontrei junto das forças de Marinha que escalávam Monsanto. E dessa maneira pude conhecer de perto o gesto magnifico de Cerqueira: as honras que os marinheiros vitoriosos prestavam, no próprio campo da luta, aos adversários vencidos, entre os quais se encontrava o heróico João de Azevedo Coutinho.

«Foram estes valores morais que constituiram a pequena grande herança republicana que recebi. Atra-

O almirante Américo Tomás

depôs flores no túmulo

do primeiro presidente eleito

Um dos actos mais significativos das comemorações oficiais do 50.º aniversário da Republica foi a homenagem prestada, de manhã, á memória do primeiro Presidente eleito, dr. Manuel de Arriaga, a qual se realizou junto ao jazigo do ilustre homem publico, no cemitério dos Prazeres.

A cerimónia revestiu-se ainda de maior expressão pelo facto de a ela ter presidido o sr. almirante Américo Tomás, que ali chegou ás 11 horas, sendo recebido pelo filho do primeiro Chefe de Estado eleito, sr. dr. Roque Manuel de Arriaga, e pelos restantes membros da comissão promotora das comemorações, presidida pelo sr. prof. Bissaia Barreto.

Acompanhado das referidas individualidades e dos srs. general Humberto Pais e comandante Guilherme Tomás, da sua Casa Militar, e dr. Madeira Vidigal, representante do presidente da Camara Municipal de Lisboa, o sr. Presidente da Republica, trajando civilmente, seguiu a pé, desde a porta do cemitério até ao jazigo, onde já se encontravam outros membros da família do dr. Manuel Arriaga: a filha, sr.ª D. Maria Cristina de Arriaga Ramos, e os netos, sr.ºs D. Leonor de Arriaga Correia Guedes e D. Mariana Arriaga Santa Rita, e o sr. Mateus Arriaga Xavier da Costa, bem como mais algumas dezenas de pessoas, entre as quais se via o general Cotta Morais.

Apesar da chuva, que por vezes caiu em fortes bátegas, a cerimónia teve um cunho de simplicidade e de emoção que a todos impressionou. O sr. almirante Américo Tomás depôs no jazigo uma palma de gladíolos e cravos cor de-rosa, tendo suspensa uma fita com as cores da Republica, mas sem qualquer inscrição. Todos os presentes respeitaram, em seguida, um minuto de comovido silêncio.

A homenagem demorou apenas cerca de 10 minutos. No final, o sr. almirante Américo Tomás conversou cordialmente com os membros da familia do dr. Manuel Arriaga e com a comissão encarregada pelo Governo para promover os vários actos comemorativos da implantação da Republica, cumprimentando-os de novo á saída do cemitério.

RELOGIOS
De todas as marcas máxima garantia, preços de concorrência
GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
R. da Prata, 257

epública

adora concórdia

ciedade de Geografia

vés deles é que ainda contemplo no meu horizonte o ideal republicano. Com eles me tenho encontrado nas minhas próprias ansiedades de ver o meu País caminhar enquadrado numa organização política que seja inteiramente adaptada ás circunstancias do meio, isto é, ajustada ás condições sociais e económicas do tempo e do lugar. Nesta posição, não sendo um doutrinário, nem um partidário, nem me movendo meras intenções de crítica ou de exaltação — e muito menos quaisquer ambições — que vim eu aqui fazer?

«Venho porque não me nego a dizer o que penso, quando me é solicitado em circunstancias que o justifiquem. Porque não desejo, com a escusa e o cómodo silêncio, prudentemente acobertar-me em atitudes esfíngicas, para tudo parecer, segundo os ventos que sopram. Pelo contrário, desejo ser e parecer sempre o mesmo, embora insignificante. E neste momento, cumpro apenas um dever de consciência, nada mais!».

As origens e a vitória do ideal republicano

O almirante Sarmento Rodrigues prosseguiu:

— Saber como o ideal republicano nasceu, progrediu e triunfou entre nós é obra de historiadores, e talvez seja ainda cedo para, fria e rigorosamente, o afirmar em termos definitivos.

«O que parece mais seguro afirmar é que alguns dos principais motivos que permitiram a formação de uma mentalidade que admitia a abolição do regime monárquico se podem encontrar no desacerto em que caminhavam os negócios publicos, não apenas no que dizia respeito á situação financeira e económica, mas, sobretudo, pelas repercussões que a instabilidade e a fraqueza da Administração traziam á própria integridade territorial e independência política da Nação».

Acrescentou que o ultimato de 1891 «foi um dos motivos mais salientes e que mais impressionaram e pior dispuseram uma grande massa da opinião publica contra o regime no qual esses lamentáveis factos se davam».

E prosseguiu:

— Poucos, na Nação, deixavam de se queixar da atonia e da incapacidade da Administração Publica que estava conduzindo a Nação ao descalabro e á ruina. Os estudantes, em manifestações cuja vivacidade é própria do seu temperamento; os poetas, nas suas exaltações líricas; os pensadores, buscando, em razões fundas, a inaptidão nacional; o povo, em explosões romanticas, cobrindo de crepes a estátua de Camões; os idealistas a sonhar, com intensidade, no advento de uma nova forma de Governo que lhes havia de trazer a felicidade transbordante; os políticos rotativos alternando-se no poder e nas recriminações; até os herois, como Mouzinho, que, dos campos de batalha, onde refulgia nova epopeia, verberavam o marasmo, a inércia, a culpabilidade dos governantes; e, por fim, os republicanos, que surgiam um pouco vindos de todos os arraiais, lançando-se ardentemente na propaganda. Em todos havia, segundo a honrada palavra de um cronista contemporaneo, um «anseio de salvação nacional, sómente considerada possível pela implantação da Republica».

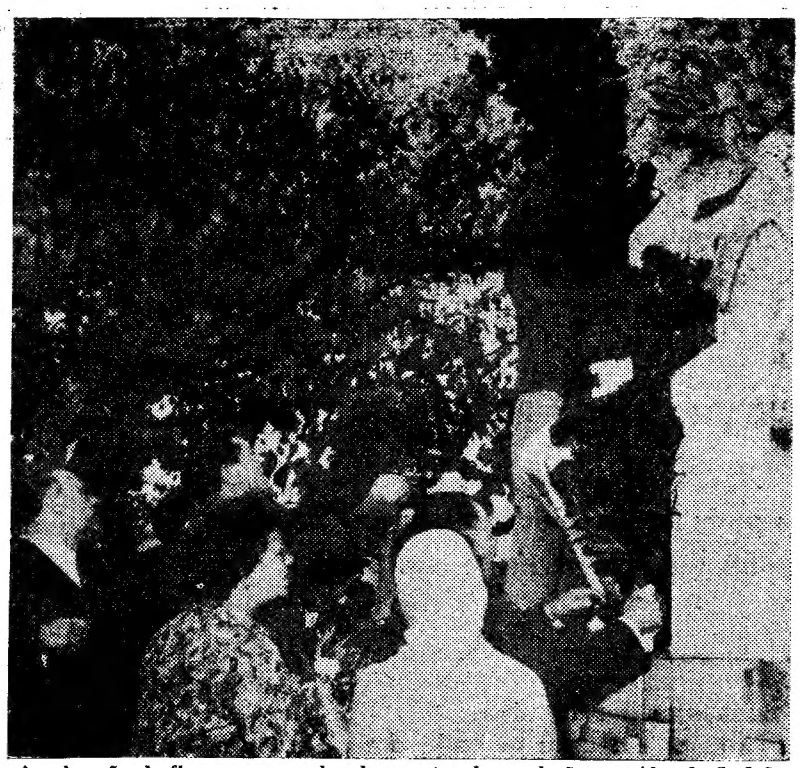
A grande esperança na República

Continuando, afirmou:

— O estado de espirito geral chegara a tal exaltação que as próprias glórias militares do Ultramar — naquele fim de século tão cheio de actos de valor — serviam mais á causa republicana do que á Monarquia. Ao fim e ao cabo, podiam não se increpar muitos dos homens que intervinham nos negócios publicos, mas não poderiam deixar de se registar os prejuizos sistemáticos que, sob o regime, se iam acumulando. Era o regime o acusado pela maior parte e por bem poucos defendido.

«A Republica, desta sorte, acabou por se fazer, sem grandes reacções, quase sem uma reacção, pode dizer-se. A coragem de alguns bravos e heróicos paladinos e combatentes não encontrou verdadeira resistência a enfrentar. E a Republica foi, para quase todos, uma esperança. E' bem verdade que, ape-

(Continua na 13.ª página)



A colocação de flores no mausoleu dos mortos da revolução, no Alto de S. João

Almoço comemorativo

num restaurante de Cacilhas

(Continuação da 1.ª página)

Floresta do Ginjal, a Cacilhas, sob a presidência do sr. dr. Arlindo Vicente. Ladeavam-no, á direita, os srs. padre Teixeira da Fonte, Manuel Cabanas, eng. António Abreu, Demétrio Duarte, Nuno Rodrigues dos Santos, eng. Caldeira Rodrigues e Hélio Sucena; e, á esquerda, os srs. dr. Camara Reis, eng. Aquiliano Ribeiro, dr. Vieira da Luz e D. Lília da Fonseca.

No final do almoço, para dar início a uma série de discursos, usou da palavra o sr. dr. Arlindo Vicente. Disse do significado da reunião e apresentou o primeiro orador, o sr. padre Teixeira da Fonte, afirmando, a propósito, quanta admiração lhe merece o verdadeiro sacerdócio.

O sr. rev. Teixeira da Fonte enalteceu a personalidade do sr. dr. Arlindo Vicente e agradeceu as palavras que lhe haviam sido dirigidas como sacerdote. Afirmou estar presente nas comemorações do 5 de Outubro por ser republicano.

O sr. dr. Camara Reis, que usou da palavra a seguir, foi apresentado pelo sr. dr. Arlindo Vicente. Declarando-se embora nacionalista, o sr. dr. Camara Reis prestou homenagem ao clero português.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. dr. Nuno Rodrigues dos Santos.

O sr. Manuel Cabanas evocou diversos passos da vida política dos ultimos trinta anos e propôs que se guardasse um minuto de silêncio em homenagem aos fundadores da Republica, ao que a assistência correspondeu. Por aclamação, a assistência aprovou também o envio de um telegrama ao sr. dr. António Luís Gomes.

O actor Rogério Paulo prestou homenagem ao sr. dr. António Luís Gomes.

O sr. dr. Gustavo de Soromenho, leu uma mensagem de saudação do sr. dr. António Luís Gomes.

Recordada pelo sr. dr. Arlindo Vicente a memória de Maia Machado, usou da palavra o sr. José Pinhão, de Alpiarça.

Um aspecto da assistência á cerimónia no cemitério do Alto de S. João

As individualidades que presidiram ao almoço em Cacilhas

JOIAS

Antigas e modernas Compra, cobrindo todas as ofertas. **OURIVESARIA PIMENTA. Rua Augusta, 253, — Telef. 24564.**

PERFIS DE ALUMíNIO, COLAS, VEDANTES, materiais plásticos para revestimento de pavimentos, paredes, tectos e mobiliário. Perfis plásticos, apoios para móveis, verniz universal SUNTEX, BETODUR, plásticos decorativos, FECHOS MAGNÉTICOS ARELEC, etc.

SILANTO, Limitada

R. DUQUE DE PALMELA, 27-D (Ao Marquês de Pombal)

As comemorações no Porto

e noutros pontos do País

PORTO, 6. (Pelo telefone). — As comemorações do cinquentenário da proclamação do regime republicano no Porto limitaram-se ao estabelecido no programa, que foi o seguinte:

Alvorada por uma banda militar, junto do quartel-general da 1.ª Região; salvas ao meio-dia; e concertos por bandas militares e civis em alguns coretos da cidade.

Sessão comemorativa em Alpiarça

Em Alpiarça, foi ontem comemorado o cinquentenário da implantação da Republica em Portugal, num jantar de confraternização que reuniu os democratas alpiarcenses, de todas as condições sociais.

Mais de 200 pessoas, renderam desse modo a sua homenagem aos grandes vultos da Republica Democrática, de Teófilo Braga a Teixeira Gomes, fazendo-se entusiásticas afirmações de fé nos princípios liberais. Promoveu este jantar uma comissão presidida pelos srs. Carlos Pinhão e José Rodrigues Pinhão e foram oradores, entre outras personalidades, os srs. escritor dr. Urbano Tavares Rodrigues; Vasco Martins, que representava a Seara Nova; Bento da Flora, Manuel Duarte, António Jorge, José Catela e, por ultimo o sr. José Rodrigues Pinhão. Foram aprovadas quatro moções, entre elas uma de louvor ao prof. Mário de Azevedo Gomes, pela dignidade da sua atitude de estreme republicanismo, e outra de simpatia e solidariedade ao escritor António Sérgio.

Em Cuba (Baixo Alentejo)

CUBA, 6.—O cinquentenário da implantação da Republica foi assinalado nesta vila com salvas de morteiros e muitos foguetes ao mesmo tempo que a Filarmónica Cubense 1.º de Dezembro percorria as ruas, a tocar marchas patrióticas.

A bandeira nacional foi hasteada nos edifícios publicos, e, á noite, a fachada dos Paços do Concelho esteve profusamente iluminada, destacando-se em especial a placa da sua entrada principal, com os dizeres: «Homenagem ao povo de Lisboa, Exército e Marinha, que tão heroicamente implantou a Republica em Portugal. 5 de Outubro de 1910».

NO ULTRAMAR

O 50.º aniversário da implantação da Republica foi igualmente comemorado em todo o Ultramar. Em Goa efectuaram-se uma parada militar e uma sessão solene no Palácio do Governo.

Em Bissau, o governador da Guiné, recebeu os altos funcionários e representantes das colectividades locais.

Em Macau, além de uma recepção aos corpo diplomático, houve um «garden-party» para o qual foi convidada toda a população.

As comemorações

em Paris

PARIS, 6 — Realizaram-se nesta cidade várias cerimónias comemorativas dos cinquenta anos da implantação do regime republicano em Portugal.

As cerimónias foram antecipadas para domingo porque a maioria dos membros da colónia portuguesa são trabalhadores e não tiveram livre o dia 5.

Homenagem a Afonso Costa

Da parte da manhã efectuou-se uma comovente cerimónia no cemitério do Pére Lachaise, onde acorreram muitos portugueses a render o seu preito á memória do dr. Afonso Costa, ministro do Governo provisório, presidente do Conselho da Republica.

A campa do grande estadista ficou inteiramente juncada de flores.

Jantar de confraternização

A' tarde realizou-se num restaurante desta cidade um grande banquete em que participaram 160 convivas, entre os quais madame Collette Kahan, vice-pesidente da Liga dos Direitos do Homem, o sr. James Gardener, representante das Trade Unions inglesas, vindo expressamente de Londres, mestre Suppervielle, presidente da Liga Internacional dos Juristas Democráticos, e general Herrera, e prof. Fernando Valera, representantes dos espanhois residentes em Paris.

Na mesa de honra, além destas individualidades, viam-se o prof. Manuel Valadares e dr. Mário Sacramento.

Trocaram-se efectuosos brindes e foram lidas saudações vindas de vários nucleos de portugueses dispersos pelo Mundo e o jantar fechou com palavras de esperança para o regime e com vivas á Republica. — (E.).

A MÁ DIGESTÃO...

Muitas vezes, é provocada por excesso de acidez que interrompe a digestão, e causa azia e uma desagradável sensação de mau-estar.

ESTOMOVITE

dá um alívio imediato e volta a proporcionar ao estômago um funcionamento normal.

COUTO, L.DA — PORTO

FAQUEIROS

Os melhores preços
OURO — PRATA E JOIAS
Só no
BARATEIRO DE S. DOMINGOS
R. Barros Queirós, 56

EM FERREIRA DO ALENTEJO, O «DIARIO DE LISBOA» VENDE-SE NA TABACARIA «A CHIC».

UM GRANDE SUCESSO MUNDIAL

BMW

A CONHECIDA MARCA DE GRANDE CLASSE

Constantes e grandes remessas estão chegando em ritmo progressivo para satisfação das necessidades do nosso mercado

700

COUPÉ — 4 LUGARES ● LIMOUSINE — 5 LUGARES

5,5 LTS. AOS 100 KMS. — 135 KMS/HORA

O carro mais atraente do Mundo

Motor de 35 HP. resfriado por ar

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO:

Sociedade Comercial e Industrial de Automóveis

FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO, S. A. R. L.

AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 3 — LISBOA — TELEFS. 59979 - 730122/3/4 (12 linhas)

SOCIEDADE GERAL

SG

LISBOA - R. DOS DOURADORES, 11 - TEL. 26314 - 34513
PORTO - R. SÁ DA BANDEIRA, 82 - TEL. 27363

CARREIRAS

METRÓPOLE AFRICA

Para: S. VICENTE, PRAIA e BISSAU (via FUNCHAL)
N/M «ALFREDO DA SILVA — A 10/10/60. Carrega em Lisboa para Cabo Verde e Bissau até 7/10/60. Carga Frigorífica dia 8/10/60 até ás 12 horas. Passageiros de 1.ª Classe e Turistica

Para: S. VICENTE, PRAIA e BISSAU
N/M «CARTAXO» — A 15/10/60. Carrega em Lisboa de 13/10/60 a 14/10/60. Este navio escala préviamente Leixões

Directo a: LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES
N/M «RITA MARIA» — A 26/10/60. Carrega em Lisboa de 24/10/60 a 25/10/60. Carga Frigorífica dia 25/10/60 até ás 12 horas. Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª Classe. Este navio escala préviamente Leixões

NORTE EUROPA ANGOLA

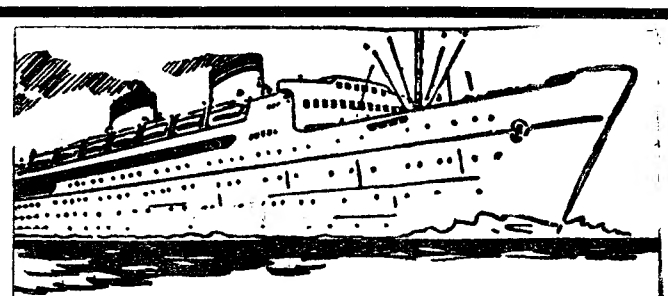
Para: MATADI, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES
N/M «AMBRIZETE» — À carga em Hamburgo, Bremen, Roterdão e Anvers até 7/10/60 em Lisboa só para Matadi a 13/10/60
N/M «ALENQUER» — À carga em Hamburgo, Bremen, Roterdão e Anvers de 15/10/60 até 28/10/60 em Lisboa só para Matadi a 3/11/60

ANGOLA NORTE EUROPA

Para: ANVERS, ROTTERDÃO, HAMBURGO e BREMEN
N/M «ARRAIOLOS» — À carga nos Portos de Angola de 9/10/60 até 26/10/60
N/M «AMBRIZETE — À carga nos Portos de Angola de 30/10/60 até 16/11/60

ANVERS PORTUGAL

Para: LEIXÕES, PORTO e LISBOA
N/M «ÁFRICA OCIDENTAL»—À carga em Anvers a 13/10/60 e 14/10/60
N/M «COVILHÃ» — À carga em Anvers a 20/10/60 e 21/10/60



"ITALIA"

SOCIETÀ DI NAVIGAZIONE

PARA:

AMÉRICA DO SUL

AUGUSTOS	10 de Outubro	Dakar, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo, Buenos Aires
CONTE GRANDE	26 de Outubro	

PARA:

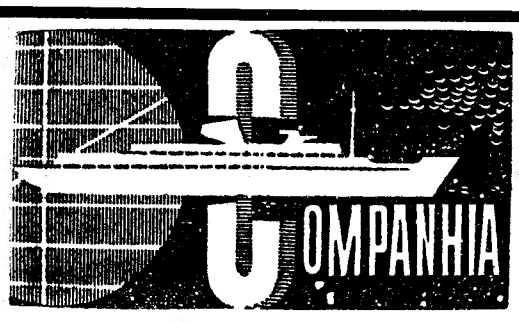
MEDITERRÂNEO

CONTE GRANDE	10 de Outubro	Barcelona, Cannes, Génova, Nápoles

OS AGENTES:

Em Lisboa: AGÊNCIA MARÍTIMA TRANSATLÂNTICA, LDA. Rua do Alecrim, 20-A, 1.º Telefone 27264

No Porto: KENDALL, PINTO BASTO & C.ª LDA. Rua Nova da Alfandega, 12 Telefone 26146



COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

SAÍDAS | LINHAS E ESCALAS

LINHA DE ÁFRICA

«ALMEIRIM» 13 Outubro	Leixões, Cabinda, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Moçamedes.
«ROVUMA» cerca de 19 Outubro	De Leixões para: Luanda, Lobito, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e MORMUGÃO.
«ANGOLA» 21 Outubro	Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cidade do Cabo, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala (se necessário).

LINHA DO ORIENTE

«TIMOR» 10 Outubro	Port Said, Suez, Aden (se necessário) e MORMUGÃO.

Chama-se a atenção dos Snrs. Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

LISBOA: R. do Comércio, 79 a 85—Tel. 23021 a 23026. PORTO: R. Infante D. Henrique, 63. Tel. 22438 e 22439

YBARRA & C.ª, S. A.

SEVILHA

PARA

AMÉRICA DO SUL

CABO SAN ROQUE	14 OUTUBRO	Tenerife, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo, Buenos Aires
	26 NOVEMBRO	

PARA

MEDITERRÂNEO

CABO SAN VICENTE	30 OUTUBRO	Algeciras, Palma Maiorca, Barcelona, Marselha, Génova

OS AGENTES:

Em Lisboa: AGÊNCIA MARÍTIMA TRANSATLÂNTICA, LDA. Rua do Alecrim, 20-A, 1.º Telefone 27264

No Porto: KENDALL, PINTO BASTO & C.ª LDA. Rua Nova da Alfandega, 12 Telefone 2 61 46

Sono tranquilo só com Dunlopillo

Não sabe o que é conforto enquanto não tiver dormido num Dunlopillo. Mantém-se sempre macio, suave, e bom para dormir, como no primeiro dia em que o comprou. Nunca se deforma.

Almofadas em espuma de Latex. A última palavra em conforto. Mantém a sua forma original mais tempo do que qualquer outra espécie de almofadas.

Arejam-se a si próprios.

Dunlopillo

Representante em Portugal: G.ME GRAHAM JR. & C.A

Rua da Alfândega, 160 — LISBOA / Rua dos Clérigos, 6 — PORTO

D-1

dekopan

A PELÍCULA ALEMÃ PARA MELHORES FOTOGRAFIAS

À VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Fabricada pela Veb Fotochemische Werke Berlin — (DDR)

Representante: Rua D. João V, 2, 5.º, Esq. — LISBOA

CAPITALISTAS

A «**NORTENHA**», está habilitada a colocar-vos qualquer quantia, em 1.as hipotecas, dando óptimo juro, e nas melhores condições. Tratamos de toda a documentação inerente ás transacções, sem qualquer encargo para os Ex.mos Capitalistas, e garantimos os investimentos.

No Vosso Próprio Interesse, Consultem-nos

NORTENHA

«Colham Referências»

Praça da Alegria, 58-2.º Sala C

LISBOA — Tel. 366812

CASA ALUGA-SE

Na Avenida Guerra Junqueiro n.º 21, 4.º, direito

propriedade da Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Industria e Comércio de Produtos Químicos e Farmacêuticos.

Recebem-se propostas em carta fechada, até ás 18 horas do dia 13 de Outubro, na Sede da Caixa. Rua Padre António Vieira n.º 5-1.º — Lisboa.

Abertas as propostas no dia 14, pelas 16 horas, na presença dos interessados ou seus representantes, poderá ser necessário proceder-se á licitação verbal.

A Direcção reserva-se contudo o direito de não fazer a adjudicação, caso não convenha.

Em Alpiarça-Almeirim, o «Diário de Lisboa» é vendido por intermédio do sr. Francisco Abrantes Pereira.

O PORTO pelo telefone

Uma criança de 2 anos caiu de um 3.º andar

PORTO, 6. — Com fractura do cranio e em estado de choque, deu entrada no Hospital de Santo António o menor de 2 anos Amadeu Augusto Bárbaro Pinto, morador no Bairro da Polícia, na Rua Cerco do Porto, 3, Campanhã, que caiu do 3.º andar da residência á via publica.

E outra criança mortalmente atropelada

Na serra de Valongo, uma camioneta conduzida por Artur Gonçalves Manilha, atropelou a menor de 9 anos Maria de Lourdes da Silva Henriques, que teve morte imediata.

O fogo no «Brasilien»

Encontra-se ainda em Leixões o navio dinamarquês «Brasilien», que na passada segunda-feira entrou naquele porto com fogo no porão n.º 2.

Esta manhã, os Bombeiros Voluntários de Matosinhos-Leça, cujos serviços haviam sido dispensados no dia em que o barco recolheu a Leixões, foram a bordo devido ao sinistro ainda não estar completamente extinto, saindo do referido porão rolos de fumo.

Navio «Lady Sophia»

No passado sábado deu entrada em Leixões o navio inglês «Lady Sophia», que foi obrigado a regressar áquele porto por avaria na máquina e não por a carga estar mal estivada, conforme se chegou a noticiar.

CARTAZ DO PORTO

Espectáculos de amanhã

COLISEU — Ás 21 e 30 — «A vingança de Dubrowsky», drama (12 anos).

RIVOLI — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «Afundem o Bismark», guerra (12 anos.

AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Salomão e a rainha de Sabá», histórico (17 anos).

SÁ DA BANDEIRA — Ás 21 e 30 — «Mães abandonadas», drama (12 anos).

TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Quando explodem as paixões», drama (17 anos).

SÃO JOÃO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Policarpo», comédia (12 anos)

BATALHA — A's 15 e 30 e 21 e 30 «Agarrem essa loira», comédia (17 anos).

VALE FORMOSO — Ás 21 e 30 — «Quando o vento sopra», drama (17 anos).

OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Contrabando de fogo», aventuras (17 anos).

JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «Quo Vadis?». histórico (12 anos).

NUN'ÁLVARES — Ás 21 e 30 — «Manuzzella», romantico (12 anos).

CASINO DA PÓVOA — Variedades

CASINO DE ESPINHO — Variedades.

José Cabrita

TENENTE DO QUADRO DE SAÚDE DE MOÇAMBIQUE

MISSA DO 7.º DIA

Esmeralda Mendes Cabrita e mais família participam que amanhã, dia 7, pelas 10 horas, na Igreja de S. João de Deus, será rezada Missa do 7.º dia, pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

A. G. MAGNO, LDA.
Avenida Almirante Reis, 129-A
Telf. 51586

[redacted]

Luzia de Jesus Carvalho Heitor

FALECEU

Sua família cumpre o doloroso dever de participar o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da sua residência para o cemitério da Ajuda.

[redacted]

Vida social

NUNCIO APOSTÓLICO

De avião, regressou de Milão, onde esteve em gozo de férias, monsenhor Giovanni Pannico, nuncio apostólico em Portugal.

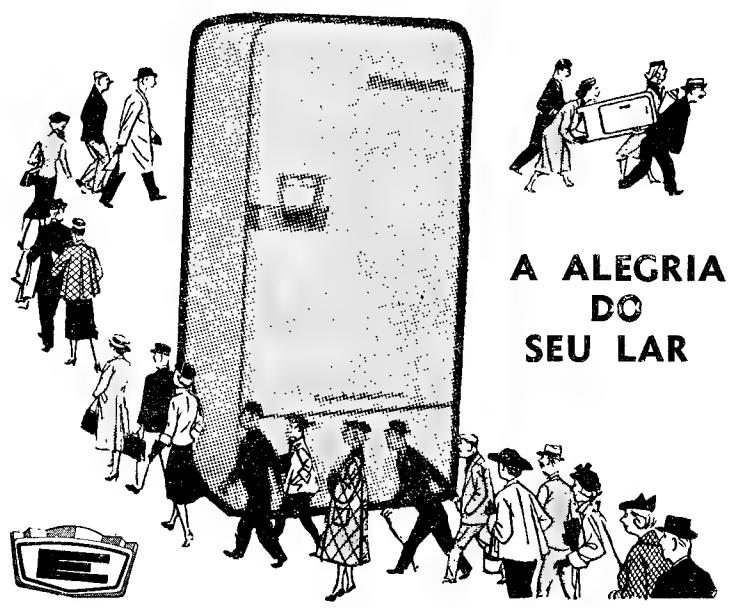
MAURÍCIO DINIS DO CARVALHAL

No avião da TAP, partiu para Luanda, em missão profissional, o sr. Maurício Dinis do Carvalhal Corrêa eHnriques (Torre-Bella), que vai percorrer, durante cerca de um ano, toda a província de Angola.

Estatuto dos Refugiados

Um decreto emanado do Ministério dos Negócios Estrangeiros aprovou, para adesão, a Convenção relativa ao estatuto dos refugiados, assinada em Genebra a 28 de Julho de 1951.

Emerson



A ALEGRIA DO SEU LAR

APRESENTA OS MAIS FAMOSOS FRIGORIFICOS
EXPORT DE LUXE
APROVEITAMENTO TOTAL COM TODAS AS ÚLTIMAS INOVAÇÕES TÉCNICAS
PREÇOS E CONDIÇÕES POPULARES
SÓ NOS NOSSOS REVENDEDORES
EXAMINEM!... E CONFRONTEM!
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

COSTA & BRITO, LDA.
RUA DA CONCEIÇÃO, 35 1.º LISBOA - TEL. 24253

INDÚSTRIAS

MINEIRAS • CONSTRUÇÃO E OBRAS PÚBLICAS • CONSTRUÇÃO NAVAL • METALO-MECÂNICAS, ETC.

Peças para construção de máquinas e acessórios, em AÇO VASADO ou FERRO FUNDIDO, em ligas normais ou especiais, segundo especificação e para todas as indústrias e aplicações.

•

MAXILAS • DENTES PARA ESCAVADORAS • PISOS PARA TRACTORES • RODAS PARA VAGONETAS • EM AÇO DE ALTA RESISTÊNCIA AO DESGASTE.

AA LISBOA
A MARCA DE CONFIANÇA

Ferro fundido de alta resistência G. N. - Patente da "The Mond Nickel, C.º"
Revestimentos para moinhos "Symons" - Licença da "Nordberg Manufact., C.º"

Laboratórios privativos de análise, e controle de fabrico.

MOLDAÇÃO MECÂNICA DE GRANDES E MÉDIAS SÉRIES.

consultem

ALFREDO ALVES & C.A FILHOS

LISBOA: Rua Academia das Ciências, 5

PORTO: Praça D. João I, 25-1.º - Telef. 24771

PREDIOS - Vende - Alguns a 8 %

Por 270 contos, no Cacém, próx. Estação C. Ferro e facilita 100.000$ á Caixa a 4%, de 4 inqs., grande volume, rendas baixas e 500 m2 de terreno, rende cerca de 7%.

Por 620 contos, na Margem Sul, isento 6 anos, 8 inqs. a 6 divis., 14 metros frente, distribuição de águas quentes e frias, revestido a marmorite, escada em pedra, rende 9%.

Por 980 contos, na Amadora, isento 6 anos, 11 inqs., cerca de 15 metros de frente, 6 e 7 boas divisões, esplendida construção, revestimento a marmorite, rende 8%.

Por 2.450 contos, á Av. 5 d'Outubro, isento 6 anos, 13 inqs. a 3 divis. assoalh. e todas as comodidades, rendas de 800 a 950$00. Optima construção revestida a marmorite, rende 156.000$.

Por 9.500 contos, em excelente Avenida de Lisboa, facilita 3.000.000$ á Caixa a 4%, de grande volume e de luxo, rendas muito em conta que actualmente valem mais, 10 e 12 divisões por inquilino, rende 604.000$.

TODOS OS PREÇOS SÃO SUJEITOS A OFERTA E RECEBEMOS GRATUITAMENTE AS RENDAS

A CONTINENTAL

EM TRANSACÇÕES DE PROPRIEDADES NÃO HÁ IGUAL !!!

PRAÇA DA ALEGRIA, 44-2.º — LISBOA

Telefs. 21607, 366408 e 367347

SOCIEDADE PORTUGUESA DE PETROQUÍMICA

S. A. R. L.

CAPITAL REALIZADO 150000 CONTOS

Rua dos Navegantes, 53-2.º Esq. — Lisboa

Empreendimento integrado no II Plano de Fomento

PRODUÇÕES PRINCIPAIS:

GÁS, para a concessão municipal das COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE **e AMONÍACO, POR VIA QUÍMICA, para as** FÁBRICAS DE ADUBOS AZOTADOS **de** NITRATOS DE PORTUGAL, PRODUITS ET ENGRAIS CHIMIQUES DU PORTUGAL (SAPEC) **e** UNIÃO FABRIL DO AZOTO (UFA).

MATÉRIAS PRIMAS:

AR ATMOSFÉRICO, PRODUTOS e SUBPRODUTOS da REFINARIA DA SACOR

OBRIGAÇÕES DE 5 % - 1960 - 2.ª EMISSÃO

Emissão de 25 000 obrigações de cupão, do valor nominal de 1 000$00, autorizada por Portaria publicada no Diário do Governo, III Série, n.º 209, de 7/9/1960

As obrigações vencem o juro de 5% ao ano, cativo de impostos para os obrigacionistas, pagável semestralmente em 1 de Abril e 1 de Outubro de cada ano.

O primeiro pagamento de juro verificar-se-á em 1 de Abril de 1961 e corresponderá ao período de 15 de Outubro de 1960 a 1 de Abril de 1961.

As obrigações serão amortizadas a partir de 1964, em 1 de Abril de cada ano, pelo valor nominal e por sorteio, durante 15 anos.

A amortização poderá ser antecipada, também por sorteio, a partir de 1974, inclusive.

CONDIÇÕES DA SUBSCRIÇÃO

— **As obrigações serão oferecidas ao público, pelos estabelecimentos de crédito que tomaram firme a emissão, pelo preço de 1 000$00 cada uma, sendo o seu integral pagamento feito no acto da subscrição.**

— **As subscrições ficarão sujeitas a rateio, em que serão respeitadas as pequenas subscrições.**

— **As obrigações serão ao portador e os títulos de 1, 5, 10 ou 20 obrigações.**

— **A subscrição estará aberta de 10 a 15 de Outubro, nos seguintes estabelecimentos de crédito, suas filiais, agências e dependências:**

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA
BANCO DE FOMENTO NACIONAL
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FONSECAS, SANTOS & VIANNA
BANCO JOSÉ HENRIQUES TOTTA
BANCO LISBOA & AÇORES
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS

LISBOA, 6 de Outubro de 1960

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

QUEIJO TIGRE

A qualidade da marca «TIGRE» nunca altera. O seu sabor é incomparável. Peça ao seu fornecedor e no Restaurante a marca «TIGRE».

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo.

A FINANCIADORA
Companhia Nacional de Crédito S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 3 — Tel. 24446

5 %
S/ AUTOMÓVEIS E 6 % S/ PROPRIEDADES EMPRESTAMOS C/ RAPIDEZ
ORCOSI
R. 1.º DE DEZEMBRO, 45

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

FÁTIMA
PEREGRINAÇÃO
EM 12 E 13 DE OUTUBRO EM MODERNOS AUTOCARROS
Informações e Inscrições: Empresa EDUARDO JORGE, Venda Nova - Amadora — AGENCIA EM LISBOA: R. Jardim do Regedor, 35 — Tels. 30971 e 30972.

CASAMENTOS
Só será feliz se for servido pela Pastelaria
A CONQUISTADORA, LDA.
14, Rua Gomes Freire, 16
Telef. 46247
Uma certeza em bem servir e seriedade

LIVROS DE ESTUDO
Novos e usados, vende, troca, compra a **Académica de D. Felipa,** Livraria do Bairro Social, entre o Liceu D. Felipa e a Estatística. Vende económicamente todos os artigos de papelaria. Brindes aos compradores. Tel. 770661.

A sessão de ontem á noitena Sociedade de Geografia

(Continuação da página central)

sar da boa fé, da inteligência, da capacidade, da dedicação e do sacrifício de muitos republicanos, não se puderam evitar grandes motivos puderam evitar grandes motivos de justa crítica e de censura. Mas, também, ninguém poderá negar que grandes foram os progressos que se verificaram desde então!».

O antigo ministro e governador da Guiné acentuou depois o valor da obra do regime em terras de além-mar, com o mesmo espírito de justa e equilibrada análise objectiva, afirmando «que foi o Ultramar que mais ficou devendo ao regime republicano».

«Que o regime tenha cometido faltas e erros — prosseguiu —, quem o poderia negar! Mas que soube vencer das maiores crises que assoberbaram a vida nacional, também é inegável. Bastará recordar a intervenção na primeira Grande Guerra, com a participação armada no mar e em França, ao lado de aliados nossos, e a defesa do Ultramar, nas operações do Sul de Angola e de Moçambique. Avultam nessas campanhas as figuras heróicas de Afonso de Cerqueira, Gomes da Costa e Carvalho Araújo — para lembrar apenas alguns nomes dos mais destacados republicanos desaparecidos — nomes e feitos que são lídimo património nacional».

E o orador assinalou, depois, as grandes dificuldades que ao regime se depararam nos primeiros anos da sua existência:

— O atraso em que nos encontrávamos, associado ás perturbações dos primeiros tempos do regime e ainda ás duras provas de uma guerra, bem podem explicar os embaraços em que os governantes tinham de se debater. Eram crises sucessivas que se acumulavam e o processo institucional republicano tinha de levar o seu tempo. Mais tarde, já em plena e madura evolução, outras grandes dificuldades, como foi a segunda grande guerra, puderam ser enfrentadas e debeladas, com os melhores resultados e sem grandes sobressaltos, graças á consolidação de uma situação financeira, económica e política que nos permitiu orientar o nosso próprio destino, sem ser arrastados na órbita de ninguém, a não ser pela observancia dos compromissos livremente assumidos.

«O mesmo acontece nos dias de hoje, em que nos sentimos firmes e absolutamente decididos a manter a nossa política tradicional de unidade e a resistir a todas as pressões inconfessáveis e aos desvários incompreensíveis que tristemente ilustram o cenário da política internacional. Tudo isto foi e é possível sob o regime republicano».

«A Costa de Africa é hoje a terra da Esperança Lusitana»

Prosseguindo, o almirante Sarmento Rodrigues acentuou os aspectos dominantes e mais valiosos da obra da Republica e nos seus notáveis e profundos efeitos nas províncias ultramarinas:

«E' da minha própria vida, como marinheiro, o contraste entre a estagnação, o marasmo, o torpor — se quiserem, os mais optimistas, a doçura inconsciente da vida, nos portos das terras africanas portuguesas, nos primeiros decénios deste século; e a mudança radical para a actividade febril dos dias de hoje. Burgos sonolentos, que se transformaram em cidades magníficas; novas cidades; portos congestionados, milhares de quilómetros de linhas férreas, barragens, liceus, escolas técnicas, aeroportos, fábricas, piscarias, minas. Longe o tempo das doenças fatais e mortíferas. Os homens brancos trabalham hoje lado a lado dos seus irmãos negros, no mar, nos campos ,nas oficinas».

Com vibrante emoção, o ilustre orador exclamou:

— A Costa de Africa é hoje a terra da Esperança Lusitana! Acabaram as companhias magestáticas, as hipotecas ao estrangeiro. O Lago Niassa voltou á participação da soberania portuguesa. Os Portugueses tornaram-se senhores dos seus destinos.

«Tudo isto foi obra da Republica? Sem duvida! Mesmo para os mais cépticos, do que não pode restar sombra de duvida é que foi possível realizá-lo sob o regime republicano em que temos vivido.

Apelo à unidade nacional

Calorosos aplausos sublinharam aquelas palavras do almirante Sarmento Rodrigues, que analisando estes 50 anos de vida nacional, prosseguiu:

— A obra está á vista. E' uma Nação inteira, do Minho a Timor, redimida, restaurada, engrandecida, remoçada. Todos quantos somos nos podemos dela orgulhar! E, neste momento, sinto que é dever absoluto de todos nós fazer todos os sacrifícios para a defender e preservar.

Ainda no meio de aplausos, o orador lançou o seu vibrante apelo patriótico:

— Para tanto, se queremos garantir a nossa independência e a própria sobrevivência nacional, penso que temos de esquecer e pôr de parte divergências, queixas, amarguras, decepções, para contemplar apenas os mais altos objectivos da política nacional, para a qual é indispensável a força da unidade que nos permita enfrentar e destruir as tremendas ameaças que nos cercam e se avolumam cada vez mais. Temos de olhar mais além, para fora do nosso pequeno mundo. Dentro da feliz tranquilidade em que vivemos não tenhamos a cómoda ilusão de que a tempestade há-de passar, se da nossa parte, não estivermos apetrechados para a luta.

Continuando com a mesma emoção:

— Porque, se é certo que as acusações que nos fazem são, na sua maior parte, infundadas e quase sempre malévolas, tendenciosas, criminosas, também não me parece que elas se desfaçam com a graça de um raio de luz que ilumine e dulcifique os espíritos obsecados dos nosos encarniçados inimigos — que na barreira, até agora impenetrável da paz lusitana, encontram o maior obstáculo aos seus inconfessáveis propósitos, em que o ódio, a frustração, a cupidez, o imperialismo económico e político, desempenham os principais papéis. Não o creio! Temos de encarar a necessidade de afrontar decididamente a situação. E só unidos podemos vencer, como até agora temos vencido!

E, por entre ovações:

— Eu apelo para todos os Portugueses, da Europa como da Africa e do Oriente, dos continentes e das ilhas, para que mutuamente se contemplem e se confiem, se unam, neste momento crucial, para empreender o esforço indispensável de defesa contra os perigos que os ameaçam de morte, a todos e a cada um.

E terminou, por entre calorosos aplausos, numa comovida homenagem á memória dos que têm servido a Pátria, abraçados no ideal, e com uma exortação ao que desejam a Republica engrandecida: — «Para que todos os republicanos, de alma limpa e olhar posto no mesmo ideal dos primeiros tempos, possam, agora e sempre, ao bradar Viva a Republica, sentir que no seu íntimo estão também dizendo: — Viva Portugal!»

O discurso de Urbano Rodrigues

Urbano Rodrigues começou por fazer o elogio do almirante Sarmento Rodrigues, cujo discurso enalteceu em termos calorosos. Como jornalista, de tradições republicanas, vincadas nas campanhas da propaganda, antigo director de «O Mundo», Urbano Rodrigues foi o cronista vibrante com entusiasmos e fulgurações, ao evocar as jornadas para a proclamação do regime e a obra dos que o ergueram, o consolidaram e o prestigiaram.

— Em 5 de Outubro de 1910 — começou por evocar —, o povo de Lisboa, apoiado por elementos da guarnição militar e pela Marinha de Guerra, proclamou a Republica, tendo apenas a opor-se-lhe, em defesa da Monarquia, Paiva Couceiro com algumas peças de artilharia e umas duzias de soldados que encontrou na Amadora. O País inteiro aceitou em boa expectativa o novo regime, que vinha sendo reclamado em comícios e sessões de propaganda, cada dia mais impressionantes pelas multidões de descontentes que reuniam e pela chama de ideal que animava os principais caudilhos da revolução.

Assinalou a decomposição do regime monárquico, acentuando-se pela administração ruinosa, pelas ambições, no ambiente de lamentáveis dissenções e desapego, até com a falta de dedicação ao próprio rei, e o facto de que alguns dos grupos de partidários não monárquicos hesitaram em colaborar com os republicamos em algumas tentativas revolucionárias.

Descreveu o ambiente dos primeiros e difíceis tempos do novo regime, as tentativas perturbadoras dos monárquicos e outros obstáculos que não entravaram, contudo, o esforço de que resultou a obra notável da Republica.

— Todavia — acrescentou —, não podem os mais apaixonados adversários dizer com justiça que nada de util se tenha realizado durante os primeiros Governos da Republica. Em matéria de Administração, muito se conseguiu até, através da desorientação que dominava. O dr. Afonso Costa, chamado pelo presidente Arriaga a organizar o primeiro Governo constitucional, tomou para si a pasta das Finanças; e logo, no prazo devido, apresentou e fez aprovar, depois de discutido na Camara, um orçamento com «superavit» após largos anos de «déficit».

Deteve-se, ainda, a analisar os factos históricos relacionados com a nossa intervenção na primeira Guerra Mundial, exaltando o valor desse esforço e o seu alcance patriótico na defesa da integridade da soberania nacional.

E afirmou:

— Nesse período tão difícil, também, o dr. Afonso Costa, apoiado valiosamente por Teixeira Gomes, nosso representante em Londres, prestou altos serviços á Nação. Se pode haver ainda quem discuta, a História há-de, certamente, reconhecê-los um dia.

Prestando homenagem aos bravos combatentes em Africa e na Flandres, tornou a acentuar a notável e esforçada acção do dr. Afonso Costa na Conferência da Paz, da qual resultaram as reparações e os benefícios devidos ao País.

Falou, depois, da eleição de Teixeira Gomes para a suprema magistratura da Nação, com as maiores esperanças, fundadas no seu alto prestígio, no seu valor, na sua digna elevação, no seu espírito de fidelidade aos princípios constitucionais. E prestou comovida homenagem á memória do estadista, modelo de dignidade e rara elegancia moral.

Falou de várias «tentativas de administração», salientando a acção do prof. Marques Guedes, e evocou o movimento do 28 de Maio e seus objectivos, terminando com um apelo á concórdia e á união de todos os Portugueses, que foi secundado por vibrantes aplausos.

O discurso do coronel Ricardo Durão

A seguir falou o sr. coronel Ricardo Durão, que, com a sua habitual vibração oratória, começou por prestar homenagem ao sr. conselheiro Albino dos Reis.

Evocou o passado da Nação, em oito séculos de História sob a Monarquia, e as glórias do passado, apontando os erros que fizeram tombar o regime. Referindo-se á proclamação da Republica, evocou epsiódios históricos, apontando as defecções e a indiferença daqueles que deviam defender o regime deposto.

Falando nos dezasseis anos da Republica, disse que não foi apenas um período de trevas, pois houve largos e elevados exemplos de idealismo e de fervor patriótico, rasgos de individualismo e reacções colectivas de extenso nacional, evocando os heroismos da primeira Grande Guerra e das campanhas de Africa e consolidação dos direitos de Portugal. Citou os bravos daquelas históricas jornadas, larga teoria de intrépidos e abnegados patriotas e idealistas onde fulguram os nomes dos paladinos e defensores da Republica.

O sr. coronel Ricardo Durão lembrou as perturbações nos anos difíceis da Republica, recordando os trágicos episódios do 19 de Outubro, condenados por todos os Rebublicanos, por todos os Portugueses conscientes e dignos, prestando homenagem ao nobre espírito humanitário de Carlos da Maia, á decidida coragem do comandante Vasconcelos e Sá, resistindo de armas na mão, em sua casa, aos tripulantes da «camioneta fantasma» que o iam buscar, e á bravura de Cunha Leal, tentando defender, com risco da vida, gravemente ferido, a vida de António Granjo, abnegação que lhe valeu uma aura de perstígio.

Referindo-se ainda aos trágicos sucessos daquele sombrio movimento e á morte de alguns precursores da Republica, o orador exclamou:

— Isto não são crimes da Republica. Protesto contra a designação específica! Isto são crimes inerentes atodos os regimes que se arriscam a um máximo de tolerancia, sem disporem de um mínimo de força.

O coronel Ricardo Durão, analisou depois, alguns aspectos político-sociais em que se fundamentam os regimes. Repudiou, com veemência, o liberalismo, acentuando aquilo que considera uma monstruosidade, atentatória dos interesses nacionais, ou seja o direito á greve, pois entende a necessidade de um regime estruturalmente forte em que o Estado exerça a arbitragem para evitar a luta de classes. Expôs o seu conceito de democracias, que julga não ser incompatível com qualquer regime progressivo, o qual tem de ser forte para não caír no tumulto da rua. Disse que a democracia não foi ultrapassada e que se pode justapor á organização corporativa, defendendo a democracia organica tal como é preconizada pelo prof. Oliveira Salazar.

Fez a calorosa exaltação do 28 de Maio e do Estado Novo e das figuras proeminentes, elogiando, em especial, o Presidente do Conselho, e recordando a memória de Sidónio Pais e de outros precursores da situação actual. E, a terminar dirigiu o seu apelo á união e á concórdia:

«Republicanos da velha guarda: a vossa hostilidade é uma obsessão e a vossa desconfiança uma rabugice. Estendei-nos, hoje ao menos, a vossa mão honrada de velhos democratas».

«De um momento para o outro podem surgir dificuldades, complicações, conflitos cuja extensão se não prevê para a nossa Pátria comum. No foro íntimo pode haver entre nós ressentimentos, divergências, acerbas discussões, mas todos comparecemos, como um só homem, quando o clarim toca a unir, diante da integridade atingida ou da fortaleza ameaçada; e só ficam de fora os homens sem Pátria».

O sr. coronel Ricardo Durão foi muito aplaudido.

Fala o dr. Albino dos Reis

O sr. conselheiro Albino dos Reis, ao começar o seu discurso, sereno e ponderado, e que foi, não poucas vezes, sublinhado por aplausos calorosos, prestou homenagem á comissão promotora das comemorações do 50.° aniversário da Republica na pressoa do seu presidente, prof. Bissaia Barreto.

Depois de elogiar os oradores e de falar do significado da comemoração, referiu-se á necessidade de edificar e fortalecer a coesão da família portuguesa, tão necessária, nesta hora crucial, de decisiva prova da coragem cívica e da consciência nacional dos Portugueses e da nossa capacidade integral de sobrevivência em meio da geral desorientação e de tantas deliquiscências.

Acentuando, ainda, o significado das comemorações, que podem concorrer para o fortalecimento do espírito nacional e dos laços da grande família portuguesa, prestou homenagem aos que sinceramente se bateram por um ideal, indissoluvelmente ligados aos grandes interesses da Pátria», o orador acrescentou:

— Seria, na verdade, um intuito extremamente mesquinho o de, ao cabo de 50 anos de vida do regime, tentar, embora em vão, reacender no coração dos Portugueses a chama ardente e incontrolável dos ódios que dividem e destroem e cujo clarão sinistro iluminou trágicamente algumas cenas tristes, dolorosas, confrangedoras da nossa História. Aquilo de que carecemos, neste momento, não é de buscar oportunidades para enfraquecimento e depressão do sentimento nacional, mas sim de motivos de exaltação de virtudes e profundas energias da raça portuguesa.

Ao evocar os 50 anos de Republica em Portugal, com «dias de glória e dias de abatimento, horas altas de triunfo, horas de amargura e desespero», pois «no mundo moral e político, como no mundo físico, nem todos os dias são luminosos e serenos», afirmou:

— Compreender isto, pensar que não há homens, nem instituiçqes, nem povos perfeitos é preparar o espírito para uma visão generosa da História e para prestar justiça aos homens publicos e ás instituições.

O sr. conselheiro Albino dos Reis prosseguiu:

—É a esta luz que o País deve comemorar esta etapa do regime republicano. Há valores, há objectivos, há empre as que transcendem as formas de organização política da Nação. Há grandes empreendimentos nacionais a realizar; há perigos mortais a conjurar; há, enfim, o mesmo Portugal e o seu futuro a levantar-nos os olhos e os corações para esferas que transcendem as das formas políticas de Governo.

«O País sentiu a necessidade premente de ,independentemente de preferências ideológicas, numa base politica estável, reorganizar toda a sua vida e colaborar na obra imensa de restauração nacional. E essa necessidade é cada vez mais premente e mais clara aos olhos de todos».

Pensamento de reconciliação

Exclamou, depois, o orador: — *Meus senhoros:* não viria aqui, neste momento, com a consciência das responsabilidades oficiais e da minha idade, se tivesse de trazer a esta sessão uma palavra acerba ou facciosa na comemoração de um facto á volta do quel houve vencedores e vencidos! Eu não viria aqui para acordar ecos de lutas passadas, para evocar um espisódio sangrento das nossas lutas políticas! Inclino-me, respeitosamente, perante os sacrifícios e o idealismo de um e de outros. Vim, porque me pareceu oportuno, em momento tão perturbado dos destinos do Mundo, aproveitar o ensejo para tirar do passado a ilacção de que não devemos cavar na sociedade portuguesa abismos políticos intransponíveis, de que todos podemos colaborar na grande empresa de assegurar o futuro do País e a sua prosperidade e de que se algum avez na nossa História a união se impôs nunca o foi com tanto império para a consciência dos que sem distinção de credos políticos são verdadeiramente portugueses!

Terminou por, no meio de aplausos, encerrara a sessão, com «esse pensamento de reconciliação portuguesa, saudando a Republica na pessoa do Chefe do Estado, expressão superior da unidade da Pátria».

A Sociedade Promotora

festejou o seu 56.° aniversário e o cinquentenário da Republica

A Sociedade Promotora de Educação e Recreio esteve ontem em festa, para comemorar o 56.° aniversário da sua fundação e o cinquentenário da implantação da Republica.

Houve primeiro um bodo a sessenta pobres, cada um dos quais recebeu um donativo de 20$00. Cerca das 15 horas foi servido uma merenda ás alunas das escolas da Sociedade, em numero de 150.

No amplo salão de festas efectuou-se, pelas 16 e 30, uma sessão solene á qual presidiu o sr. Domingos Dias Junior, em representação da Federação das Sociedades de Recreio. Ladeavam-no os representantes do Grupo Dramático Lisbonense, da Voz do Operário, da Armadense Recreativa e do Clube Cultural Renascença. Na mesa da presidência tomaram ainda lugar o sócio numero um e unico fundador vivo da instituição em festa, sr. Estácio José Barros, e o representante da Sociedade Alunos de Apolo.

O salão encheu-se de sócios e famílias. No palco, o busto da Republica fora colocado sobre a bandeira de sede da Promotora.

Usaram da palavra o sr. Jaime de Castro Soveral, presidente da Promotora, António Palma, pela Voz do Operário, José Taveira dos Santos, pela Sociedade Alunos de Apolo, dr. Ferreira de Sousa, da Armadense Recreativa, Carlos Marques, pelo Clube Cultural Renascença, António Pereira Alves e Domingos Dias Junior.

No decorrer da sessão foi entregue, ao sr. eng.° Manuel Plácido Pires, o diploma de sócio com mais de 25 anos de associado. A assistência distinguiu o sr. Manuel Pires com calorosos aplausos.

A sessão foi encerrada com vibrantes vivas á Republica e a Portugal.

Festa de confraternização

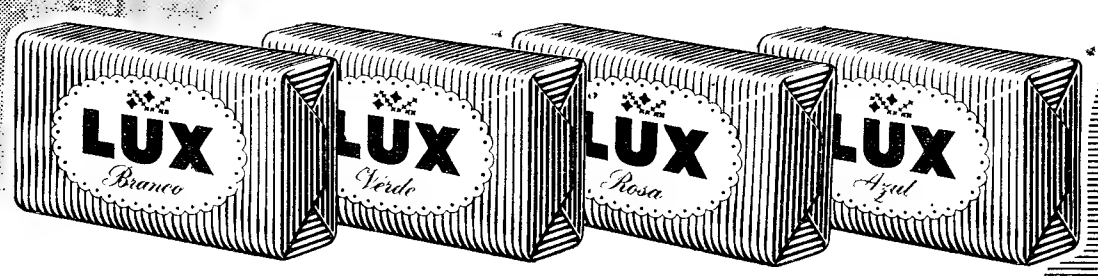
no Centro Escolar Republicano de Alcantara

O Centro Escolar Republicano de Alcantara que, a exemplo dos anos anteriores, ornamentou a sua sede com bandeiras, iluminando-a á noite, promoveu ontem, á tarde, uma festa de confraternização dos sócios e suas famílias, distribuindo uma merenda aos alunos que frequentam as suas escolas. Estiveram presentes os corpos directivos. O sr. Armando de Azevedo, vice-presidente da direcção e director da escola da colectividade, dirigiu palavras aos pequenos estudantes, incitando-os a respeitar as suas professoras e a cumprir os seus deveres para com elas e suas famílias.

Há para si

tanta beleza em LUX!

Toda a graça e toda a sedução da beleza feminina estão ao seu alcance. Siga o exemplo de Pier Angeli cuja beleza é um êxito. Use Lux. Lux é para a sua pele um verdadeiro tratamento de beleza que a torna suave, macia, docemente aveludada. A espuma e perfume de Lux, agora na cor que o seu bom gosto escolher, descobrem em si a beleza natural que ambiciona. Como as estrelas de cinema, confie em Lux e a seus olhos resplandece toda a fascinação da verdadeira beleza.



Diz a actriz PIER ANGELI:
«Penso que se usar uma vez Lux, branco ou em cores, também você passa a confiar nele».

9 de cada 10 estrelas usam LUX

60 LT 53

INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA. SACAVÉM

FESTA E SEMPRE FESTA
PARA QUEM JOGA
NO

TESTA!

AGORA:
MAIS PROBABILIDADES...

Menos bilhetes — Prémios maiores!

NOVO PLANO DA LOTARIA

1.º PRÉMIO — 1 200 CONTOS
2.º PRÉMIO — 200 CONTOS
3.º PRÉMIO — 100 CONTOS
4.º PRÉMIO — 50 CONTOS

BILHETES: 150$00 MEIOS: 75$00
DÉCIMOS: 15$00

VIVA EM FESTA... JOGANDO...
NO

TESTA

74, Rua do Arsenal, 76 — LISBOA

BREVEMENTE OS NOVOS MODELOS
CANETAS Geha GOLDWING
DIFERENTES DE TUDO QUANTO HÁ

Em Abrantes, o «Diário de Lisboa» encontra-se à venda na agência Casaca & Martins

Feiras internacionais

A C. P. e os Caminhos de Ferro estrangeiros concedem reduções em todas as classes aos visitantes das feiras internacionais a seguir indicadas:

ÁUSTRIA
Graz (de 1 a 9 de Outubro de 1960).

SUIÇA
St. Gallen (de 13 a 23 de Outubro de 1960).

Pedir esclarecimentos:
— na Secção de Informações na estação de Lisboa (Rossio);
— nas estações de Caminhos de Ferro habilitadas a vender bilhetes de serviço internacional.

QUINTA VALIOSA NA LINHA DO ESTORIL

Vende-se com casa de categoria e todas dependências. Como fica em zona urbanizada tendo 50 mil metros poderá ser urbanizada em grande parte. Telefonar a 047340.

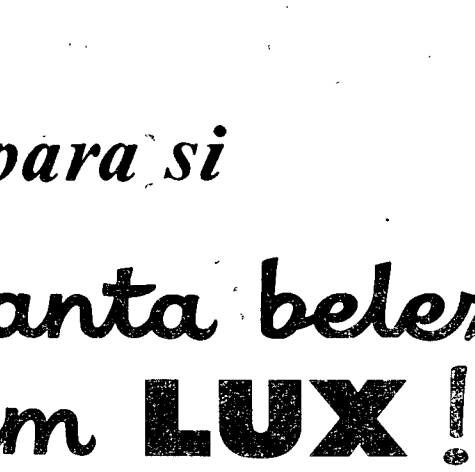
ESTORIL

+

BENEDICTO JORGE COELHO

Missa do 30.º dia

Sua viuva e filha participam ás pessoas das suas relações e amizade que amanhã dia 7, ás 9 e 30 horas, na igreja de Sto. António do Estoril, será celebrada missa por alma do seu saudoso marido e pai. Agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem a assistir a este piedoso acto. Aproveitam também para agradecer a todos os que os acompanharam neste triste transe.



PERKINS DIESEL

A MARCA QUE CRIA UM AMIGO EM CADA CLIENTE

Motores marítimos, Industriais, agrícolas e para transportes

■

Peças legítimas

■

Recebidos directamente da fábrica

Consultem os DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL

AUTO INDUSTRIAL, LDA.

LISBOA — PORTO — COIMBRA — LEIRIA

SURDEZ

OCULOS AUDITIVOS «BONOCHORD»
de resultados surpreendentes
os mais estéticos, práticos e económicos
APARELHOS DE (H. F.) ALTA-FIDELIDADE
para os casos de surdez mais difíceis
Demonstrações, trocas, facilidades de pagamento
Peça folhetos grátis

MICRO-SOM, LDA.

CASA ESPECIALIZADA EM PROTESE AUDITIVA
LISBOA: AV. ALMIRANTE REIS, 75, 1.º ESQ. — FARO: CASA SERRA

OBTENHA DAS SUAS ECONOMIAS O MELHOR RENDIMENTO APLICANDO-AS EM OPERAÇÕES DE CRÉDITO COM

GARANTIA REAL
NA

A FINANCIADORA
COMPANHIA NACIONAL DE CRÉDITO
S. A. R. L.

Sede: Av. da Liberdade, 3-2. — LISBOA ✻ Sucursais no Porto e Coimbra

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» dava no dia 6 de Outubro de 1930 notícia das comemorações da data da implantação da Republica, pelo povo, pela força armada, pelos jornalistas e pelas entidades oficiais. Contingentes de várias unidades acompanharam a romagem que saiu da Praça Marquês de Pombal para o cemitério do Alto de S. João, houve recepção nos salões dourados do Palácio Presidencial, onde compareceu todo o corpo diplomático, e os jornalistas republicanos reuniram-se num almoço que foi uma bela demonstração de solidariedade. No mesmo dia, foi inaugurada no Parque Eduardo VII a grande estufa fria.

PROGRAMAS DE RÁDIO

Programa A — 451 m. — 655 kc./s. A's 17: A casa e o Mundo; 17 e 30: Cançonetas; 17 e 45: Orquestras ligeiras; 18: Noticiário; 18 e 10: Musica de dança; 19: Palestra da série Defesa Nacional; 19 e 10: Concerto, pelo sexteto de cegos, dirigido pelo violinista Augusto Coelho; 19 e 30: Programa da M. P.; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Melodias; 20 e 30: Cançonetas portuguesas; 20 e 45: Orquestras ligeiras; 21: Noticiário — Varanda da Europa, crónica do correspondente especial da E. N., em Paris; 21 e 20: Trechos em piano; 21 e 30: Vinte minutos com Shegundo Galarza; 21 e 50: Palestra da série Defesa da Língua Portuguesa; 22: Concerto ligeiro; 22 e 30: Os Grandes Momentos da História do Mundo; 23: Musica de dança; 23 e 25: Transmissão do Pavilhão dos Desportos, do relato do desafio de hóquei em patins, de juniores, Portugal-Alemanha, com comentários. No final, noticiário e encerramento.

Programa B — 397 m. — 755 kc./s. — A's 19: Intérpretes musicais; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Festival Sibelius, de 1960, realizado em Helsínquia, em gravações cedidas pela Radiodifusão Finlandesa; 20 e 40: Trechos das óperas «Fidélio», de Beethoven; e «O Príncipe Igor», de Borodine; 21: Noticiário — Comentário; 21 e 20: Separador; 21 e 30: Concerto pelo duo Adácio Pestana-José Carlos Picoto; 21 e 46: «Suonerá L'Ultima Tromba», cantata de Carissimi, pelo meio-soprano Ribacchi e a Orquestra Sociedade Corelli; 22: Horizonte, revista de letras e artes; 22 e 30: Musica contemporanea: Sinfonia «Jean de la Peur», de Marcel Landowski, pela Orquestra dos Concertos Pasdeloup, sob a direcção do maestro Albert Wolf; «A's Coeforas», de Milhaud, por cantores e a Orquestra Lamoureux, sob a direcção do maestro Markewitch; 23 e 30: Musica de tecla: «Imagens», 1.ª série, de Debussy, em piano, por Nenkemans; 23 e 45: Noticiário; 24: Encerramento.

RADIO CLUBE — A's 17 e 46: Recital de composições de Cruz e Sousa; 19: Variedades; 20 e 20: Solistas: 21 e 45: Orquestras; 22: Hot Club; 22 e 30: Curso de língua inglesa; 22 e 40: Imagens por musica; 23 e 30: Ritmos de baile; 23 e 45: Noticiário; 2 e 30: Fecho.

Emissor de Miramar — A's 17 e 55: Reabertura; 18 e 15: Musica regional portuguesa; 18 e 30: Ritmos de baile; 19 e 15: Intermédio musical; 20: Boletim informativo; 20 e 30: América Latina; 21: Noticiário; 21 e 15: Melodias; 21 e 30: Motivos portugueses; 21 e 45: Programa «Jazz»: 22 e 15: Leitura; 22 e 45: Casa do Alentejo; 23: Rua Larga; 23 e 30: Orquestras ligeiras; 24: Ritmos de baile; 0 e 28: Sumário; 0 e 30: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — A's 18: Encontro ás seis; 18 e 15: Noticiário; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 25: Leitura do programa e boletins religioso e do S. C. R.; 19 e 30: Chuva de estrelas; 20: França, Horizonte do Mundo; 20 e 15: Separador musical; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Programa das nove; 22 e 35: Arte e artistas; 23: A 23.ª hora; 23 e 55: Noticiário; 24: Fecho.

RADIO UNIVERSIDADE — A's 18: Marcha, anuncio de abertura e resumo do programa; 18 e 2: Viagem musical; 18 e 20: Discos pedidos; 18.40: Noticiário; 18,45: Vozes e canções; 18 e 53: Anuncio de encerramento e marcha; 18 e 55: Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30: Rádio Graça; 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 ás 2: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

A's 20 e 30, Abertura, 20 e 32, Telejornal (1.ª edição); 21: Culinária; 21 e 15. Transmissão dos Estudios do Porto: António Pedro conversa sobre Teatro; 21 e 45. «Lisboa em camisa», de Gervásio Lobato (7.º episódio) — «A Soirée Masquée»; 22 e 15, «Os quatro homens justos» — «O rapto do sábio», com Jack Hawkins (oferta Mabor); 22 e 40, «Sete canções antigas», de Vítor Macedo Pinto, por Madalena Andersan (cantora), Luís Boutton (flauta) e Vítor Macedo Pinto (piano); 23 e 5, Telejornal (2.ª edição).

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO I: União—Estrada de Benfica, 592-594, Tel. 780092; Vitex — Estrada de Benfica, 373-B, Tel. 780548; Curie — Avenida Madame Curie, 15-A, Tel. 778439; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Laranjeiras (Das) — Rua Filipe da Mata, 160-162, Tel. 761035; Central do Lumiar — Rua do Lumiar, 77 — Tel. 790480; Douro — Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B — Tel. 791131; Brasília — Avenida Rio de Janeiro, 66-66-A — Tel. 722368; Aeroporto (Do) — Avenida do Aeroporto, lote 318, loja D, — á Avenida D. Rodrigo da Cunha — Tel. 722384; Sanex — Avenida da Igreja, 31-C, Tel. 776905; São João de Deus — Rua Pedro Ivo, 1-A/B, Tel. 725140; Algarve — Avenida de Roma, 7-B, Tel. 777478; Campo Pequeno (Do) — Avenida da Republica, 58-D-E — Tel. 771661; Avenidas (Das) — Avenida da Republica, 27-A — Tel. 733688; Palma — Avenida Duque de Avila, 25-31, Tel. 47088; Universal — Rua Actor Taborda, 5-7 — Tel. 44158 — A — Império, Lda. — Rua Filipe Folque, 40-A/B, Tel. 48002; Salus — Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 42239; Ascenso — Rua 27, 41; Bairro da Encarnação, Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Conceição — Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 381279; Pereira, Suc. — Rua do Paraíso, 98-100, Tel. 863224; Silva — Calçada de Santo André, 16, Tel. 862074; Branquinho — Rua dos Sapadores, 47, Tel. 842725; Luzmar — Rua 2, 16-A — Bairro de Santa Engrácia (á Picheleira) Tel. P. P. C. 728395-720703; Ibéria — Rua Barão de Sabrosa, 235-A — á Alameda — Tel. 728277; Candido Monteiro — Av Almirante Reis, 121-B, Tel. 45751; Góis, Lda., Suc. — Rua dos Anjos, 12-C/D, antiga Rua do Registo Civil, Tel. 840101; Ribeiro & Castro, Lda. — Rua Braamcamp, 58, Tel. 43409; Salutar — Rua D. 75-A/B, B. da Liberdade, T. 683694; Judice de Oliveira — Rua de Campolide, 54-A, Tel. 684424; Pinheiro Rua de Campo de Ourique, 131-133, Tel. 686640; Urbano de Freitas — Rua Silva Carvalho, 1-9 — Tel. 662838; Tagus — Praceta Possidónio da Silva — lote 3, Tel. 669485; Bom Sucesso — Rua Bartolomeu Dias, 63, Tel. 611454; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C/D; Gomes, Suc. (Gonçalves) — Rua da Junqueira, 326, Tel. 638193; Dilena — Rua Aliança Operária, 49-A-B, Tel. 636620; Costa — Rua dos Lusíadas, 32, Tel. 636704; A. César — Rua Prior do Crato, 74, Tel. 660187; Pinheiro — Rua Presidente Arriaga, 16, Tel. 661867; S. Nunes Simões, Suc. — Rua do Quelhas, 1, Tel. 661275; Africana — Rua Bernardino Costa, 45, Tel. 29120; Pinharanda — Rua da Rosa, 94-96, Tel. 21534; Lima Amaro, Suc. — Praça da Alegria, 27-28, Tel. 21149; Cortez — Rua de São Nicolau, 93, Tel. 25378.

HORAS DAS MARÉS

BAIXA-MAR

Dia 5 — 21 e 30 (0,71 m.).
Dia 6 —9 e 40 (0,72 m.); 22 horas (0,78 m.).
Dia 7 — 10 e 16 (0,80 m.); 22 e 35 (0,92 m.).

PREIA-MAR

Dia 5 — 15 e 47 (4,45 m.).
Dia 6 — 3 e 58 (4,33 m.); 16 e 20 (4,38 m.).
Dia 7 — 4 e 32 (4,27 m.); 17 horas (4,24 m.).

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto,

ANIBAL - Gravador

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

CARTAZ DO DIA

TEATROS

ABC — A's 20,45 e 23 h. — «Espero-te á saída!».
COLISEU—A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Mulheres de sonho».
CAPITOLIO — A's 20 e 30 e 23 h. — «A vida é bela».

CINEMAS

TIVOLI — «Cartago em chamas».
S. LUIS — «Os caminhos da ambição».
POLITEAMA — «A capital do crime».
IMPÉRIO — «Os milionários de Filadélfia».
S JORGE — «Sangue sobre a India».
EDEN — «Escandalo ao Sol».
MONUMENTAL — «Sombras brancas».
ODEON — «Aonde vais, triste de ti?».
CONDES — «Forte apache».
ALVALADE — «Os caminhos da ambição».
RESTELO — «A casa dos sete gaviões».
AVIS — «Rififi».
ROMA — «Pedro, o pescador».
OLIMPIA — «Emboscada sangrenta».
JARDIM CINEMA — «Os barqueiros do Volga».
SALÃO IDEAL — «O rei da pradaria».
S. L. BENFICA — «O carrasco».
PROMOTORA — «O aprendiz do diabo».
CAMPOLIDE — «Fronteiras do orgulho».

Está na Metrópole

mais um grupo de Goeses

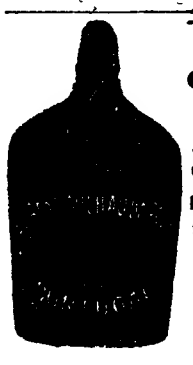
Encontra-se em Lisboa mais um grupo de portugueses de Goa, que, por iniciativa do Governo-Geral do Estado da India e com o patrocínio da Agência-Geral do Ultramar, permanecerão três semanas na Metrópole. Constituem este grupo dezanove portugueses de Goa de diversas classes sociais e entre eles destacam-se os padres Carlos de Abreu e Paulo Xavier Gualdino Lopes e dr. Alvaro da Costa, director do «Diário de Goa». As visitas começaram hoje de tarde á cidade, tendo os portugueses de Goa, acompanhados do sr. Barreto de Carvalho, da Agência-Geral do Ultramar, visitado a Sé, o Castelo de S. Jorge, a Igreja da Madre Deus e percorrido a parte nova da cidade.

Amanhã visitarão o Triangulo Turístico Lisboa, Sintra, Cascais, e o Estádio Nacional.

LARGOU DO TEJO

o cruzador francês «Colbert»

Com rumo ao porto de Toulon, largou ontem do Tejo o cruzador «Colbert», da Marinha de Guerra da França, que durante vários dias esteve em Lisboa, a fim de servir de quartel general do vice-almirante Max Douguet, comandante da área do Iberlant.



Tem Prisão de Ventre?

BEBA AGUA DO MOUCHÃO DA PÓVOA

Regularizador das funções intestinais

Laxativa

Dep. Geral: Conde Barão 48

Telefone 664378

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 T. 10	—	900$00	905$00
Cons 3 % T. 10	958$00	957$00	958$00
Cons 3 1/2 % T. 10	1.002$00	1.002$00	1.003$00
Centenários 4 % 1940	2.225$00	2.220$00	2.230$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	—	1.000$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	—	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	—	1.000$00
Externo 1.ª série	—	—	1.390$00
Ext. 1.ª série car.	—	1.360$00	—
Externo 2.ª série	—	—	—
Ext. 2.ª série car.	—	—	—
Externo 3.ª série	—	—	1.417$00
Ext. 3.ª série car.	—	—	—
Caut 3.ª série s/juro	—	—	212$00
Obrigações			
Águas Lisboa 5 %	—	510$00	—
Norte de Portugal 5 %	—	102$50	104$00
Gás Elect. 3 3/4 %	—	970$00	—
Gás Elect. 4 %	—	975$00	—
Gás Elect. 4 1/2 %	—	987$00	990$00
Gás Elect. 5 %	1.025$00	1.023$00	1.026$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	—
U. E. P. 4 % 1945	95$00	—	95$00
U. E. P. 4 % 1948	95$00	—	95$00
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—
U. E. P. 5 % 1951	100$00	99$50	—
U. E. P. 5 % 1952	—	99$50	—
Metropolitano	1.005$00	1.004$00	1.006$00
H. E. do Douro	—	—	1.013$00
C. P. 4 1/2	1.031$00	1.030$00	—
H. E. da S. da E. 5%	—	1.000$00	—
Acções			
Bancos			
Alentejo	—	—	—
Angola	—	—	—
Espírito Santo	—	—	—
Lisboa & Açores	—	2.550$00	—
Portugal	—	3.000$00	3.100$00
Ultramarino	1.725$00	1.723$00	1.730$00
Agricultura	69$00	68$00	69$50
Seguros			
Mundial	—	420$00	425$00
Soberana	—	1.400$00	—
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
C.as Ultramarinas			
Ag. Cassequel	1.045$00	1.040$00	1.050$00
Ag. das Neves	390$00	380$00	390$00
Agric. Colonial	—	325$00	340$00
Açucar de Angola	1.420$00	1.420$00	1.430$00
Boror	250$00	250$00	251$00
Cabinda	—	45$00	—
Cadá	—	2.050$00	—
Colonial do Buzi	134$50	134$00	136$00
Ilha do Principe	—	—	—
Incomati	2.000$00	2.010$00	2.050$00
Moçambique	—	82$00	83$00
Zambézia s/d.	107$50	107$50	108$00
Diamantes	587$00	586$00	588$00
Lobito	—	570$00	590$00

C.as diversas	Efect	Compra	Venda
Cimentos Tejo	—	670$00	—
Cimentos Leiria	—	560$00	600$00
Crédito Predial	—	61$00	61$50
Industrial Aliança	—	—	—
Portugal e Colónias	—	463$00	470$00
Nacional Navegação	—	1.060$00	1.090$00
Colonial Navegação	835$00	830$00	—
Port. de Celulose	—	2.800$00	2.900$00
Portuguesa de Pesca	—	—	—
Port. de Tabacos	303$00	303$00	304$00
Tabacos de Portugal	—	710$00	730$00
S. Estrela	—	—	—
Águas, Electricidade e Gás			
Águas Lisboa 1934	—	325$00	330$00
Águas Lisboa 1936	—	315$00	330$00
Eléct. das Beiras	—	1.650$00	1.680$00
Gás e Electricidade	347$50	347$00	347$50
H. Alto Alentejo	154$50	154$50	155$00
H. E. Cávado	1.301$00	1.300$00	1.305$00
H. E. Zêzere	—	1.290$00	1.310$00
Nac. de Electricidade	—	1.460$00	1.465$00
União Eléctrica Port.	—	174$00	175$00
H. E. do Douro	1.300$00	1.300$00	1.305$00

Cotações fornecidas por
PINTO DE MAGALHÃES, LDA. — Banqueiros

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	78$50	80$00
Alemanha	6$80	6$95
América:		
Dólares de 1 e 2	28$20	28$50
Dólares de 5 a 1000	28$40	28$70
Argentina	$32,5	$35,5
Áustria	1$10	1$15
Bélgica	$53	$57
Brasil	$14,3	$15,8
Canadá	28$70	29$20
Congo Belga	—$—	$40
Dinamarca	4$00	4$30
Espanha	$46,8	$47,8
França (N. Franco)	5$72	5$87
Holanda	7$45	7$75
Inglaterra	79$75	81$25
Itália	$04,55	$04,7
Marrocos	$04,7	$05,4
Noruega	3$85	4$15
Suécia	5$40	5$70
Suíça	6$60	6$72
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	266$00	276$00
Portugal — Barra	32$40	32$80
Portugal — Barra Fino	32$60	33$10

J. BURNAY, LDA. Notas estrangeiras
TELEF. 21273
RUA DO OURO, 72 Papéis de crédito

CURSOS PRÁTICOS

— DE —

Guarda-livros | Ajudantes
Correspondentes | Dactilógrafos

AMBOS OS SEXOS, A HORAS DIFERENTES
AULAS DIURNAS E NOCTURNAS

Pedir folheto elucidativo á

ESCOLA PORTUGUESA DE COMÉRCIO

EXTERNATO

Director: PROF. MÁRIO DO CARMO PERES

40, Rua Antero de Quental, 42 Telefone 42073 — LISBOA-1

Foi adiado o julgamento do dr. Jean-Jacques Valente

A defesa alegou que ele não se encontra no pleno uso das suas faculdades

O colectivo do Tribunal de Sintra, presidido pelo corregedor dr. Constantino de Meneses Cardoso, que tem como ajudantes o juiz da comarca, dr. Bernardino Rodrigues de Sousa, e o dr. Ilídio Bordalo Soares, iniciou hoje o julgamento dos réus do «crime do Guincho», dr. Jean-Jacques Valente, ex-cabo Marques Gil, sr.ª D. Renée Marie Roux Marques Valente, mãe do primeiro incriminado; sr. D. Maria José Maldonado de Sequeira, companheira do capitão Almeida Santos, e sua mãe, sr.ª D. Odília Maldonado.

O julgamento foi suspenso *sine die* ao fim desta primeira sessão, devido ao facto de o dr. Sidónio Rito, patrono do dr. Jean-Jacques Valente, ter apresentado um requerimento no sentido de ser feito um exame ás faculdades mentais do seu constituinte. O tribunal deferiu este pedido, manifestando, no entanto, a sua estranheza por este pedido não ter sido apresentado quando do julgamento do Tribunal de Santa Clara, em que era também réu o dr. Jean-Jacques Valente.

O dr. Constantino de Meneses Cardoso ditou para a acta o deferimento de tal requerimento, aconselhando o internamento não num estabelecimento clínico, conforme se sugere no pedido em questão, mas antes no anexo psiquiátrico da Penitenciária.

Só depois do parecer deste departamento prisional é que o dr. Jean-Jacques Valente poderá, mediante requerimento ao ministro da Justiça, transitar para um estabelecimento especializado daquela natureza.

Numa segunda sessão, a efectuar quando da abertura das audiências relativas a este caso serão declarantes o alferes Fernando Mourão, detido até há dois dias, que será provàvelmente demitido das suas funções militares; o irmão do morto, sr. Dário José de Almeida Santos; os advogados drs. Artur Cunha Leal e Francisco de Sousa Tavares; o chefe de brigada da P. I. Saraiva Teixeira, os agentes Parente, Urbano e João Alves Serras.

Entre as 17 testemunhas de acusação encontra-se ainda Carminda da Silva Leal, antiga criada do dr. Jean-Jacques Valente, que ocultou os réus em sua casa após o crime. Das 40 testemunhas de defesa constam o sr. capitão Revés Romba, companheiro do réu em Santa Clara; o general Costa Lopes, a sr.ª dr.ª D. Maria Lígia Cabeçadas, o dr. Rui Cabeçadas, o p.e Miguel Ponces de Carvalho e o major Décio Tito de Freitas. Deporão a favor da sr.ª D. Renée Marie Roux Marques Valente os srs. general Alves Veríssimo, brigadeiro Moreira Santos e outras altas patentes do Exército, o dr. Pedro Monjardino e a neta do presidente Manuel de Arriga, sr.ª D. Maria Leonor Arriaga Correia Guedes.

A acusação está a cargo do dr. José Manuel Pimentel e a defesa do dr. Sidónio Rito (patrono do dr. Jean-Jacques Valente) e do dr. Montalvão Machado (defensor da mãe deste réu) e dr. Duarte Torres, defensor do ex-cabo Marques Gil.

O dr. Jean Jacques Valente será julgado ainda em tribunal militar pelos crimes de deserção e extravio de material.

Criança morta por uma camioneta em Valongo

VALONGO, 6. — Uma camioneta colheu ontem, de manhã, a menor Maria de Lurdes Silva, de 9 anos, causando-lhe a morte. O veículo apanhou a infeliz criança com o rodado traseiro, não se tendo o motorista apercebido do desastre.

Um carro particular que passava, conduziu a pobre pequena ao hospital desta vila onde chegou já sem vida. Era filha do distribuidor de peixe José Henriques, morador no lugar do Calvário, Seixos, Fanzeres.

A camioneta foi perseguida por um motociclista particular que informou o motorista, da triste ocorrência. Trata-se do veículo IE-13-97, pertencente ao sr. José Pereira Junior, da Rua Isabel Carvalho, 32, Vila Real, conduzido pelo motorista António Gonçalves Manilha, morador no Bairro Almodena, em Vila Real. A P. V. T. registou o desastre.

Jânio Quadros

candidato da oposição parece ter assegurada a vitória nas eleições brasileiras

RIO DE JANEIRO, 6 — Contados cerca de metade dos boletins, o dr. Janio Quadros, 3 040 856; Teixeira mais de um milhão de votos sobre o marechal Teixeira Lott.

Hoje, de manhã, eram estes os resultados oficiais obtidos pelos candidatos ás eleições presidenciais: Janio Quadros, 3 040 856; Teixeira Lott, 1 768 382; e Adhemar de Barros, 1 397 610.

Para a vice-presidência, pouco depois da meia-noite, estavam apurados os seguintes resultados: João Goulart, 2 172 090; Milton Campos, 2 042 870; Fernando Ferrari, 1 331 257.

Nas eleições para governadores de onze Estados, a União Democrática Nacional está a vencer em 6, a coligação governamental em 3 e candidatos independentes em 2. — (F. P. e A. N. I.).

UM CARNAVAL COMO NUNCA HOUVE, PROMETEM OS PARTIDÁRIOS DE QUADROS

SÃO PAULO, 6 — «Janio Quadros foi o unico a dobrar o cabo dos 2 milhões, tendo agora um avanço de 500 000 votos sobre o marechal Lott. Isto é mais que uma vitória, é um triunfo absoluto» — dizia-se ontem, á noite, no quartel-general da oposição.

Entretanto, Janio Quadros está invisível. Encontra-se a descansar em local secreto e sem ligação telefónica com o exterior. Mas os seus partidários preparam, desde já, as «Festas da Vitória».

«Vamos fazer um Carnaval como nunca houve no Brasil», afirmou o deputado Emílio Carlos, «coordenador» da campanha eleitoral de Quadros. A festa será organizada no estádio dos «Corinthians», célebre clube de futebol paulista, onde o vencedor das eleições entrará solenemente num automóvel descoberto. — (F. P.).

JANIO TERÁ UM VICE-PRESIDENTE DA LISTA DE LOTT?

RIO DE JANEIRO, 6 — A's 12 horas de hoje, os mais recentes resultados parciais das eleições á presidência do Brasil eram, oficialmente, os seguintes: Janio Quadros, 3 303 398 votos; marechal Lott, 1 950 787; Adhemar de Barros, 1 432 609.

Para a vice-presidência: Jango Goulart, 2 497 232 votos; Milton Campos, 2 410 341; Ferrari, 1 459 401. — (F. P.).

A oposição afro-asiática à eleição de Portugal para o Conselho de Segurança da O. N. U. discutida por de Gaulle e Marcello Mathias

PARIS, 6 — A actividade diplomática em Paris foi dominada ontem pelas conversações franco-portuguesas. O ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, dr. Marcello Mathias, avistou-se longamente com o general de Gaulle, com o seu colega francês Couve de Murville, e ainda com o primeiro-ministro Michel Debré. As conversações — diz-se de fonte francesa — foram extremamente importantes. E é curioso notar-se que ambos os interlocutores se fizeram acompanhar pelos seus conselheiros e colaboradores.

A's cinco horas, o ministro Marcello Mathias retomou as conversações, dirigindo-se ao Quai d'Orsay, onde foi acolhido por Couve de Murville, que estava acompanhado por Bernard de Menthon e vários altos funcionários do Ministério. As conversações versaram os mesmos assuntos tratados no Eliseu, mas de um modo mais profundo, tendo durado cerca de duas horas. Nos círculos oficiais mostra-se a maior discrição quanto aos assutos das conversações. Crê-se, no entanto, que os assuntos principalmente versados foram os problemas tratados na reunião das Nações Unidas. Sabe-se que os países ocidentais pensam fazer eleger Portugal para o lugar que, no Conselho de Segurança, ocupa a Itália até ao fim do ano. Ora, contràriamente aos usos até agora em curso nas Nações Unidas, países estranhos ao grupo ocidente-europeu, procuram contrariar a escolha efectuada pelos países desse grupo. Aqueles países são afro-asiáticos, com Ghana, Guiné e India á cabeça, países que não estão de acordo em que Goa, Angola e Moçambique fazem parte integrante de Portugal. A questão está em saber-se como e quando se conseguirá fazer os dissidentes respeitar a regra adoptada até aqui duma sedição fomentada em certas capitais do continente negro, onde se professa uma espécie de pan-africanismo para fins muitas vezes interessados, e não menos vezes com o auxílio mais ou menos discreto do mundo comunista. — (F. P.).

O MINISTRO DA PRESIDÊNCIA visita oficialmente o Quénia

NAIROBI, 6.—A convite do Governo do Quénia, visita este território, no fim do mês, o ministro português da Presidência, dr. Theotónio Pereira, que inaugurará oficialmente, no dia 29, o Museu do Forte Jesus e, no dia seguinte descerrará o monumento a Vasco da Gama, em Melinde.

O dr. Theotónio Pereira será acompanhado pelo dr. Azeredo Perdigão, presidente do conselho de administração da Fundação Gulbenkian, a qual contribuiu, financeiramente, para a restauração do Forte. —(A. N. I.).

O ministro da Saúde visitou Campo Maior

CAMPO MAIOR, 6 — Em visita particular ao Hospital da Santa Casa da Misericórdia, esteve aqui o sr. dr. Martins de Carvalho, ministro da Saude, que foi recebido pelo provedor, dr. Francisco Telo da Gama, que lhe mostrou as instalações em funcionamento na aprazível Quinta de S. Pedro.

Morreu um homem fulminado por um raio em Alfândega da Fé

ALFANDEGA DA FÉ, 6. — Pairou sobre esta vila e arredores, violenta trovoada e choveu torrencialmente. No sítio de Pereirinha, freguesia de Cerejais, abrigaram-se debaixo de uma pereira várias pessoas. Caiu uma faísca que fulminou Nascimento da Natividade, de 20 anos, solteiro; queimou no abdomen e no torax António Joaquim Azevedo, que foi transportado para o hospital da vila; e sofreu ligeiras queimaduras Palmira Augusta Azevedo.

Estavam ainda debaixo da árvore José Ferreira, Francisco Ferreira e Felicidade Amaro, que nada sofreram além do susto. Eram todos da freguesia de Cerejais.

O funeral do Nascimento realizou-se ontem.

CAIU DE 20 METROS DE ALTURA

Em estado grave e sem fala, recolheu ao Hospital de S. José o jornaleiro José Luís da Silva, de 35 anos, de Aldeia de Santo António (Sines), que em Alverca, quando trabalhava na Fábrica de Nitratos de Portugal, caiu da altura de 20 metros.

Os países neutralistas desistiram de um encontro entre Eisenhower e Kruchtchev

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 6 — Nehru retirou hoje a resolução de cinco nações neutrais apresentada á Assembleia Geral, destinada a renovar as conversações ao mais alto nível entre os Estados Unidos e a União Soviética.

A retirada da moção, numa atmosfera tensa, após um debate que durou mais de três horas, registou-se logo depois da adopção de uma moção argentina para que fossem retiradas da resolução quaisquer referências ao presidente Eisenhower e a Kruchtchev.

Em vez de manifestar a esperança de que os chefes russo e norte-americano devessem renovar contactos «interrompidos recentemente», na sua versão emendada, o documento pediria novos contactos entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Ao anunciar que os patrocinadores — India, Indonésia, Ghana, Republica Arabe Unida e Jugoslávia — iam retirar a proposta, Nehru afirmou que a moção deixara de estar relacionada com a natureza dos factos ou investida de qualquer sentido de urgência.

A Assembleia Geral adiou, a seguir, o debate até ás 14 e 30, de hoje. A sessão terminou ás 4 e 18 (T. M. G.). — (R.).

DECLARAÇÕES DE MACMILLAN AO REGRESSAR A LONDRES

NOVA YORK, 6 — O primeiro-ministro britanico, afirmou na noite passada, nesta cidade, antes de regressar de avião á Grã-Bretanha, que tinha ainda esperanças de que «á medida que o ano decorrer possamos gradualmente progredir para uma situação mais pacífica no Mundo».

MacMillan disse, ainda, aos jornalistas, antes de partir para Londres: «Devemos estar sempre prontos a negociar acordos para estabelecer uma maneira de viver melhor juntos no Mundo.

«Não devemos ser loucamente optimistas ou demasiado pessimistas».

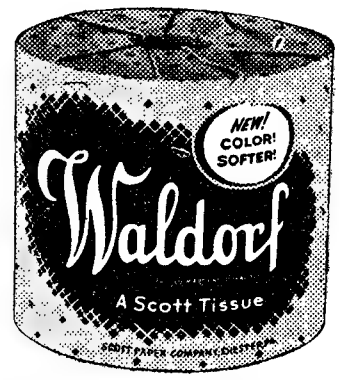
Esperado hoje em Londres, ás 14 horas (T. M. G.), o primeiro-ministro britanico acrescentou: «Devemos trabalhar calmamente e nunca devemos abdicar dos princípios de liberdade pelos quais lutamos». — (R.).

AGORA!

a incomparável qualidade

WALDORF

ao preço dos papéis higiénicos vulgares



(Marca registada)

6$50 650 folhas

WALDORF é um papel higiénico de suavidade diferente. À venda em quatro deliciosos tons de amarelo, rosa, branco e verde-mar. A sua nova textura «Almofadada» significa mais suavidade, resistência e absorção.

Outros produtos da SCOTT: toalhas, guardanapos e lenços de papel.

FRIGIDAIRE

A MARCA QUE DEU O NOME AOS FRIGORÍFICOS

SÍMBOLO DE ALTA QUALIDADE

CONCESSIONÁRIOS PARA LISBOA

FRIAL

(Inst. Frigoríficas e Artigos Domésticos, Lda.)

Rua Gonçalves Crespo, 26

LISBOA TEL. 734448

Tágide

Apresenta

Às 23 h. e 2,45 h.: Marujita Ruiz — Maria Marques — José Borges; Às 0,30: ROSÁRIO e o SEU ESPECTÁCULO

Palm Beach

Às 23 h.: ROSÁRIO e o SEU ESPECTÁCULO

Às 0,30 h.: Marujita Ruiz — Maria Marques — José Borges

HIPISMO

O cap. Neto de Almeida

ficou ontem à frente do campeonato

No hipódromo da Gandarinha, em Cascais, prosseguiram ontem, á tarde, perante razoável assistência, o 6.º Campeonato de Portugal do Cavaleiro de Obstáculos e o 3.º Campeonato Nacional de Juniores, iniciados no ultimo domingo, sob os melhores auspícios.

Antecedendo as segundas provas classificativas de cada um destes certames, disputaram-se competições para cavaleiros que não concorreram aos campeonatos, as quais se desenrolaram com relativo interesse.

Os juniores disputaram a prova «Sociedade Estoril-Sol» em percurso de «caça», sobre um percurso de 10 obstáculos, que obrigavam a 11 saltos, para a 1.ª série. Classificação: 1.º, José M. Nunes de Carvalho, no «Fadado», em 1 m. 1,6 s.; 2.º, o mesmo cavaleiro, no «Urano», em 1 m. 2,6 s.; 3.º, Joaquim Feteira, no «Far West», em 1 m. 8 s.; 4.º, Joaquim M. Feteira, no «Quanza», em 1 m. 40,6 s.

Na 2.ª série da mesma prova, 2.ª classificativa do campeonato, os nove concorrentes disputaram uma competição pela tabela A, sem cronómetro, a culminar com duas «barrages». A classificação foi esta: 1.º, Pedro Neto Rebelo, no «Discutido», 4 p., em 28,4 s.; 2.º, Joaquim Miguel Saraiva, no «Jasmim», 4 p., em 32,6 s.; 3.º, Pedro Neto Rebelo, no «Invento», 4 p., em 33,6 s.; 4.º, José Caldas de Almeida, no «Nababo», 12 p., em 34,4 s.

Seguiu-se a prova «Junta de Turismo da Costa do Sol» para seniores. A 1.ª série, foi disputada num percurso de «caça», pela tabela C. Teve 14 concorrentes e forneceu a seguinte classificação: 1.º, maj. António Spinola, na «Antje». em 58 s.; 2.º, cap. Leopoldo Severo, no «Satanaz», em 1 m., 1,4 s.; 3.º, cap. Duarte Silva, no «Jeune France», em 1 m., 2,6 s.; 4.º, cap. Xavier de Brito, no «Saladino», em 1 m., 4,8 s.

Por fim, disputou-se a 2.ª série da prova «Junta de Turismo da Costa do Sol» — a 2.ª classificativa do C. P. C. O., em tipo «potência», segundo a tabela A, sem cronómetro e um unica «barrage» para o primeiro lugar. Estiveram na pista todos (17) os concorrentes ao campeonato, que se deram á luta com entusiasmo. O percurso inicial não deixou de encerrar as suas dificuldades e quase se chegou a descrer da necessidade de haver «barrage». Haviam feito a prova nove concorrentes e encontrava-se á frente, o cap. Ivens Ferraz, no «Scaramouch», com 1/2 ponto de penalidade, por excesso de tempo, quando se registou o primeiro «limpo», do cap. Leopoldo Severo, no «Conhaque». Nem assim a descrença quanto á «barrage» deixou de manter-se, pois só o 14.º concorrente a vir á pista estabeleceu a igualdade, robustecida com mais dois «limpos» entre os três ultimos que fizeram a prova. Classificação: 1.º, cap. Neto de Almeida, no «Joc d'Ille» e cap. Álvaro Sabbo, no «Rebelde»; 3.º, cap. Leopoldo Severo, no «Conhaque» e asp. Vasco Ramires, no «Rovuma»; 5.º, cap. Ivens Ferraz, no «Scaramouch».

As classificações

Concluidas as segundas provas classificativas, a pontuação dos concorrentes está assim estabelecida:

Juniores — 1.º, Pedro Neto Rebelo, no «Invento», 17 pontos; 2.º, o mesmo cavaleiro, no «Discutido», 12 1/2 p.; 3.º, Emilio Malta da Costa, no «Radieux», José Caldas de Almeida, no «Nababo», e José Miguel Saraiva, no «Jasmim», todos com 12 pontos.

Seniores: 1.º, cap. Neto de Almeida, no «Joc d'Ille», 32 pontos; 2.º, asp. Vasco Ramires, no «Rovuma», 28,5 p.; 3.º, cor. Machado Faria, no «Marto», 28 p.; 4.º, cap. Álvaro Sabbo, na «Panoplia», 27,5 p.; 5.º, o mesmo cavaleiro, no «Rebelde», 26,5 p.; 6.º,cap. Leopoldo Severo, no «Conhaque», 22,5 p.; 7.º, asp. Vasco Ramires, no «Soba», 21 p.; 8.º, maj. Henrique Calado, no «Caramulo».

Uma rectificação

Na referência que fizemos, no nosso numero de segunda-feira ultima, á jornada de domingo passado, ao focarmos o desportivismo dos concursistas que actuaram em Cascais, sem mira nos prémios pecuniários, foi omitido involuntariamente o nome do cap. D. Ruy Pereira Coutinho. Aqui fica o esclarecimento devido e com ele as nossas desculpas.

O CAP. NETO DE ALMEIDA

O "Europeu" de hóquei em patins

(Continuação da 20.ª página)

mos acrescentar que o quadro das «Quinas» desempenhou cabalmente a sua missão. Mostrou personalidade, porquanto não se atormentou com a demora no aparecimento do primeiro tento. Exteriorizou força de remate, particularmente de Rendeiro e de Livramento. E estar segura dos processos técnicos a empregar nas mais variadas circunstancias.

Há ainda a fazer uma referência especial á forma inteligente como, antes do intervalo, Vítor Santos procurou os espaços vazios para destroçar um antagonista que não fez mais do que estar á defesa durante toda a partida.

Os tentos dos vencedores foram da autoria de Rendeiro e Livramento (2), respectivamente, aos 2, 9 e 10 minutos da segunda parte.

As equipas alinharam, sob a arbitragem do francês Gonzalo:

PORTUGAL — Brito, Jorge, Rendeiro, Vítor Santos e Livramento.

BÉLGICA — Poppe, A. Van der Hooft, Rombouts, Tarfs, Sallens e W. Van der Hooft.

Espanha, 1-França, 1

Em face da forma como ambas as equipas se exibiram na jornada inaugural da competição, não se admitia a hipótese dos Espanhóis se limitarem a um «nulo» contra os Franceses. Afinal, o empate surge-nos como o resultado mais lógico da partida. Se os nossos vizinhos tiveram ascendente, no primeiro período do jogo, e lhes foram averbados dois remates aos postes, na segunda metade, os «tricolores» chamaram a si o comando do jogo para justificarem a igualdade.

Os tentos foram marcados, na segunda parte, aos 6 e 9 minutos, respectivamente, por Michelin e Ferrer.

Sob a arbitragem de Antero Perdigão, as equipas alinharam:

ESPANHA — Vilella, Brasal, Pagés, Barguño, Farreras, Chercoles, Ferrer e Almar.

FRANÇA — Paladino, Dammer, Ravilles, Maville, Winchel, Herent, Michelin e Guigner.

Alemanha, 4-Holanda, 1

A abrir a sessão, os Alemães defrontaram e venceram, sem dificuldade de maior, como a expressão numérica da marca deixa perceber.

Os tentos dos vencedores foram da autoria de Cristman, aos 5 e 14 minutos; Kowchik, aos 8 m.; e Feldhege, aos 10 m., todos da segunda parte.

O golo dos Holandeses foi obtido, aos 3 m. da primeira parte, por Verhoeven.

Sob a arbitragem do belga De Winter, as equipas alinharam:

ALEMANHA—Sturksberg, Kess, Feldhege, Kowchik, Cristman, Schacen e Schoermann.

HOLANDA—Sprengers, Grootens, Van Gerwen, Olthoff, Verhoeven, Van Sohijndel e Hakkert.

*

Classificação actual:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
PORTUGAL ...	2	2	—	—	9-0	4
Alemanha	2	2	—	—	6-2	4
Espanha	2	1	1	—	3-2	3
França	2	—	1	1	1-7	1
Bélgica	2	—	—	2	1-5	0
Holanda	2	—	—	2	2-6	0

*

O torneio prossegue esta noite, no Pavilhão dos Desportos, com os seguintes jogos: França-Holanda, Espanha-Bélgica e Portugal-Alemanha.

Amanhã realizam-se os seguintes encontros: Bélgica-França, Portugal-Holanda e Espanha-Alemanha. O torneio termina no sábado, com os seguintes jogos: Holanda-Bélgica, Alemanha-França e Portugal-Espanha.

A inauguração do 3.º anel

das bancadas da Luz

(Continuação da página anterior)

águia de granito — que estava vistosamente iluminada e engalanada, com as cores das bandeiras nacional e do Benfica.

Ali, o presidente da direcção do clube da Luz entregou ao sr. almirante Américo Tomás o cofre que continha a terra de Goa, Damão e Diu, trazida pelos jogadores «encarnados», quando da deslocação á India, cofre esse que ficou depositado dentro do monumento.

O sr. engenheiro Mauricio Vieira de Brito, usou da palavra, afirmando em determinada altura: «Esta cerimónia, que com a India se relaciona, tinha de ter a alta e prestigiosa presença de V. Ex.ª e do sr. ministro do Ultramar».

O Chefe do Estado, acompanhado pelos membros do Governo e pela direcção do Benfica, dirigiu-se depois para o terceiro anel, onde no patamar, cortou a fita, que dava acesso á nova obra empreendida pelo Benfica.

Por ultimo foi queimado um lindo fogo de artifício, tendo a assistência sublinhado todos estes actos, com quentes aplausos.

PROVAS DE GOLFE

Gordon Rivel e Nuno A. Brito e Cunha vencedores do «Torneio Abertura»

No Clube de Golfe do Estoril inaugurou-se ontem a temporada de 1960-61, que se pressente vir a ser digna sucessora das anteriores épocas, quer numa actividade constante, quer na progressiva melhoria técnica dos nossos jogadores.

A nova temporada iniciou-se com o «Torneio de Abertura», em singulares-homens, por pancadas, com classificações estabelecidas com e sem abonos e assim ordenadas:

Com abonos — 1.º, Gordon Rivel, 66 pontos (78-12); 2.º, Conde de Barcelona, 67 (72-5); 3.º, Nuno Alberto de Brito e Cunha, 67 (70-3); 4.º, Karl Ericson, 69 (84-15); 5.º, Jorge Figueiredo, 71 (75-4); 6.º, Manuel de Brito e Cunha, 71 (75-4); 7.º, Robert Taylor, 72 (87-15); 8.º, José Maria Espírito Santo Silva, 73 (81-8); 9.º, António Dias Afonso, 74 (87-13); 10.º, F. Costa Cabral, 75 (80-5); 11.º, António Posser de Andrade, 75 (80-5); 12.º, L. Castro Freire, 75 (89-14); 13.º, E. Wilgreff, 75 (93-18).

Sem abonos — 1.º, Nuno A. Brito e Cunha, 70; 2.º, Conde Barcelona, 72; 3.º, Jorge Figueiredo e M. Brito e Cunha, 75; 5.º, Gordon Rivel, 78; 6.º, F. Costa Cabral e A. Posser de Andrade, 80; 8.º, José Maria E. S. Silva, 81.

Poucos castigos aplicados

pela Federação de Futebol

Na sua reunião de ontem, a comissão executiva da Federação Portuguesa de Futebol aplicou os seguintes castigos:

Advertência ao F. C. do Porto por demora na entrada em campo, após o intervalo;

Quinze dias de suspensão e 250$00 de multa ao treinador do Boavista, Janos Hrotko, por comunicar com os jogadores durante o encontro;

Três jogos de suspensão a Manuel Fernando Batalha Teixeira, do Estoril, por prática de jogo violento;

Um jogo de suspensão a Martinho da Conceição Gomes, do Portimonense, por ameaça de agressão a um adversário.

E' de observar que nenhum jogador da 1.ª Divisão foi punido.

JUDO NO ATENEU

Estão a funcionar aulas de judo no Ateneu Comercial de Lisboa, sob a direcção de vários mestres. As matriculas continuam abertas na secretaria da colectividade.

Académica-Sporting em Coimbra

no próximo domingo

No Estádio Municipal de Coimbra, efectua-se o jogo Académica-Sporting, correspondente á 3.ª jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão.

A Comissão Central de Arbitros nomeou o sr. Aniceto Nogueira para dirigir o encontro e o clube visitado, ao abrigo de uma disposição regulamentar, fixou o 4.º escalão para a aquisição dos bilhetes, cujo custo é o seguinte: gerais, 15$00; superiores, 25$00; bancada lateral, 35$00 e bancada central, 50$00.

NA PRAIA DA AREIA BRANCA NO «CAFE CENTRAL». ENCONTRA-SE A' VENDA O «DIARIO DE LISBOA».

Vela

O mau tempo não deixou efectuar as regatas de Cascais

Estavam marcadas para ontem, na baía de Cascais, regatas de vela das classes «stars» e «dragões». Os primeiros disputariam a quarta regata do campeonato nacional da classe, e os segundos, a primeira do 11.º campeonato nacional. O mau tempo, porém, não pemitiu que as regatas se efectuassem, pelo que ficaram adiadas para sábado.

Regata «Fim de Época» para iates de grande e pequeno cruzeiro

A Associação Naval de Lisboa organiza no domingo a ultima prova de vela do ano para barcos de grande e pequeno cruzeiro. Para esta regata, na distancia de 22 milhas, os iates largam de Belém, ás 9 e 30, ondam na baía de Cascais o barco dos Pilotos e uma baliza em frente da «Cabeça do Pato», regressando a Belém.

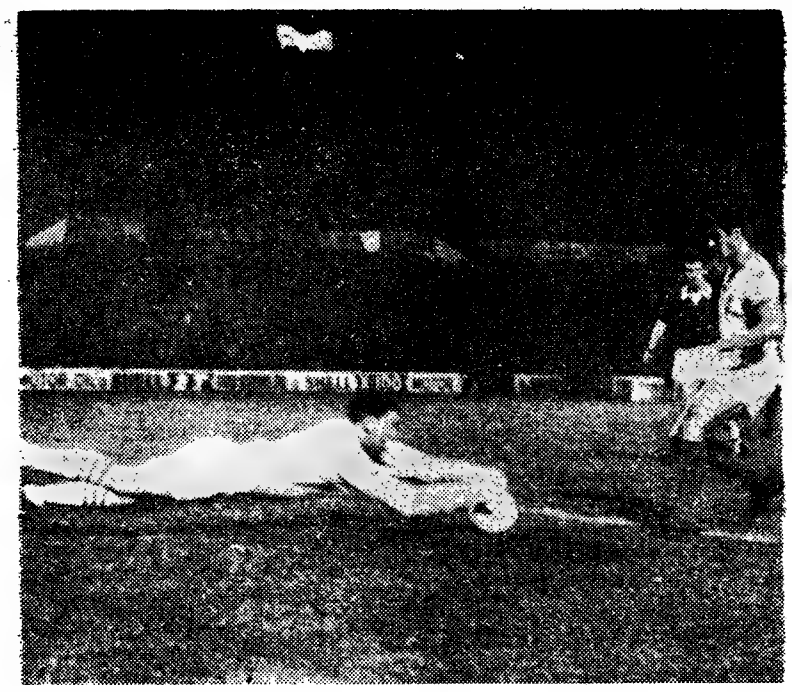
Aceitam-se inscrições de barcos das classes I, II, III, IV e V, que correrão em dois grupos: o primeiro incluindo todos os iates com mais de 7.315 metros na linha de água e o segundo composto pelos barcos da classe «Pequenos barcos de cruzeiro».

A distribuição das instruções da regatas será feita na Associação Naval de Lisboa, doca de recreio de Belém, ás 19 horas de amanhã.

Futebol na província

Em Castanheira de Pera, realizou-se um encontro de futebol entre o Castanheirense e o Recreio Pedroguense, de Pedrógão Grande. Este venceu por 2-0.

Agua de castanhas dá ilusão mas não dá satisfação...
Só o CAFÉ PURO estimula ideias claras e alegria de viver



O guarda-redes escocês antecipou-se a José Águas, avançado-centro do Benfica

TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS

O melhor remate do Benfica

que venceu o Hearts por 3-0

ditou a sorte do encontro

Não se encheu o Estádio da Luz, mas a multidão, uns bons milhares, que se derramou pelas bancadas e pelo monumental 3.º anel ilustrou, iniludìvelmente, o interesse que a partida entre o Benfica e o Hearts, campeões de Portugal e da Escócia, suscitou. Tratava-se de uma competição oficial, a 2.ª «mão» da primeira eliminatória da Taça dos Campeões Europeus. Recorda-se que, em Edimburgo, o «team» português triunfou por 2-1.

Sob a arbitragem do francês Barberan, as duas equipas formaram:

BENFICA — Costa Pereira; Angelo e Cruz; Saraiva, Germano e Neto; José Augusto, Santana, José Águas, Coluna e Cavém.

HEARTS — Marshall; Kirk e Thompson; Cumming. Milne e Bowman; Smith, Murray, Young, Blackwood e Crawford.

Em relação ao encontro da 1.ª «mão», os Escoceses apresentaram um quinteto dianteiro modificado, incluindo um novo elemento na extrema-esquerda. Nos restantes sectores não houve alterações.

Os primeiros lances pertenceram aos Escoceses. Com bom domínio de bola, a manobra, principalmente sempre que a asa-esquerda intervinha, transparecia perigo para o reduto benfiquista, onde o jovem Cruz começou logo a impôr uma presença categórica.

O estilo espectacular dos visitantes contrastou com o utilizado pelos Portugueses e por isso não admirou o processo simplista que coroou a obtenção do 1.º golo, aos 8 minutos. Marcou-o José Águas, num golpe de cabeça, a dar seguimento a um «livre» transformado por José Augusto.

A proeza do Benfica teve o condão de aquietar o espírito dos seus jogadores que, no entanto, exageraram, permitindo que os Escoceses forjassem maior numero de ataques ou que se mantivessem mais tempo com a bola em seu poder.

A marcação exercida pelos dois sectores defensivos era atenta e directa, não obstante os processos dos dianteiros divergirem substancialmente. Enquanto os Escoceses revelavam uma técnica de melhor qualidade os Portugueses respondiam com uma espantosa rapidez de execução e uma intencionalidade marcante. A baliza era a ideia que se plasmara no espírito de José Águas e dos seus companheiros.

Os minutos escoavam-se, repetindo-se a mesma feição, com relevo para as constantes iniciativas ofensivas do Hearts. Mas a ponta final, a concretização, falhava por culpas próprias ou devido á magnifica atenção de Costa Pereira. A penetração ora revelava prematuro deslumbramento ora descambava na mais absoluta decepção.

A actuação do Benfica, no 1.º tempo, situava-se apenas na auréola do golo. No restante, a produção contrastava com a do antagonista. Esclareça-se que o «team» da Luz jamais confessou declarada inferiori-

por

FERNANDO SOROMENHO

dade. Apenas, uma série de hesitações no momento do desarme provocava o brilho de execução individual dos Escoceses que, neste aspecto, tiveram momentos admiráveis como se desejaria que sempre existissem no futebol português.

Com a ideia de um difícil 1-0 atingiu-se o termo da primeira parte, mas antes José Águas (que se exibiu a grande altura) por duas vezes lançou o pânico junto da baliza de Marshall. Na primeira, o defesa-direito derrubou-o, dentro da grande área; o árbitro, porém, ordenou que o castigo fosse executado fora dela.

(Continua na página seguinte)

O «Europeu» de juniores em hóquei em patins

Portugal e Alemanha

que comandam a classificação

defrontam-se hoje

O quarto campeonato da Europa de Juniores, de hóquei em patins, prosseguiu, ontem á tarde, no Pavilhão dos Desportos, com os encontros Alemanha-Holanda, Espanha-França e Portugal-Bélgica.

Verificou-se a primeira surpresa da prova — o empate da partida entre Espanhóis e Gauleses. Normais os triunfos alcançados pelos Germanicos e Lusitanos.

O despique entre os Portugueses e os Belgas foi interessante de seguir, pois o «team», orientado pelo sr. Tito Moreira Rato e preparado pelo campeão do Mundo, José Vaz Guedes, demonstrou capacidade físico-técnica suficiente para embates de maior responsabilidade.

Se exceptuarmos a deficiente posição na pista do médio, mormente no primeiro trecho do desafio, o que dificultou a penetração no muro defensivo do adversário, pode-

(Continua na 22.ª página)

A SOMAPRE forneceu para
o 3.º ANEL do Estádio do S. L. B.

— BANCADAS — (Betão pré-fabricado — Fábrica de Alverca)
— PAVIMENTOS — (Betão pré-estorçado — Fábrica de Pero-Pinheiro)
— Betão pré-estorçado — (Sistema Dywidag)

A maior obra de pré-fabricação até hoje realizada em Portugal

Empreiteiro-geral: OBRECOL

O jogo Benfica - Hearts

(Continuação da página anterior)

Na segunda, um fortíssimo «tiro» obrigou o guarda-redes a afortunadíssima defesa para «canto».

●

A segunda parte, exceptuando alguns períodos intermitentes da derradeira fase, desenrolou-se com uma feição mais nítida a favor dos benfiquistas, não obstante a lesão de Saraiva, por volta dos 13 minutos. O médio, por sinal, elemento influente no actual estilo dos «encarnados», que foi assistido pelo médico e massagista, quando reentrou no rectangulo foi ocupar um lugar na linha dianteira, na zona central, indo Mário Coluna para a sua posição. Saraiva continuou a coxear e, aos 35 minutos, abandonou o terreno definitivamente.

José Augusto, cujo labor se caracterizou pela serenidade e eficiência, aliás, predicados da valorosa actuação do quinteto dianteiro, passou o marcador para 2-0. Um centro da esquerda, a concluir enlace vistoso e veloz, e o extremo-esquerdo, calmamente, bateu Marshall. Iam decorridos 4 minutos.

O Hearts não se rendeu, porém. Os seus magníficos médios, Cummings e Bowman (este com apontamentos de indiscutível classe), insistiram no apoio á frente e até, caso curioso, o esquerdo acabou por vir a ser o Escocês mais rematador...

Perante a inoperancia paradoxal dos avançados o médio tratou de lhes dizer, na prática, o exemplo que devia ser adoptado.

Em sequência interessante, com a bola num e noutro campo (nenhum jogador ficou de mãos nas ilhargas...), sobre o quarto de hora o Benfica obteve o seu 3.º e ultimo tento. Marcou-o José Águas que aproveitou da melhor maneira um passe errado feito por Bowman, o n.º 6. Pelos modos, não há bela sem senão...

●

A vantagem do Benfica assumira um volume de considerável envergadura, talvez um nada exagerado em relação ao nível patenteado pelas duas formações. E por assim pensar o Hearts prosseguiu no seu incessante afã, na mira de conseguir, pelo menos, o chamado ponto de honra. A sorte, no entanto, não o ajudou. A sorte e... Costa Pereira.

●

A vitória dos campeões nacionais repudia qualquer reticência, tendo em vista o facto, que é fundamental, do jogo ser de ambito oficial. Isto significa que a ideia mestra não podia abstrair de maneira nenhuma o predomínio do golo.

Ora, o Benfica, que não terá realizado uma exibição de todo convincente, preocupou-se em tirar o máximo proveito do mínimo esforço e, no computo geral, logrou os seus intentos, dando, assim, uma magnifica lição ao periclitante e indefinido futebol britanico, cujo antigo esplendor continua em eclipse desde 1950. Para alguns críticos, assaz exigentes, o futebol praticado na Grã-Bretanha (inglês, galês, irlandês e escocês) já há muito que justificou o sarcástico epitáfio «requiescat in pace».

Este Hearts, que não será totalmente descabido de atributos individuais de boa qualidade, teima em desconhecer os requisitos que são parte integrante das concepções modernas, onde a bola se situa entre dois polos afins: Velocidade e remate.

A requintada execução individual, que mesmo assim, repetimos, é um regalo e se estima venha a ser sempre um modelo digno de ser copiado, não chegou a constituir o estupefaciente que tanto tem desorientado os futebolistas portugueses.

Os jogadores do Benfica, que primaram em gizar uma manobra de traço amplo, num esquema geométrico que outrara chegou a ser invulgar virtude do próprio futebol britanico (lance em profundidade, em toque á primeira, e mudança de direcção) contrapuseram ao labor rendilhado do «team» de Edimburgo uma acção estigmatizada por um admirável espírito de entreajuda — mormente no compartimento defensivo, onde o «stopper», nos lances de apuro, incorreu em vários deslises.

A conjugação dos esforços, a tenacidade, o entusiasmo e o melhor remate acabaram por vir a formar o somatório de uma vitória que é credora de ser mencionada como brilhante, não obstante a exibição que a provocou não estar á altura dessa classificação, pelas razões já apontadas.

Seja como for, o Benfica logrou dois excelentes triunfos num curto prazo de tempo e, em passo decidido, entrou na eliminatória seguinte disposto a continuar uma presença tão auspiciosamente encetada.

Sobre o campeão da Escócia as referências aduzidas terão dado uma ideia aproximada da valia da equipa. Mas se acrescentarmos também o predomínio de um largo quinhão de ingenuidade entre os avançados (que são como uma sinfonia incompleta) talvez se compreenda melhor o quadro. Um futebol de... «fio de Escócia»...

●

Os homens da Luz contaram com um sector atacante terrívelmente eficaz, o que não será novidade nenhuma. Ontem, essa operancia revelou, em paralelo fiel, a existência de uma impressionante calma, visível nos dois Josés, o Águas e o Augusto, que formaram, com Cruz e Costa Pereira o quarteto dos melhores da equipa.

Qualquer deles pode enfileirar ao lado dos n.os 6 (Bowman), 4 (Cumming), 11 (Crawford, um extremo de fina classe, senhor de um extraordinário poder de drible e finta, em progressão), e 10 (Blackwood).

O jovem Cruz, inexcedível de atenção e de oportunismo, salientou-se nas dobras a Germano, por sinal a desfazer situações bastante embaraçosas.

Saraiva e Neto voltaram a saber estar nos respectivos lugares e Cavém e Angelo denunciaram estar próximos da meta da sua melhor forma.

Germano, muito faltoso, e Santana, muito marcado, situaram-se no plano modesto.

O sr. Barberan arbitrou com a autoridade que é inerente a um árbitro de categoria. A lei da vantagem mereceu-lhe interpretações admiráveis. Mas falhou, rotundamente, de modo intolerável, ao ordenar a execução de um «livre» fora da grande área quando a falta foi cometida dentro do limite das 18 jardas. Referimo-nos á prisão de pernas executada pelo defesa-direito do Hearts a José Águas quando o avançado-centro caminhava com a bola perigosamente.

O que será o «penalty» em França? — F. S.

O interior Santana, atrasado, tenta ultrapassar o defesa-central do Hearts por forma a apoderar-se da bola que está ao alcance de qualquer dos jogadores focados na imagem. O guarda-redes, porém, apresta-se a resolver a questão, sossegando os seus companheiros

Um delegado do Benfica

assistirá ao sorteio dos jogos dos oitavos de final

Em Genebra, no «Hotel du Rhôve», realiza-se amanhã, pelas 12 horas, o sorteio dos jogos respeitantes aos oitavos de final da Taça dos Campeões Europeus. Esta fase deverá ficar concluída em 30 de Novembro do corrente ano.

A fim de assistir á cerimónia e assentar com o representante do clube adversário as datas dos encontros, o Benfica envia um emissário especial. A escolha recaiu no sr. eng. Alfredo Valverde, que na madrugada de hoje segue para a Suíça.

O sorteio engloba 16 equipas, pelo que os campeões nacionais podem ter que defrontar, entre quinze hipóteses, o Barcelona ou o Real Madrid.

O Chefe do Estado e o sr. subsecretário da Educação Nacional, rodeados pelos dirigentes do Benfica, José Castilho e eng. Maurício de Brito

O Chefe do Estado

procedeu à inauguração do 3.º anel das bancadas do Estádio da Luz

O Benfica esteve, em festa, com a inauguração oficial do terceiro anel, revestindo-se o acto de grande brilhantismo, numa cerimónia de especial colorido.

Eram, precisamente, 21 e 10, quando o sr. Presidente da Republica deu entrada no estádio da Luz, acompanhado dos srs. ministro do Ultramar, subsecretários da Educação Nacional e do Fomento Ultramarino e, ainda, do governador-geral de Angola. O Chefe do Estado foi recebido pelos srs. engenheiros Cancela de Abreu e Maurício Vieira de Brito, respectivamente, presidente da assembleia geral e da direcção do Sport Lisboa e Benfica, e por outros dirigentes do clube dos «encarnados».

A cerimónia começou junto á

(Continua na página seguinte)

O atleta Manuel da Silva

teve a consagração que a sua extraordinária carreira de sobejo justifica

Manuel da Silva, consagrado atleta do Sporting, ao cabo de 20 anos de actividade dignificante, teve ontem no estádio de Alvalade uma festa de homenagem que se rodeou de luzimento e expressivo significado, dentro da sua singeleza. Assim se recompensou a carreira de um verdadeiro desportista, cujos exemplos poderão servir aos novos e ficarão a perdurar por muito tempo. O elogio de Manuel da Silva foi feito pelo dr. Salazar Carreira, inspector dos Desportos. Os presidentes da Federação e da Associação de Atletismo, srs. Aníbal Vieirae eng.º Marques de Almeida, respectivamente, entregaram ao homenageado as medalhas de mérito dos organismos a que pertencem. Também distinguiram o veterano atleta a Direcção-Geral dos Desportos, com um expressivo louvor, o sr. Rofeu Branco, director do Sporting, o Casa Pia e inumeros amigos e admiradores do homenageado, que escutou prolongadas ovações e proferiu, emocionado, algumas palavras de agradecimento.

O Belenenses em futebol conquistou a taça «Pinto de Sousa»

Na festival de homenagem a Manuel da Silva disputaram-se provas de atletismo, velomotores e automóveis e um desafio de futebol, aos quais a seguir fazemos referência.

Resultados das provas de atletismo: *400 metros* — 1.º, Valentim Baptista, 50,6 s.; 2.º, Neves da Silva, 56,6 s.; 3.º, Rogério Gonçalves, 50,7 s.; *Disco* — 1.º, João Afonso, 43m,04; 2.º, Pedro de Almeida, 38m,93; 3.º, Xara Brasil, 37m,66; 4.º, Manuel da Silva, 36m,41. *100 metros (senhoras)* — 1.ª, Fernanda Costa, 13,2 s.; 2.ª, Lidia Faria, 14 s. *2000 metros*—1.º, Joaquim Ferreira, 5 m. 32,8 s.; 2.º, Álvaro Conde, 5 m. 39,4 s.; 3.º, José Valentim (Casa Pia), 5 m. 56,6 s.

Velomotores—1.º, Manuel Almeida, 10 m. 43,2 s. (30 voltas); 2.º, José Luís, 10 m. 50 s. (29 voltas); 3.º, José Augusto, 10 m. 46 s. (27 voltas).

Automóveis—1.º, Vítor Silva, 3 m. 49,2 s. (10 voltas); 2.º, Carlos Trigueiros, 3 m. 49,3 s.; 3.º, Joaquim Palhavã, 3 m. 50 s.

No encontro de futebol, defrontaram-se Sporting e Belenenses, que alinharam: SPORTING—Balacó; Morais e Pedro Gomes; Morais, Castro e M. Casaca; João Baptista, Monteiro, Carlos Manuel, F. Casaca e Romeu. BELENENSES—José Maria; Assis e Cravo; Medeiros, João e Elisio; Rosendo 2.º, Abdul, Vítor Silva, Carvalho e Chaves.

O desafio terminou com o empate de 1-1, golos marcados por Chaves, aos 20 minutos da primeira parte, e por Morais, aos 40 minutos da segunda. Para atribuição da taça «Pinto de Sousa», houve que se recorrer á transformação de grandes penalidades. Na primeira série de três, o Sporting falhou a primeira e transformou as duas restantes e o Belenenses transformou as duas primeiras e desperdiçou a ultima. Na repetição: o Sporting voltou a falhar a primeira e a transformar as outras duas ao passo que o Belenenses não falhou nenhuma.

Manuel da Silva, comovido, abraça o presidente da Federação Portuguesa de Atletismo

JOSÉ BATALHA

Em Tavira

realizou-se ontem um festival de ciclismo em que tomaram parte representantes do Sporting

No velodromo de Tavira realizou-se ontem um festival que reuniu numerosa assistência e teve os seguintes resultados:

«*Prova 5 de Outubro*» *(5 voltas para populares)* — 1.º, José Cristina (Farense); 2.º, Manuel Guerreiro Gonçalves (Gin. Tavira); 3.º, Octávio Rosa Trinta (Gin. Tavira).

30 voltas para amadores—1.º, Vítor Amaro (Gin.); 2.º, Tolentino (Farense); 3.º, Eleutério Antunes (Sporting).

Eliminação para «Independentes» —1.º, Pedro Junior; 2.º, Agostinho Brás; 3.º, Américo Raposo (todos do Sporting).

20 voltas para populares—1.º, Manuel G. Gonçalves; 2.º, Octávio Trinta; 3.º, José Florêncio (todos do Ginásio de Tavira).

100 voltas, com embalagens de 10 em 10 — 1.º, Virgílio Nunes 2.º, Sérgio Páscoa; 3.º, Jorge Corvo (todos do Ginásio de Tavira); 4.º, Agostinho Brás (Sporting); 5.º, Humberto Corvo (Gin.).

Antes do começo da primeira prova, o dr. Eduardo dos Reis Viegas Mouzinho, presidente do Ginásio de Tavira, agradeceu a presença dos representantes do Sporting Clube de Portugal, cuja bandeira, gentilmente oferecida pela colectividade «leonina» será hasteada sempre que no estádio tavirense se realizem festivais.—(C.).

NATAÇÃO

Festival de encerramento das classes do Belenenses

Na piscina do Jardim Colonia realizou-se ontem um animado festival de natação comemorativo do encerramento das classes do C. F. «Os Belenenses».

A reunião demonstrou claramente o interesse que o popular clube dedica á natação, tendo os inumeros jovens nadadores evidenciado perante os dirigentes «azuis» as melhores aptidões, a traduzir bom aproveitamento.

O Sporting

regressou ontem do Brasil

Por via aérea, regressou ontem a Lisboa a equipa de futebol do Sporting Clube de Portugal, que no passado domingo, participou no festival de inauguração do Estádio de Morumbi, em São Paulo.

No aeroporto aguardavam a caravana «leonina» vários dirigentes, muitos sócios, pessoas de família e os representantes da F. P. F. e A. F. L., srs. Afonso Lacerda e dr. Pacheco Nobre, respectivamente.

Todos os jogadores foram unanimes em realçar a magnifica recepção que lhes foi dispensada e a grandiosidade do Estádio de Morumbi que, dentro em breve, ficará a ser um dos maiores recintos desportivos do Mundo.

Sobre o desafio, as declarações incidiram na actuação dos dianteiros «leoninos», que não tiveram a sorte a bafejá-los.

Segundo informaram os dirigentes, vários clubes brasileiros convidaram o Sporting para disputar outros encontros, prova, afinal, do apreço que suscitou o valor demonstrado pela equipa «leonina».

O sr. dr Brás Medeiros, presidente da direcção do clube de Alvalade, ficou no Rio de Janeiro, a fim de conseguir a realização, em Portugal, de um torneio quadrangular de futebol com a intervenção do Vasco da Gama, F. C. do Porto, Sporting e um «onze» de São Paulo.

Três tiros debaixo de chuva

Folhetim semanal do Diario de Lisbôa

por Vicent Starret

RESUMO DOS CAPITULOS ANTERIORES — Em Chicago, o dr. Cartwright confessa que matou o milionário Aden Lurcher, dizendo que este ameaçara matar seu filho. A Polícia, porém, não encontra qualquer cadáver. O detective Lavender resolve investigar o caso, a pedido do filho do dr. Cartwright. A chave do enigma deve ser a palavra «narcóticos». Mas Lavender resolve estender as suas investigações até á própria residência de Lurcher, onde são recebidos com frieza e chegam a ser vítimas da imperícia de um jovem convidado que, contra eles, dispara uma seta.

CAPÍTULO IV

NOVAS PISTAS

Quando chegámos á porta, sempre com os dois mastins de dentuça arreganhada nos nossos calcanhares, descobrimos que esta também estava fechada á chave.

Lavender virou-se num relâmpago, levou a mão ao bolso e um pequeno embrulho quadrado foi cair junto ao focinho dos animais, que estacaram para o farejar.

Uma coisa sei eu fazer — escalar muros tão bem como qualquer outro. Desta feita estabeleci um novo «record» para chegar ao topo e, um segundo depois, Lavender encontrava-se a meu lado. Quase

sem fôlego, saltámos para a estrada e corremos para o carro, enquantos os cães, sempre a ladrar furiosamente, se arremessavam como loucos contra as grades do portão.

Percorrida uma milha, eu exclamei:

— Bom trabalho, Jimmie! Que atiraste tu aos nossos pequenos amigos? Ossos?

— Foi uma sorte — disse ele, com uma gargalhada. Trazia uma caixa de cerejas cristalizadas para se dar o caso de eu ter de subornar uma das criadas. De qualquer forma serviu bem para os fins em vista.

A situação modificou-se de repente. A Polícia informou ter descoberto uma mulher que recebera narcóticos do dr. Cartwright. Se bem que se tratasse de uma morfinómona e, como tal, irresponsável, parecia estar a falar verdade. A conselho do seu advogado, o médico recusou-se a fazer comentários. Ele continuava sob prisão e parecia não haver pressa em lhe admitir uma fiança. Talvez o seu advogado o julgasse mais a salvo na cadeia do que cá fora.

Lavender também pensava assim. Após uma breve conferência, com o advogado presente, o meu amigo desistiu. Cartwright continuava aferrado á sua história de que matara o Lurcher e mais ninguém. O cadáver não identificado da Morgue assumia cada vez maior importancia.

Finalmente, recebemos um telefonema do jovem Harold Cartwright, que nos procurou depois pessoalmente.

— Bem, a coisa está a aquecer — anunciou ele. Já não se pode comprar a «mercadoria», nem a poder de dinheiro. Os ratos encafuaram-se todos nas tocas. Conheço alguns deles pessoalmente e tentei conversar com eles, mas os tipos trazem a boca selada. Estão com medo. Há mais alguém com medo, também, e o alarme já correu todas as bocas.

— Falou com seu pai? — perguntou Lavender.

— Apenas uns minutos. Ele nada mais quer dizer, a não ser que disparou sobre Lurcher e que espera tê-lo morto.

— «Mas não o matou» — respondeu Lavender. A respeito desse tal cadáver da Morgue? Você continua sem fazer ideia de quem possa ele ser? O jovem Cartwright sacudiu a cabeça. — E' curioso — comentou Lavender. Suponho que terá reparado numa estrela pequenina que lhe tatuava as costas da mão?

O rapaz deu um pulo na cadeira.

— Uma tatuagem! — gritou. Agora já sei, senhor Lavender. E' o Collodi, o intermediário de quem lhe falei... O mesmo que mencionou o nome do Lurcher e me pediu depois para me esquecer desse nome. Mas não é «ele» quem eu vi na Morgue!

— E' que lhe mostraram outro cadáver! — retorquiu Lavender. Agora, quem possa ter tramado isso tudo, não sei. E' porquê? — acrescentou, pensativo.

— O meu pai não podia ter morto Collodi por «engano» — insistiu o rapaz. Ele não se parece nada «com» o Lurcher.

— E que sabe a respeito de uma mulher chamada Worley?

— Essa é a mulher de quem falam os jornais. Pode ser que ela fosse uma das clientes do pai, e talvez ele lhe tenha dado narcóticos... Não sei. Os médicos, por vezes, fazem isso. Será o senhor capaz de me explicar isto tudo, senhor Lavender?

— Sem se comprometer, a Polícia... ou outrem... pode estar a tentar sugerir que o seu pai faz parte da quadrilha — disse Jimmie.

— E o senhor acredita nisso?

— Eu estou a trabalhar «consigo», Harold. Não quero acreditar em tal possibilidade, é claro. Faço apenas as perguntas que me ocorrem.

Harold Cartwright desatou num pranto copioso.

— Desculpem — disse por fim. Posso dizer-lhes uma coisa a respeito de Collodi. E' que é um bom pianista. Foi o que me disseram. Já tem feito parte de boas orquestras.

— Ah, sim? Muito obrigado pela informação. Pode ser uma pista valiosa.

Acompanhámos o rapaz á porta, mas ainda não eram passados cinco minutos que ele saira, quando reboou na rua uma série de tiros e, espreitando pela janela, vimos Harold Cartwright em correria desenfreada para o nosso prédio. Lavender correu para ir abrir a porta e voltou, passados uns momentos, com um braço passado por cima dos ombros do rapaz.

— Alguém... fez fogo contra... mim — gaguejou o jovem, falando com dificuldade. Eu ia... justamente... a virar a esquina... quando...

— Um carro?

Harold acenou a cabeça.

— Um carro preto e grande... Foi tudo quanto vi... e por pouco não me acertavam. E' um milagre...

— Calma — aconselhou Lavender. Você aqui está seguro.

— Queres que eu passe uma busca pelas redondezas? — perguntei.

— Não vale a pena — disse Lavender. A estas horas já eles vão longe. Tem a certeza de que não reconheceu nenhum dos seus agressores, Harold?

O jovem sacudiu a cabeça com desespero.

— Sim, teria sido difícil — concordou Lavender. Bom, o melhor será passar o resto do dia na nossa companhia. Nós faremos que você chegue a salvo a casa, logo que anoiteça.

Eram nove da noite, quando os três chegámos á casa onde o rapaz vivia. Aís, com grande surpresa da nossa parte, encontrámos o dr. Cartwright. O médico acabava de sair afiançado, explicou-nos ele. Mas continuava a recusar-se a falar, explicando que o advogado lhe dissera que quanto menos falasse, melhor. Pareceu-nos deveras radiante por voltar a ver o filho.

A' meia-noite, recebemos um telefonema do hospital. O jovem Cartwright fora alvejado e ferido, em sua própria casa! Após o seu transporte para o hospital, pedira aos médicos que telefonassem para Lavender. O ferimento não era grave, e o rapaz recusara-se a tomar qualquer sedativo sem falar primeiro connosco.

Depois da nossa conversa com ele e das precauções tomadas, era difícil compreender o que se poderia ter passado. Alguém conseguira introduzir-se na casa do dr. Cartwright, seguindo-se um duelo a tiro entre o médico e o intruso. Harold fora a unica vítima. O caso embrulhava-se cada vez mais.

Encontrámos o dr. Cartwright á cabeceira da cama do filho. Um e outro foram-nos contando a história.

— O assaltante entrou por uma janela da cave; disso não restam duvidas. Eu já estava preparado, porque bem adivinhava que se faria uma tentativa para nos raptar. Tinha, portanto, uma arma á mão e quando ouvi passos furtivos no corredor, fui na sua peugada. Infelizmente Harold também o ouvira, e por uma infeliz coincidência — não encontro outra explicação — colocou-se na escuridão na nossa linha de fogo. Ambos estamos seguros de que foi a bala do assassino que acertou em Harold.

Harold Cartwright concordou.

— Foi precisamente como se passaram as coisas — disse.

— Mas vocês viram o «outro» homem? Ou ter-se-ia dado o fantástico acaso que o senhor e o seu filho começassem a disparar um contra o outro?

Pai e filho disseram ter a certeza de haver um terceiro homem no corredor.

— O senhor procurou no corredor o que os autores policiais chamam um indício? — perguntou Jimmie.

— Com o meu filho ferido, foi coisa que não me passou pela cabeça, senhor Lavender. Por que não se encarrega o senhor disso?

— Creio que é o que vou fazer — respondeu Jimmie Lavender. A Polícia já lá foi?

— Quando saimos de casa, já lá estavam dois agentes.

— Na sua qualidade de médico, o senhor pode ter em casa narcóticos, evidentemente. Havera certos pacientes a quem os narcóticos têm de ser ministrados. E não me custa acreditar que alguns deles sejam demasiado importunos. Acha que um morfinómano seria capaz de lhe assaltar a casa para lançar mão a um desses produtos?

— Naturalmente que não — retorquiu o dr. Cartwright, indignado.

— O senhor e Harold estavam sós em casa?

— Sim. A minha mulher não se encontra na cidade.

— A mãe de Harold?

— Madrasta — respondeu o dr. Cartwright. Ao que pretende chegar, senhor Lavender?

— A nada, doutor — disse o meu amigo. Estou apenas a tentar completar o quadro. Não está na disposição de quebrar o sigilo profissional a respeito dessa senhora Worley que a Polícia descobriu, não é verdade?

— Sinto muito, mas não discuto os meus doentes! Esta noite não se encontrava nenhuma mulher lá em casa, se é isso o que estava a pensar.

AMANHÃ:
ALVEJADO NA SOMBRA

pequeno MAGAZINE

—O sr. doutor não seria capaz de lhe receitar um divertimento nocturno de vez em quando?

DIZ QUEM SABE

A melhor maneira de tornar as crianças boas, é torná-las felizes.
ÓSCAR WILDE

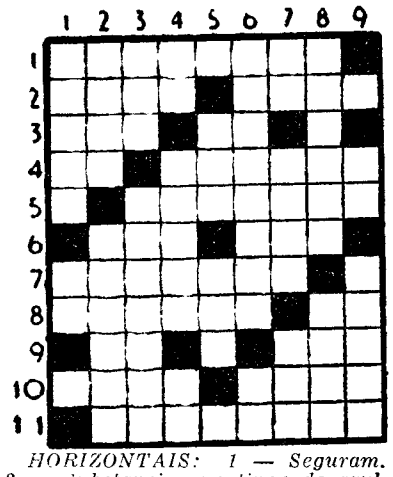
*** A criança só compreende e só ama o que é infantil.**
ANTERO DE QUENTAL

*** As crianças, quando aparecem, trazem consigo o Sol: tudo se ilumina.**
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 2095



HORIZONTAIS: 1 — Seguram. 2 — Substancia que tinge de azul. Pronome pessoal (pl.). 3 — Emprega. Doutor. 4 — Nota musical. Planta venenosa semelhante ao agrião. 5 — Novilho de um ano. 6 — Botequim. Segui. 7 — Grande boca. 8 — Lugar de delícias. Rio de Itália. 9 — O mais. Troçar. 10 — Passados. Parte do chapéu. 11 — Recolheram em asilo.

VERTICAIS: 1 — Freguesia do concelho de S. Cruz (Madeira). Nome de letra. 2 —Azo. Desfalque. 3 — Esteiro. Organismos microscópicos unicelulares, que têm a forma de uma varinha direita ou curva. 4 — Símbolo químico do alumínio. Estarás. Nota musical. 5 — Recita. Víscera. 6 — Alcoviteiro. Aqui. 7 — Pronome pessoal (ant.). Enredo. Grande quantidade. 8 — Professor. Vasilha bojuda de madeira, para líquidos. 9 — Em partes iguais. Habitam.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 2094

HORIZONTAIS: 1 — QUEM. DEVE. 2 — Uri. Lar. 3 — Arimo. 4 — Rã. NÃO. Lá. 5 — Ora. TEM. 6 — Demoras. 7 — Rir. Lãs. 8 — As. Pau. Ra. 9 — Baile. 10 — Ara. Coa. 11 — Oiro. Vãos.

VERTICAIS: 1 — Quero. RAZÃO. 2 — Ur. Ardis. Ri. 3 — Eia. Aer. Bar. 4 — Rn. Pá. 5 — Diagonais. 6 — Mó. Ul. 7 — Elo. Tal. Eça. 8 — Vã. Lesar. Oó. 9 — Eram. Salas.

(Provérbio: QUEM DEVE NÃO TEM RAZÃO).

QUEM CANTA seu mal espanta...

Vai o rio sereninho,
Como quem se quer deitar...
O travesseiro é de relva
E os lençois são de luar.

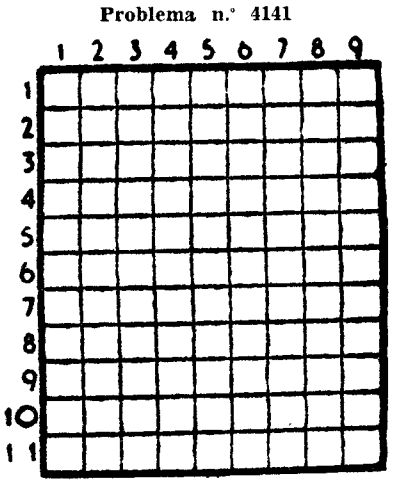
ANTÓNIO GRANJO

EFEMÉRIDES

No dia 6 de Outubro de 1862 morreu em Montevideu o poeta Francisco Acuña de Figueroa.

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 4141



HORIZONTAIS: 1 — Preposição. Numeral. 2 — Adicionar. 3 — Antes de Cristo. Chefe etíope. Deus dos pastores. 4 — Rio de Portugal. Vila e sede de concelho de Portalegre. 5 — Entusiasmo. 7 — Artigo definido. Semelhante. Cidade da antiga Caldeia. 8 — Cidade e capital do Peru. Irra! 9 — Freguesia do concelho de Sintra. 10 — Rosto. Língua antigamente falada ao sul do Loire. 11 — Pronome pessoal (pl.). Imposto de transmissão.

VERTICAIS: 1 — Seguiam. Nome de um astro. Base. 2 — Título de uma das mais belas tragédias de Corneille, em cinco actos e em verso. Textualmente. 3 — Pertences. Rente. Clava. 4 — Espiritual. Engastes de pedras preciosas. 5 — Cruel. Cólera. Viração. 6 — Emparelhar. Pouco vulgares. 7 — Símbolo químico do érbio. Reles. Pedestal. 8 — Piedoso. Género de animais carnívoros. 9 — Utensílios domésticos. Salário de soldado. Aqui.

Solução do problema n. 4140

HORIZONTAIS: 1 — Solferino. 2 — Ela. Rás. 3 — Nê. Par. Os. 4 — Cá. Ia. 5 — Calmosa. 6 — Ceva. Sica. 8 — Má. Via. Vê. 9 — Adiasseis. 10 — Ri. Lãs. A's. 11 — Arma. Asma.

VERTICAIS: 1 — Sena. Camara. 2 — Olé! Ce. Adir. 3 — Lá. Cava. 4 — Pala. Vala. 5 — Era. Pisa. 6 — Rios. Assa. 7 —Ir. Ásia. 8 — Não. AC. Viam. 9 — Ossa. Avessa.

O público e o livro

vida literária

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» NÚMERO 115

Chagall:

—A Pintura é uma espécie da Química

Marc Chagall com oitenta e três anos, foi entrevistado por um semanário literário francês. O pintor afirmou:

— A teoria e a técnica não me fizeram avançar um passo. Devo tudo á vida. A pintura não é uma questão de escolas é uma espécie da Química.

— Já propus a montagem de uma exposição de quadros abstractos colocados ás avessas. Assim, ver-se-ia o seu sangue, a química.

— Não sou um pintor, simplesmente um homem que pinta, que vê e que tenta mostrar o que vê o menos mal possível.

— Quando cheguei a Paris fiquei entusiasmado com Van Gogh, Seurat e os Grecos. Mas foi sobretudo a atmosfera que me perturbou.

— A atmosfera deste país era a Arte. Por sua causa, nunca estamos sós.

— Maiakovski disse-me um dia: «Chagall, tu és um bom rapaz que fala demais».

FEIRA DAS VAIDADES

"La Rentrée"

por ARTUR PORTELA (FILHO)

Quando Ferreira-Couto rompeu na penumbra do café, o olhar queimado da rua pestanejando um sorriso débil, o outro rugiu-lhe do fundo, por sobre o zumbido das mesas em volta:

— Estou aqui, homem!

Ferreira-Couto não o viu imediatamente mas rasgou uma risada para a banda da voz e avançou, num nervosismo atabalhoado, ainda cego.

— Um abraço! Um abraço, caramba! — bradou o outro, de subito na sua frente, esmagando-o com uma violência maciça e ruidosa.

Era Duro, neo-realista. Estava tostado e trazia camisa verde. A boca ria, escancarada, e as sobrancelhas levantavam-se, derramando luz sobre o olhar preto.

— De volta, não? — perguntava Ferreira-Couto, encadeando pela rude simpatia de Duro, a colocar a fina pasta preta de pegas sobre uma cadeira.

— De Mirandela, ontem, de madrugada! — soltou o outro, puxando a cadeira, entre a perplexa irritação de todo café.

— Eu de Veneza, esta manhã, de avião — sorriu Ferreira-Couto, tocando o couro florentino da pasta, onde havia ainda o rectangulo de cartolina da Pan American.

— Não, não! — berrava Duro, com o tronco sobre o mármore.

— Férias são férias. Viagens estafam. Um mês. Um mês inteiro, em bloco, sólido, intacto, na minha aldeia. Viagens não, estafam.

— Mas não — sorria Ferreira-Couto, fino, europeu, condescendente — Os Pirineus têm de ser passados. O Verão na península é marroquino. E depois Sartre no Renaissance, Picasso na Tate, Cayatte em Veneza.

Duro mexeu-se na cadeira, incomodado, sombrio, ameaçador.

— Bisbilhotices, fugas á realidade, um voltar de costas á tarefa imensa, o corte da raiz, que nos prende á terra rasgada pelo arado!

— Não, não — acudia Ferreira-Couto, alarmado — Contactos uteis, uma oxigenação, o estudo da problemática europeia.

Duro sorvia o café, o beiço na borda da chávena, uma pala preta de sombra no sobrolho. E depois, pesadamente:

— Escreveste, ao menos?

(Continua na ultima página)

A nova época literária — (2)

- numerosas reedições
- biografias críticas
- uma vaga de traduções

Com o fim de dar a conhecer aos nossos leitores as obras que as editoras portuguesas vão lançar na época literária agora iniciada, continuamos a indicar os títulos mais importantes dos vários programas editoriais.

Obras portuguesas de ficção

- «No fundo deste canal», de Alfredo Margarido (Arcádia).
- «Maria-é-Rei», de Fernando Lopes (Arcádia).
- «O relógio parado», de Lília da Fonseca (Arcádia).
- «O carro de feno», de Luís Forjaz Trigueiros (Bertrand).
- «O cavalo espantado», de Alves Redol (Portugália).
- «Histórias de mineiros», de Manuel do Nascimento (Arcádia).
- «Sangue na madrugada», de Rogério de Freitas (Arcádia).
- «Dies Irai», de Orlando da Costa (Arcádia).
- «Bonecos de luz», de Romeu Correia (Arcádia).

Reedição de obras portuguesas

- «A porta dos limites», de Urbano Tavares Rodrigues (Arcádia).
- «Natureza morta», de José Augusto França (Arcádia).
- «O romance das ilhas encantadas», de Jaime Cortesão (Arcádia).
- «Aparição», de Vergílio Ferreira (Portugália).
- «Uma fenda na muralha», de Alves Redol (Portugália).
- «Uma gota de sangue», de José Régio (Portugália).
- «Londres maravilhosa», de Teixeira Gomes (Portugália).
- «Carnaval literário», de Teixeira Gomes (Portugália).
- «A' esquina», de Fialho de Almeida (Clássica).
- «O mistério da estrada de Sintra», de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz (Clássica).

Obras estrangeiras de ficção

- «Vidas secas», de Graciliano Ramos (Portugália).
- «Excursão de luxo», de Frederic Wakeman (Ulisseia).
- «Justine», de Lawrence Durrell (Ulisseia).
- «A casa sem dono», de Egon Hostowsky (Ulisseia).
- «O filho nativo», de Richard Wright (Ulisseia).
- «Degelo», 2.ª parte, de Ilya Ehrenburg (Ulisseia).
- «A roda da fortuna», de Roger Vailland (Ulisseia).
- «Meu tio padre», de Luigi Santucci (Ulisseia).
- «As flores de Indochina», de Edita Morris (Ulisseia).
- «Voando para o perigo», de Arthur Hailey (Ulisseia).
- «Sociedade dinamite», de Horace McCoy (Ulisseia).
- «Uma vida», de Italo Svevo (Arcádia).
- «As grandes famílias», de Maurice Druon (Arcádia).
- «Um homem na América», de André Bay (Arcádia).
- «Regresso a Peyton Place», de Grace Metalious (Arcádia).
- «A matilha», de Alexei Tolstoi (Arcádia).
- «Os homens não são máquinas», de Max Frish (Arcádia).
- «Encontro nos Infernos», de Maurice Druon (Arcádia).
- «Correndo sobre as vagas», de Alexandre Grinè (Arcádia).
- «Os homens em armas», de Evelyn Waugh (Arcádia).
- «O outro eu», de Graham Greene (Arcádia).
- «O amor das trevas», de Jan Otchenachek (Arcádia).
- «Diário sentimental», de Vasco Pratolini (Arcádia).
- «O poder», de Federigo Tozzi (Arcádia).
- «Contos», de Italo Calvino (Arcádia).
- «Gente de Aspromonte», de Conrado Alvaro (Arcádia).
- «Os vice-reis», de Francesco de Roberto (Arcádia).
- «Senilidade», de Italo Svevo ((Arcádia).
- «A noiva do silêncio», de Constantin Amariu (Arcádia).
- «Tempo de guerra», de Vasco Pratolini (Arcádia).
- «Pedro e João», de Guy de Maupassant (Arcádia).
- «Os hóspedes inesperados», de Heinrich Böll (Arcádia).
- «O sósia», de Dostoievsky (Arcádia).
- «O futuro», de Roger Martin du Gard (Arcádia).
- «Degrés», de Michel Butor (Arcádia).

(Continua na página seguinte)

D'ASSUMPÇÃO

expõe na galeria Montet em Paris

Manuel D'Assumpção, o jovem pintor abstrato premiado no ultimo Salão dos Novíssimos, do S. N. I., apresentou as suas telas em Paris, na galeria de Karin Montet.

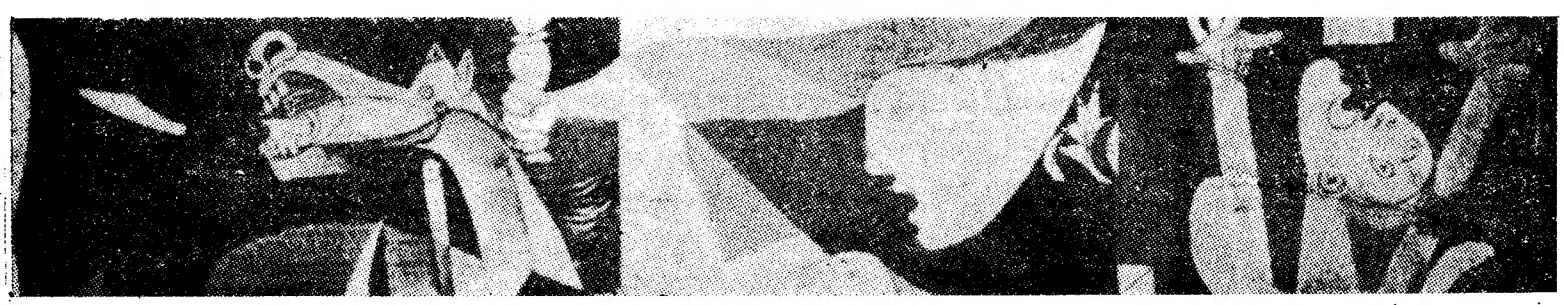
HUXLEY

prepara um outro «Brave New World»

Aldens Huxley, que já nos deu «Regresso ao admirável mundo novo», meditação sobre a problemática do seu célebre «Brave new World», uma sátira contra o estalinismo e os perigos de uma civilização técnicista, na linha do cruel e implacável «1984», de George Orwell, está a preparar um outro romance, sobre o mesmo tema. Entrevistado sobre esta obra, declarou:

— E' a história de uma sociedade que faz todos os esforços necessários para apagar as qualidades do Homem. O local é uma ilha entre Ceilão e Sumatra, um ponto onde se chocam as influências indiana e chinesa. O heroi assemelha-se a Darwin e ao meu avô.

Dez quadros para salvar em 1960 de um cataclismo universal



Fernando Pernes: «Porque pensar agora no fim da Terra quando os horizontes do nosso velho mundo estão prestes a dilatar-se e a determinar novas dimensões ao nosso olhar esgotado?»

Depois de José-Augusto França, José Julio, Manuel Cargaleiro e Carlos Botelho, um jovem crítico, Fernando Pernes, organizador das exposições itinerantes, no ambito das quais tem dirigido numerosos debates, e colaborador da «Vértice». E logo de início o protesto contra os termos em que a pergunta é posta, como se o título do inquérito fosse propiciatório ou sequer um desejo. A intenção é outra. A recolha de respostas sérias a uma pergunta quase irónica.

Antes de mais permita que lhe manifeste a minha estranheza pelos termos em que V. põe essa pergunta. Há uns anos atrás, na altura em que Picasso pintava a «Guernica» e as chamas inquisitoriais consumiam os quadros de Baumeister, justificar-se-ia essa urgência em nos tentarmos salvar, salvando connosco os quadros susceptíveis de evocar a presença do homem neste planeta, ameaçado de morte. Mas, porque pensar agora no fim da Terra, quando os horizontes do nosso velho mundo estão prestes a dilatar-se e a determinar novas dimensões ao nosso olhar esgotado? Creio não ser o momento do «De profundis» que antes será o de «Aleluia». E olhe que é precisamente a grande pintura mais próxima da minha geração — e da sua já se vê: a de Tapies ou Guixart, de Zao-Wou-Ki, Fautrier ou Riopelle que para além da barafunda noticiosa, me traz a evidência dessa crença, da minha unica crença aliás.

Alterando pois, como você quiser, os termos da questão, dir-lhe-ei que sendo viável fundamentar sobre os nomes indicados um conceito de modernidade, poderia responder com eles ao seu inquérito, acrescentando-lhes alguns quadros de Soulages, Alechinsky, Fontana, outros de Vedova, Wols e Burri, De Stael ou Pollock e Franz Kline.

Pintores do pós-guerra diferem em evidência, lucidamente, da arte que lhes é anterior e explicam novos temores e novas esperanças. De certo há sobre eles a herança de um passado mas, a seguir tais sulcos, deveria começar com favor forçado no Piero della Francesca. Os grandes artistas, por serem homens, têm data. Ou não será Goya, romantico antes de Delacroix, percursor do expressionismo, á beira de certos achados informalistas, um homem da Revolução Francesa?

Aceitando outro critério teria de falar nos ultimos grandes do oitocentismo. Nesse caso escolheria, mesmo com o sa-

(Continua na ultima página)

A nova época literária

(Continuação da página anterior)

● «A queda dos corpos», de Maurice Druon (Arcádia).
● «O peregrino», de Joyce Cary (Arcádia).
● «Ulisses», de James Joyce (Arcádia).
● «Rosas a prestações», de Elsa Triolet (Portugália).
● «As praias da Barbaria», de Norman Mailer (Portugália).
● «Depois da Cicuta», de Angus Wilson (Portugália).
● «Ciume», de Alain Robbe-Grillet (Portugália).
● «O vento», de Claude Simon (Portugália).
● «Cristo parou em Éboli», de Carlo Levy (Portuguália).
● «Terna é a noite», de Francis Scott Fitzgerald (Portugália).
● «Luna Parque», de Elsa Triolet (Portugália).
● «A alegria assustadora», de Joyce Cary (Portugália).
● «O fogo grande», de Cesare Pavese e Bianca Garuffi (Portugália).
● «Djamília», de Tchinghiz Altmatov (Portugália).
● «A Verdadeira História de Ah Q», de Lu Hsun (Portugália).
● «Garibaldina», de Elio Vittorini (Portugália).
● «Erica e as irmãs», de Elio Vittorini (Portugália).
● «Certa mulheres», de Erskine Caldwell (Portugália).
● «O diabo sobre as colinas», de Cesare Pavese (Portugália).
● «O visconde esquecido», de Italo Calvino (Portugália).
● «O barão trepador», de Italo Calvino (Portugália).
● «As mães», de Giuseppe Marotta (Portugália).
● «Palmares selvagens», de William Faulkner (Portugália).
● «Verão», de Cesare Pavese (Portugália).
● «Ligações perigosas», de Choderlos de Laclos (Portugália).
● «Os moedeiros falsos», de André Gide (Portugália).
● «Som e furia», de William Faulkner (Portugália).
● «O valente soldado Chweik», de Jaroslav Hasek (Portugália).
● «Manhattan Transfer», de John dos Passos (Portugália).
● «Paralelo 42», de John dos Passos (Portugália).
● «Um Don Quichote Russo», de Iouri Tynianov (Portugália).
● «O diabo em Pontelungo», de Ricardo Bacchelli (Portugália).
● «O parque dos viados», de Norman Mailer (Portugália).
● «A juventude de Abaí», de Moukhtar Aouezov (Portugália).
● «Contos», de Anton Tchekov (Portugália).
● «A meia idade da sr.ª Elliot», de Augus Wilson (Portugália).

Poesia

● «As encruzilhadas de Deus», de José Régio (reedição) (Portugália).
● «Mas Deus é grande», de José Régio (reedição) (Portugália).

Reedição de obras estrangeiras

● «Doze anos na Legião Estrangeira», de Sydney Tremayne (Clássica).
● «Combates com os monstros marinhos», de F. S. Michel-Hedges (Clássica).
● «O bispo e juíz», de Hall Caine (Clássica).
● «Amar não é pecado», de Grace Metalious (Arcádia).

Teatro

● «A preparação do actor», de Stanilawsky (Arcádia).
● «Panorama do teatro contemporaneo», de Redondo Junior (Arcádia).
● «Teatro completo», de Uggo Betti (Arcádia).
● «O vagabundo das mãos de ouro», de Romeu Correia (Arcádia).

Ensaios

● «Pontos de referência», de Vieira de Almeida (Arcádia).
● «Tendências da Filosofia Contemporanea», de Federico Sciacca (Arcádia).
● «Ensaio sobre a liberdade», de Stuart Mill Vitorino (Arcádia).

Antologias

● «Fernão Lopes», (Portugália).
● «Camilo», (Portugália).
● «Herculano», (Portugália).
● «Os mais belos contos de amor», (Arcádia).
● «A geração da revolta», (Arcádia).
● «Os melhores contos de Manuel da Fonseca» (Arcádia).
● «Os melhores contos policiais», (Arcádia).
● «Os melhores contos de John Steinbeck», (Arcádia).
● «Os melhores contos de Erskine Caldwell», (Arcádia).
● «Antologia da Ficção Científica», (Arcádia).
● «Os melhores contos de Ernest Hemingway», (Arcádia).
● «Os melhores contos de Scott Fitzgerald», (Arcádia).
● «Contos do Oeste americano», (Arcádia).

Biografias

● «Fernando Pessoa», de António Quadros (Arcádia).
● «Eça de Queiroz», de João Gaspar Simões (Arcádia).
● «Teixeira de Pascoais», de Alfredo Margarido (Arcádia).
● «António Nobre», de Guilherme de Castilho (Arcádia).
● «Fereira de Castro», de Jaime Brasil (Arcádia).
● «Dez fortunas fabulosas», de Américo Faria (Clássica).
● «Dez epopeias heróicas», de Américo Faria (Clásica).

Obras em fascículos

● «História da Republica», (Ed. Século).
● «Os descobrimentos portugueses», de Jaime Cortesão (Arcádia).
● «Os grandes portugueses», de Hernani Cidade (Arcádia).
● «História universal ilustrada», de Eugène Rimbi (Arcádia).

Obras de História

● «Napoleão», de Eugénio Viktorovitch Tarlé (Portugália).
● «Aurora da Civilização Europeia», de Vincent Gordon Childe (Portugália).
● «Pedro, o Grande», de Alexei Tolstoi (Portugália).
● «A Inquisição Espanhola», de A. S. Turberville (Portugália).
● «A Epopeia das Cruzadas», de René Grousset (Portugália).

Divulgação

● «Adubos e adubações» de A. Gros (Clássica).
● «A sociedade e o crime», de Luís de Carvalho e Oliveira (Arcádia).
● «O que é o cancro», de Pierre Denoix (Arcádia).
● «Guia do auditor de musica», de Chantavoine e Rostand (Arcádia).
● «A conquista do espaço», de K. Guilzine (Arcádia).
● «O que é o jazz», de Raul Calado (Arcádia).
● «O que é a musica», de João José Cochofel (Arcádia).
● «O que é o homem», de Breda Simões (Arcádia).
● «O que é a medicina», de Diogo Furtado (Arcádia).
● «O que é a arte», de Artur de Gusmão (Arcádia).

Cinema

● «Reflexões de um cineasta», de Sergei Eisenstein (Arcádia).
● «História das teorias do cinema», de Guido Aristarco (Arcádia).
● «Cinema, arte figurativa», de Carlo Raghiantti (Arcádia).
● «O filme», de Bela Balázs (Arcádia).
● «Argumento e realização», de Vsevolod Pudovkine (Arcádia).
● «Espírito de Cinema», de Jean Epstein (Arcádia).

Documentos

● «Dossier: Resistência», de Richard Collier (Ulisseia).
● «A Civilização posta á prova», de Arnold Toynbee (Ulisseia).
● «Ofício de viver», de Cesare Pavese (Portugália).
● «Quando trabalhei com Albert Schweitzer», de Frederick Franck (Portugália).
● «De Profundis», de Oscar Wilde (Portugália).

Viagens

● «O caso de Achiles», de Berkely Mather (Clássica).
● «O destino trágico do Tahiti-Nui», de Michel Brun (Portuália).
● «Lua, Ano 1.», por um grupo de cientistas (Portugália).
● «O Mundo do Silêncio», de J. Yves Cousteau (Portugália).
● «A vaga», de Sónia Borodesky (Portugália).
● «O apelo dos abismos», de Jacques Chasteret (Portugália).

Literatura juvenil e infantil

● «O mistério de Rockingdown», de Enid Blyton (Clássica).
● «O mistério da feira de Rilloby», de Enid Blyton (Clássica)
● «O mistério da mansão dos sinos», de Enid Blyton (Clássica).

Obras de aventuras

● «Prisioneiro de Catamount», de A. Bonneau (Clássica).
● «Catamount aborrece-se», de A. Bonneau (Clássica).
● «Catamount e a rainha do ouro negro», de A. Bonneau (Clássica).
● «As correntes», de Daniel Gray (Clássica).
● «A sétima porta», de Daniel Gray (Clássica).
● «A camara dos lobos», de Daniel Gray (Clássica).
● «O senhor das ilhas», de Daniel Gray (Clássica).

Romances policiais

● «O caso contra a sr.ª Ames», de Arthur Somers Roche (Ed. Século).
● «A sua vida por um cadáver», de Eleazar Lipsky (Ed. Século).
● «Uma visita macabra», de Harold Q. Masurr (Ed. Século).

LIVROS e

COMENTARIOS DE

«LIÇÕES DE CULTURA LUSO-BRASILEIRA—ÉPOCAS E ESTILOS NA LITERATURA E NAS ARTES PLÁSTICAS»

Para além de uma carreira de professor universitário que foi sempre laboriosa e fecunda, não se confinando como a de tantos mais no usufruto estéril da cátedra e na repetição, o professor dr. Hernani Cidade continua a testemunhar na publicação dos seus trabalhos uma rara personalidade intelectual criadora. Como professor foi um *carácter*, no mais forte sentido da palavra. Ele próprio a define, na abertura deste volumoso livro agora apresentado, como «força íntima que determina (no indivíduo) certa continuidade no imaginar, no pensar, no sentir e no proceder, que em cada momento do tempo e lugar do espaço o mantém idêntico a si mesmo e diferente dos outros». O *carácter* de Hernani Cidade, como mestre de sucessivas gerações, foi a continuidade no trabalho estudioso, a seriedade no exercício da função, a dignidade pessoal de inteligência na aturada labuta com que sempre fundiu a actividade docente e a do escritor.

Assim construiu uma obra que,

PROF. HERNANI CIDADE

sem audácias espectaculares de interpretação e conceito mas com solidez modelar, alinha no património da nossa historiografia crítica da literatura ao nível das que melhor a representam. A obra é universitária no estilo, na construção e na finalidade cultural dominante —mas excelentemente universitária. O professor HernaniCidade não é um ensaista na mais significativa acepção do termo. Não é um agitador das multiformes expressões da irrequietas e versáteis problemáticas, um impulsionador de interrogações, um revolucionário de métodos. O seu esforço vasto, no estudo e na criação intelectual, foi sempre o da análise serena, objectiva sem deixar de ser calorosa, firme na opinião perfilhada mas aberta prudentemente ás que com ela puderem conciliar-se por algum aspecto de mais seguro equilibrio e justeza. Como historiador e crítico da literatura tem sido um mestre da «mesure» e do bom-senso. Para certos temperamentos intelectuais, a ausência de teses fulgurantes e ousadas na sua obra será encarada como um defeito. É por esse defeito, todavia, que outras qualidades mais avultam. E cumpre admirar os grandes trabalhadores da cultura pelo que eles trazem de positivo, tal qual são, sem os amoldar a um padrão inflexivel.

Nestas «Lições de Cultura Luso-Brasileira» estão presentes em toda a sua integridade o investigador infatigável, o ponderado relacionador das multiplas expressões da cultura e o professor que nunca perde de vista a matéria humana a que se dirige e que decisivamente o moldou. São efectivas *lições*, e não interrogativos ensaios, os capítulos do livro. Com ele intenta Hernani Cidade surpreender a permanência e a continuidade de um estilo luso-brasileiro, com expressão primacial na literatura mas reflectindo-se na arquitectura, na pintura e na escultura. Não visando a construção de uma história artística de ordenação sistemática e exaustiva, volta-se antes para a «síntese da sucessão dos estilos por que se vão revelando as fases da experiência colectiva». A obra atinge assim o seu maior interesse na articulação dos nexos culturais — embora com predomínio demasiadamente acentuado nas expressões literárias e carência sensível dos fundamentos sociológicos que deveriam assegurar-lhe o indispensável suporte. Também o predomínio da matéria portuguesa sobre a brasileira, sobretudo nas páginas finais em que são versadas as modernas correntes da literatura e da arte em Portugal e no Brasil, imprime a esse capítulo um certo desequilibrio que em futura edição poderá ser reparado. O volume ficaria, talvez, excessivamente alongado, mas com certeza mais acabado na estrutura e na significação cultural. Afirma o autor que esse predomínio resulta de um pragmatismo profissional, que não de uma escala de valores, visto que o livro se gerou em lições de literatura portuguesa realizadas nos dois países. Mas a importancia e o alcance cultural da obra justificam plenamente a revisão — aliás habitual em outros trabalhos que o professor Hernani Cidade tem reconstruído exemplarmente, como as «Lições de Cultura e Literatura Portuguesas».

Do pormenor de pontos de vista

«A EVOLUÇÃO ESTÉTICA

por ANTÓNIC

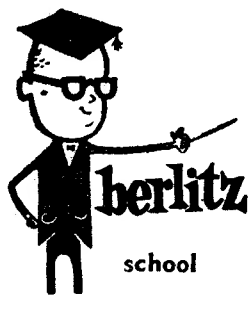
Muitas e poderosas limitações, bem conhecidas, têm dificultado a formação em Portugal de uma consciência actualizada e séria do significado da arte cinematográfica na cultura contemporanea. Não é apenas a catastrófica nulidade do cinema produzido em Portugal que justifica o persistente provincianismo em que temos vivido nesse domínio. Os constrangimentos claustrais aliam-se muito de perto com a função quase sempre negativa da crítica mais próxima do grande publico. A acção esplêndida do cineclubismo, através de infindos obstáculos, não tem bastado para contrabater os factores adversos a uma moderna e aceitável cultura cinematográfica neste País.

Por isso mesmo se afigura mais corajosa, mais oportuna e mais apreciável a iniciativa de António Macedo ao empreender a publicação de uma vasta enciclopédia crítica e antológica sobre a evolução do Cinema. Imprimiu-lhe o autor, neste primeiro volume, um cunho que talvez deva considerar-se excessivamente especulativo em alguns capítulos, excessivamente técnico em outros. A escolha de certos textos foi determinada por um critério supervalorativo do cinema como arte, na sua forma actual e na proporção com outras vias da expressão estética, a que não seria impertinência injusta opôr algumas restrições. Mas o conjunto do volume apresenta uma riqueza de sugestões e directivas que será preciosa para quem quiser e puder formar uma mentalidade á altura do fenómeno artístico, «doublé» de fenómeno social, que é o cinema.

Considerou o autor-compilador desta obra como menos importante o factor histórico em relação ao estético, justificando esse princípio expressamente formulado pelo facto de ser secundário o factor histórico «se considerarmos a história pelo prisma vulgar da sucessão de eventos, de causa para efeito». A narrativa da sucessão de eventos é uma coisa, a coordenação e concepção da ordem das causas e efeitos é outra muito diversa. Se a primeira poderia ser dispensável numa obra como «A evolução estética do Cinema», a segunda afigura-se imprescindível num trabalho culturalmente normativo como é este. Uma evolução, em arte como em qualquer outro domínio, pressupõe sempre a causalidade histórica, entendida com maior ou menor larguesa segundo as possibilidades intelectivas de quem a interpretar. É esta, sem duvida, a mais séria claudicação da obra relevante a que António de Macedo se lançou com coragem singular no nosso meio ingrato.

Sob muitos outros aspectos, todavia, a obra mantém um nível que não exalta apenas a qualidade intrínseca dos trabalhos escolhidos para a preencher como consagra, também, o mérito dos inteligentes

DICIONÁRIO
FRANCÊS-PORTUGUÊS FONÉTICO
2.ª EDIÇÃO
Por dr. JOSÉ DE SOUSA VIEIRA
Antigo professor do Liceu D. Manuel II — Reitor dos Liceus de Nun'Alvares, Julio Henriques e Rodrigues de Freitas (D. Manuel II)
Do mesmo autor:
GRAMÁTICA FRANCESA ELEMENTAR
Primeiros exercícios de gramática francesa (1.º ciclo) e Exercícios da língua francesa (2.º ciclo). — A' venda em todas as livrarias



INSTITUTO DE LÍNGUAS DE RENOME MUNDIAL
INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO — PORTUGUÊS
* CURSOS PARA CORRESPONDENTES COMERCIAIS
* CURSOS PARA CRIANÇAS
* LIÇÕES INDIVIDUAIS OU EM GRUPOS RESTRITOS
INSCRIÇÕES IMEDIATAS
Rua Sociedade Farmacêutica, 30-1.º
Telefone 54530

COLECÇÃO DE AUTORES UNIVERSAIS
ACABA DE SAIR
UM DIA DIFERENTE
Romance
de John Steinbeck
LIVRARIA BERTRAND

AUTORES

ÁLVARO SALEMA

e conceitos discutíveis que mais se destacam na obra, seria impossível desenvolver e justificar as discordancias ou até as interrogações sem alongar incomparavelmente este comentário. Que Portugal tenha sido, sobretudo, «uma criação do individualismo medievo»; que Camões tenha vivido no «esplêndido isolamento dos génios»; que a arte de Columbano tenha sido gerada num «sentido espiritualista»; que Mário de Sá Carneiro tinha «resistido longamente á dissolução da personalidade e do estilo»—para só apontar alguns exemplos dispersos — são temas de interessante debate entre muitos mais que a obra sugere. Mas cite-se também, como exemplo de justíssimo critério a representar muitos mais, o ponto de vista de que o autor da *Dispersão* «representa muito melhor do que o *genial fingidor* a época em que a cultura portuguesa dá seu primeiro passo no caminho da desagregação em que a jovem literatura e arte se comprazem».

Lêem-se esta «Lições de Cultura Luso-Brasileira» com o aprazimento intelectual de quem acompanha o veio discorrente de uma reflexão calma, séria, generosamente explicativa e docente. Hernani Cidade continua com elas a sua missão de exemplar professor e de historiador crítico e interpretativo da nossa literatura. É um digno retrato do homem de inteligência e de trabalho que honram como raros a Universidade. *(Colecção Brasileira de Filosofia Portuguesa, Edição Livros de Portugal, Rio de Janeiro).*

DO CINEMA», 1.º volume

DE MACEDO

comentários que os acompanham. Ressalvadas algumas restrições, só há motivo para desejar o êxito e a continuidade do empreendimento que a cultura cinematográfica em Portugal fica devendo a António de Macedo. *(Edição do autor, distribuida pelo Clube Bibliográfico Editex, Lisboa. Vinhetas de João Abel Manta).*

REGISTO

- A editorial *Portugália* trouxe a publico uma nova edição de «Histórias de Mulheres», contos de José Régio que vieram revelar, há quase dezena e meia de anos, uma nova faceta do poeta admirável das «Encruzilhadas de Deus». O introspectivismo, o sinuoso e lento processo de análise, a integração profunda do subconsciente individual no mundo social, que caracterizam Régio como escritor de ficção, têm nesta obra uma evidência de extraordinário interesse. Mais do que no romance, o autor inscreve poderosamente em «Histórias de Mulheres» a sua poesia inquieta e dolorosa e o seu confrangimento espiritual perante o meio agreste, tecendo um políptico de figuras inesquecíveis.
- Na vasta série de traduções ultimamente apresentadas pela *Portugália* foram incluídas recentemente as seguintes obras: «Amor e Dinheiro», de Erskine Caldwell, que é testemunho intenso e empolgante de experiência humana, fundindo com impressivo talento o realismo da observação e a análise psicológica; os livros para raparigas «Clara e Malfeitores», de Paul Vialar, e «Katy na escola», de Susan Coolidge, apresentadas como modelos no género pela frescura sã da narrativa e atracção da aventura; e «Horizontes brancos», de Charles Kewern, na *Biblioteca dos Rapazes*, enquadrando figuras vivas de crianças com a paixão do mar nas peripécias animadas da pesca da baleia.
- *Livros do Brasil*, na sua faina de projecção cultural devidamente apreciada, editou há pouco uma série de obras de manifesto interesse para o nosso publico leitor de várias aspirações:
  — «Brasis, Brasil, Brasília», por Gilberto Freire, em que o sociólogo e etnólogo documenta a sua justificada discordancia pela orientação urbanista e arquitectónica da nova capital brasileira com base na sua concepção do Brasil plural e uno largamente teorizado na sua obra;
  — «Terras do Sem Fim», de Jorge Amado, que representa na obra do grande romancista brasileiro um dos mais altos momentos de verismo, poesia, humanidade e colorido vibrante, oferecendo da mesclada sociedade do seu país um panorama de surpreendente vigor expressivo;
  — «Leonardo da Vinci», por Antonina Vallentin, mais uma biografia humaníssima, aberta á compreensão generosa das grandezas e misérias do génio, que os leitores de «Goya» e «Greco» poderão adivinhar no seu invulgar interesse cultural e moral;
  — «A alma na era da técnica», por Arnold Gehlen, em que são debatidos e documentados os grandes problemas da psicologia social no mundo industrial contemporaneo;
  — «Ofício de vagabundo», de Vasco Pratolini, uma novela enternecedora em que a solidariedade humana, no amor e na dor, é o fio de uma teia de experiência pessoal construída com exímio talento de ficcionista;
  — «O sinal do morto», de John Dickson Carr, criação original de literatura policiária por um mestre consagrado nessa modalidade.

I N G L Ê S

FRANCÊS — ALEMÃO

Licenciados port e assistentes estrang.

Telef. 733 733 e 72 93 29

Centro de Iniciação e Aperfeiçoamento

Rua de D. Estefania, n.º 48, 2.º, Esq.

A BELA E O MONSTRO

por LUÍSA NETO JORGE

Chegou. Ao fim de muitas ruas, chegou. Trazia umas débeis olheiras aladas e uma linda mala, também nova.

— Olá — disse ele. Via-se claramente que tinha esperado.

— Só não sabes disfarçar quando é preciso — disse ela, e deitou-lhe um sorriso doce, de lado, como por acaso se atira uma casca de laranja para a beira dum passeio.

— Vens encantadora, minha querida. Pena é que...

— Pena é que venha encantadora, meu querido...

O criado debruçou-se. Tinha um ar de mumia obsequiosa.

— Hoje queria qualquer coisa leve e gelada — disse ela.

— Sorvete — lembrou o criado, que não tinha imaginação.

— Batido de ananás — disse ele.

— Traga dois batidos de ananás — concluiu ela. Entendiam-se perfeitamente.

— Dentro de gaiolas abertas havia uns pássaros bizarros, de feltro colorido. Toda a gente esperava que voassem. Os pássaros sacudiam as penas de cor ao som da musica, mas até isso era fingido.

— Olá, jóia...

— Olá, monstro...

O monstro tocou a mão dela e sentou-se, sorrindo para o «outro».

os nossos contos

O «outro» esperava o sumo de ananás. Via-se claramente que tinha esperado toda a tarde e continuava.

— Monstro, que escondes tu? Estás mais novo desde a ultima vez que te vi. És feio, mas encantador.

— Como todos os monstros, querida...

O «outro» olhou para trás. Tinham mudado o disco; este era mole e atapetava a casa. As gaiolas eram lilases; as unhas de uma loura indecisa, também.

— Querida, estou cheio de sede — disse ele, muito devagar.

— Também eu. Esperemos...

Ele piscou os olhos, absorto, começando a estudar, ao acaso, como quem descobre cartas de uma paciência, as caras dos criados.

— Também eu, querido — repetiu ela, tocando-lhe com o pé.

— Tudo se arranja já. Se faz favor, atenda aqui; há séculos que esperamos.

— Perdão, senhor, quem está a atender não sou eu...

O «outro» dividia agora as penas dos pássaros.

— Monstro, que mal te fiz eu? — murmurou ela, por detrás do espelho pequeno.

— Nada — notou o «outro» — nada há aqui de interessante. Porque viemos aqui hoje?

— Minha querida — murmurou «ele» — porque viemos aqui, hoje?

— Amor! — gritou ela ao «outro», apertando-lhe a mão, sobre a mesa. — Já viste o que trago de novo?

— Bem sei, minha querida, uma mala nova. São sempre bonitas, as tuas malas novas.

—São bonitas, as tuas olheiras... — corrigiu o monstro — Porque tens olheiras desde a ultima vez que nos vimos?

— Desde a ultima vez que nos vimos — lembrou, de subito, o «outro» — tudo me tem corrido mal. E agora esta sede doida e o ananás sem vir.

— Esta sede doida, sem te ver, desde a ultima vez.

Os olhos do monstro brilhavam; cada vez mais débeis, as olheiras dela voavam.

— Senhor, desculpe a demora, esteve a gelar...

Alguém tirou o disco e não pôs outro.

— Já me passou a sede — condescendeu ele, não muito mal humorado.

— Adeus, jóia...

— Adeus, monstro...

Os pássaros bizarros baloiçavam as cores na gaiola.

— Querido... e se nós bebessemos o ananás? Está tanto calor e nós aqui a olhar um para o outro...

Olhou-se no espelho pequeno da mala de mão.

— Maravilhosas, as tuas olheiras... — confessou ele, compenetrado, bebendo com doçura pela palhinha.

— Quando deixas de ser um monstro, querido?

Ele sorriu, bem disposto. Ninguém diria que tinha esperado.

FICHEIRO DE ESCULTURA MODERNA

Alexandre Calder no seu estudio em Roxburry, Connecticut, U. S. A., em 1950

Calder (Alexandre). Nasceu em Filadélfia (E. U. A.) em 1898. Engenheiro. Começou a desenhar, em 1922, numa escola nocturna de Nova York. Estuda pintura na Arts Students Leagne. Parte para Inglaterra num cargueiro em 1926, e depois para Paris. A sua primeira escultura em fio metálico é o retrato de Josephine Baker. Participa em 1927 no Salão dos Humoristas. Expõe em Nova York na Weyhe Gallery e em Paris na Galerie Billiet. Em 1930 encontra-se com Léger, Mondrian, Miró, Van Doesburg, Arp, Tzara, Senjhor, etc. É a época do «Circo», a grande atracção intelectual de Paris. Sob a influência de Mondrian, realiza as primeiras construções abstratas na Galerie Percier, em 1931. No ano seguinte expõe na Galerie Vignon, os seus primeiros «mobiles». Em 1933, volta aos E. U. e compra uma quinta em Roxbury« Connecttiut». Em 1937, executa, para a Exposição Universal de Paris, a famosa «Fontaine mereure». Viagens á América do Sul (1948) e aos países escandinavos (1950). Ilustrou numerosos livros e realizou um «mobil» para o Palácio da U. N. E. S. C. O. em Paris.

ESCAPARATE

(De 29 de Setembro a 4 de Outubro)

Título — «Os justos».
Autor — Albert Camus.
Tradução — António Quadros.
Género — Teatro.
Editora — Livros do Brasil.
Colecção — Miniatura.
Numero de páginas — 179.
Preço — 12$50.

Título — «A infancia nos animais».
Autor — Maurice Burton.
Tradução — Alberto Candeias.
Género — Zoologia.
Editora — Livros do Brasil.
Colecção — LBL Enciclopédia.
Numero de páginas — 206.
Preço — 20$00.

Título — «Férias em Crome».
Autor — Aldous Huxley.
Tradução — João Monjardino e Armindo Rodrigues.
Género — Romance.
Editora — Livros do Brasil.
Colecção — Dois Mundos.
Numero de páginas — 260.
Preço — 40$00.

Título — «Londres maravilhosa».
Autor — Teixeira Gomes.
Género — Crónicas.
Editora — Portugália.
Numero de páginas — 196.
Preço — 35$00.

Título — «Olhos de água» — reedição.
Autor — Alves Redol.
Capa — Infante do Carmo.
Género — Romance.
Editora — Portugália.
Numero de páginas — 304.
Preço — 35$00.

Título — «Um lugar ao sol».
Autor — John Braine.
Tradução — Aida Lawrence e João Viagas.
Capa — Fernando Azevedo.
Género — Romance.
Editora — Estudios Cor.
Numero de páginas — 409.
Preço — 40$00.

Título — «Ben-Hur».
Autor — Lewis Wallace.
Género — Romance.
Editora — Portugália.
Numero de páginas — 257.
Preço — 35$00.

Título — «O fogo grande».
Autor — Cesare Pavese.
Tradução — Jaime Brasil.
Capa — Clérigo.
Género — Romance.
Editora — Portugália.
Colecção — Livro de Bolso.
Numero de páginas — 157.
Preço — 15$00.

A «CHARGE» DE VASCO

Realismo

FEIRA DAS VAIDADES

(Continuação da 17.ª página)

Ferreira-Couto sorriu mansamente, estendeu o braço envolvido pelo «tropical» chamejante e puxou para si a pasta. Duro olhou-a com severidade, na cintilação do cadeado, no desenho diferente e suspeito, no couro nitidamente estrangeiro. Ferreira-Couto abriu, com vagares maldosos e meteu a mão fina. Tirou três capas de cartolina, estreitas e rígidas. Sacudiu do mármore a cinza do cigarro esfarelado do outro e pousou as capas.

— Três ensaios — anunciou, inquietante — «Da problemática da pintura contemporanea», «A estilística alucinante de Esquadro» e «Requiem para Eric Von Stroheim». Três.

Duro baixou a mão, larga e pesada e folheou mal, com rudeza, quebrando a cartolina.

— Vinte e tantas páginas. Trinta, quando muito. Pura cabulice! — rugiu, satisfeito.

E ainda, esmagador, num ímpeto brutal, a folhear por entre os dedos quadrados, sintéticos, portinarescos:

— «... onde ainda uma vez se exemplifica esta ambiguidade de espaços e de tempos...», «...macia de tom, bem acordada, pitorescamente rica, dramáticamente entendida e usada...», «...dramáticamente, á análise psicológica ocidental substituiu-se aqui uma síntese metafísica, que vem de longas sagezas orientais...».

Sacudiu as capas de cartolina do outro e empurrou a mala, com o pé, de sob o mármore, numa risada de provocação, o olhar feroz pousado, o espanto do outro.

— Dois romances! — bradou — Oitocentos e setenta e nove páginas. Dois frescos. Noventa e sete figuras. Duas províncias analisadas. Quatro montanhas. Três rios. Um punhado de aldeias. A terra aos torrões grossos.

Abriu a mala, num gesto brusco, e o papel despenhou-se, feio e irregular, coberto pela letra espirrada de raiva e de tinta.

Ferreira-Couto curvou-se, míope e perplexo, numa admiração esmagada e profunda, a remexer o papel.

— Compactas. Mil e seiscentas folhas. Só camponeses estão aí sessenta. Soma-lhes a ferramenta, a enxada, a carabina, o olhar torvo e o peito largo.

— Posso? — sorria Crespo, através das lentes, esguio e muito jovem.

— Nada! — acusou Duro, formidável — Este não traz uma linha. Perdeu a palidez da anemia e deitou fora a gravata que o estrangulava. Foi meter-se ao Atlantico.

— Efectivamente — dizia Ferreira-Couto, percorrendo Crespo com um olhar agudo — Não há original. Um Verão autêntico, bárbaro, português, todo passado na sonolência de um Agosto em chamas.

Crespo abancava, a rir.

— Parece-lhes. Isso parece-lhes.

Duro, irritado, deu um pontapé na mala, que se derramou mais, desfolhando a prosa no azulejo sujo do chão.

— Dois romances!

Ferreira-Couto, mais subtil, entreabriu a pasta e dedilhou as laminas de cartolina.

— Três ensaios.

Crespo estalava os dedos, para o criado, pescoço torcido, o laço listrado sobre o colarinho pregado com botões.

— Estive na praia. Sesimbra. Pesca submarina e «crawl».

Ria sobre o cálcio de uma dentadura enorme. Duro abanou a cabeça, ferido por aquela juventude apressada, que lhe escapava inteiramente nas páginas espessas e graníticas.

— Um livro de poesia, senhores — soltou Crespo, com um copo alto, de laranjada, em frente do rosto — Já tenho as primeiras provas no bolso. Chego da tipografia.

— O quê, já composto ? — indignava-se Duro, traído, ultrapassado, subitamente envelhecido.

— Para quando, o livro? — perguntou Ferreira-Couto, com uma camaradagem tensa, mais insincero e mais hábil.

— Sexta-feira. «Plaquettes» em duas livrarias. Autografo das 5 para as 7. Quinta-feira saem duas entrevistas. Três mil exemplares. Título: «Tarantula».

— As provas, disseste? Onde estão?! — exigiu, desconfiado, violento, Duro.

— Aqui! — mostrou Crespo, provocador, a estendê-las sobre o mármore.

Eram em normando e já estavam emendadas.

— Dezassete granéis — contou, aliviado, Duro — Só dezassete granéis. Escrevi oitocentas e setenta e nove páginas.

— «Roman fleuve» — definiu Ferreira-Couto — Pasternak. Nikos Kazantzaki. Lawrence Durrel. Pouco comercial.

— A terra, despejada aos torrões! — berrou Duro, colérico.

— «Tarantula» é um grito de revolta contra o academismo surrealista. O Torres, que já leu, acha bem. Três colunas, no «Correio da Manhã».

— Só á bengalada, esse Torres — soltou Duro, cavamente.

Ferreira-Couto espreitava as provas, através das lentes e riu agudamente, a espetar o dedo sobre o rectangulo comprido de papel.

— Há aqui uma «gralha» dramática. Pode em vez de pôde.

E para Crespo, que se inquietava, estendendo uma garra frenética:

— Julgo que é «gralha». Tu verás.

— E', é! — exclamou o outro, a gatafunhar a emenda, na margem branca — Fizeste bem. Passou-me.

Duro atacava, frontalmente:

— Um erro grave. Já em «Cobra capelo» você tinha duas asneiras. Eu anotei. Tenho aqui. Quer ver?

Ferreira-Couto, vingativo, interessava-se:

— Ah, sim. Ele tinha asneiras na «Capelo»? Quais, quais?

Crespo, numa indignação evidente e jovem, bradou:

— Isso não! «Capelo» ganhou o prémio «Hugo Penha» de 57. Marcou.

E a seguir, mais sereno, estratégico:

— Dois romances, Duro. Magnífico!

Duro esquecia as anotações.

— Oitocentas e setenta e nove páginas. E com a minha letra, apertada, tu sabes...

— Você, Ferreira-Couto, traz dois ensaios?

— Três, três ensaios. Escritos em Paris. Na Rue des Ecoles, com a janela aberta sobre a Sorbonne.

— E editor, já têm?

— Eu tenho o Gerardo, como sempre — disse Duro.

— E eu publico no «Atrio». Três cadernos, ilustrados pelo Esquadro. Uma capa com uma ampliação fotográfica, ponteada pelo grão da foto, as letras abertas num amarelo intenso,

Duro abanava a mão sólida e quadrada.

— As minhas são desenhadas por Gerardo. Camponeses e o sol ao fundo. Perfis grossos e duros.

— Eu não quero desenhos. Só as letras. Capa discreta, na tradição do «Cateto».

Duro arrumava a mala, desajeitadamente, a baralhar as folhas.

— Trabalhámos. Vamos desfechar uma punhada na face do publico. Voltamos, com força!

Ferreira-Couto estava de pé, no interior do tecido fino e tropical, cintilando reflexos. a mão sobre as pegas da pasta.

— Vou á «Atrio» escolher as vinhetas com o Esquadro. Esquadro vai publicar um caderno com os desenhos dele. Pediu-me um prefácio. Disse-lhe que sim. Escrevo-o no comboio, na prateleira. Terça-feira regresso a Paris. Rue des Ecoles. Janela aberta sobre a Sorbonne.

— Vou contigo. Tenho a Helena á espera. A Helena traz uma peça de teatro. Dois actos. Já li. Ionesco puro. Mas leva-a á cena, é claro — dizia Crespo.

Duro pagava, a desenrolar um maço de notas.

— Tenho de mandar um postal para Mirandela. Preocupa-me um castanheiro, que deixei um pouco ferido.

Atravessaram o café olhando em volta, entre o vozear curioso dos outros. A multidão olhava a mala de Duro, a pasta de couro de Ferreira-Couto e o bolso volumoso de provas de Crespo. A multidão entendia.

NA COLECÇÃO
CONTEMPORÂNEA
ACABA DE APARECER
A 2.ª EDIÇÃO DE
HISTÓRIAS DE MULHERES
por José Régio
Uma obra-prima da moderna novelística portuguesa
À VENDA NAS LIVRARIAS
Pedidos á
PORTUGÁLIA EDITORA
Avenida da Liberdade, 13, 3.º
LISBOA

Dez quadros do século XX

para salvar em 1960

de um cataclismo universal

(Continuação da 17.ª página)

crifício de alguns Gauguins e mais Van Goghs, um máximo de Cezannes e Seurats. Porém, sendo convencional a pergunta, exige uma resposta convencional. Consideremos pois a pintura moderna como limitada—ou extensiva—aos quadros realizados por este sec. XX, assinados por homens do séc. XX.

PICASSO — «GUERNICA» — O momento mais genial da pintura moderna, para muitos o seu unico quadro genial, é bem a expressão da angustia e de um alarme que se recusam á derrota. Como já foi dito, nele se fecha todo um ciclo da História que «Os Desastres da Guerra» teriam iniciado.

PAUL KLEE — Difícil escolher não me sendo permitida outra memória sua para além da que a reprodução permite. A simples evocação de «Flores, Sol e Lua» — 1923 — «Bárbaro Clássico e Solene» — 1926 — e «Cidade Embandeirada» ou «Alegre Repasto» — 1927 — Tolher-me-ia os movimentos para um gesto selectivo. Dificuldade idêntica, só a sentiria se me impusesse a escolha dum dos ultimos quartetos de Mozart, cuja musicalidade se prolonga no magicismo encantatório das suas cores. A seu lado só Picasso entendeu tudo quanto nos liga á arte primitiva e nenhum outro soube exprimir, assim, a fluida transitoriedade do tempo e do sonho, trespassado da mais «inocente» ironia. Propondo a crueldade dadaísta, o onírico surrealista, Paul Klee resolveu numa máxima simplificação, o binómio luz cor e o conflito real — maravilhoso.

Foi o primeiro homem que tornou da infancia presença em maturidade e o primeiro ocidental que abriu as portas do Oriente. Síntese feliz do melhor germanismo, dum caminho de poesia percorrido dos «Hinos á Noite» ás «Elegias de Duíno», com a melhor musica barroca,

PICASSO

os quadros de Paul Klee bastar-me-iam para uma afirmação de crença neste nosso pobre séc. XX.

ROUAULT — «O Velho Rei» — 1937 — Como Klee, Rouault é um pintor nocturno. Apenas no primeiro a noite se desdobra em madrugada, enquanto no mestre do «Miserere» se inicia em poente. Daí essa qualidade fosforescente da sua pintura vitralista que, precisamente no «Velho Rei», determina toda a estrutura formal do quadro. Artista da nossa melancolia — como Picasso o é do nosso desespero—Rouault significa o momento mais alto do expressionismo europeu. Descobriu a irradiação luminosa sob a mais densa, opacidade cromática, a face da tragédia na continuidade da irreverência caricatural.

MATISSE — Se mo deixassem, faria todos os esforços para transportar para o meu quarto do bairro das Colónias, uma das figuras que decoram a capela de Vence. Aí conseguiu Matisse lograr o que no século passado, o mais ou menos católico Ingres apenas iludira na alegoria formalista: recuperar num estilo a presença do sagrado. O seu «São Domingos», datado de 1941, é um monumento de claridade e lógica, concebido por um perfeito entendimento da linha e do arabesco na simplificação da pintura. Artista profundamente enraizado em toda a tradição da cultura e do artesanato francês, na sua obra se concretiza um ponto extremo da evolução figurativa cujos primórdios se podem remontar a um Ticiano.

MAX ERNST — «Floresta Petrificada» — Na serenidade grandiosa desta composição defrontam-se a descida ao sub-consciente, dos surrealistas, e toda a violência expressionista. Criador do mais expressivo visionarismo poético contemporaneo, com «Floresta Petrificada» Ernst põe-nos perante o horror da civilização fossilizada, da paz apodrecida, plena de agressões ocultas, num mundo mineral de noite e de deserto.

BRAQUE — «A Pianista» — 1938 — Se há pouco falei de Matisse como ponto extremo dum evoluir figurativo baseado no entendimento especificamente visual da pintura, impõe-se-me agora a presença de Braque como o ultimo grande artista «clássico» do nosso tempo, herdeiro da concepção vinciana de pintura como coisa mental. Também como Matisse, Braque poude encontrar numa comovente fidelidade á linha tradicional, uma voz de modernidade de rara limpidez. Os meios-tons e harmonias menores das suas cores térreas, alcançam, em «A Pianista», a nobreza da emoção contida, tal como a sentimos nas arquitecturas sonoras de Bach.

KANDINSKY — «Os Raios» — 1927 — Kandinsky deve ser o pintor do nosso tempo que melhor fala para o futuro. A sua arte é transcendente, ordenada por um dinamismo cósmico que ultrapassa o indivíduo e estabelece nos acordes de linhas, formas e cores uma arquitectura, cuja monumentalidade ignora a dimensão. Perante «Os Raios» sentimo-nos no centro dum universo inédito, edificado sobre uma excepcional intuição poética, paralela a uma severa dedução científica. Místico eslavo como Malevich, como ele seduzido pelas magnéticas relações elementares, Kandinsky parece apelar para um regresso á magia primitiva, numa rítmica sincopada evocadora do telurico orientalismo stravinskyano da «Sagração da Primavera».

MONDRIAN—Composição em «Vermelho e Branco». — A alegria serena e luminosa desta arquitectura ideal é o mais profundo desafio lançado ao caótico dos nossos dias. O ascetismo da sua arte, desligada de qualquer compromisso com o quotidiano permitiu-lhe criar um superior acto de fé na inteligência humana. Por esse lado, Mondrian será o mais directo descendente dos grandes humanistas italianos. O Deus-matemática de Fra Luca Pacioli e Piero della Francesca encontrou forma sem face nos seus quadros. E, no seu fervor religioso pela linha pura, pela cor pura, não será difícil entender-se a metamorfose em iminência da transcendental proporção divina que obsidiava Da Vinci. Se a sua pintura, vindo desfazer um equívoco cubista, significa o ultimo capítulo duma longa ilusão do Ocidente, eis o que resta saber. Porém, ao reconstruir uma espiritualidade das formas numa mística numérica, Mondrian surge-nos, de qualquer modo, como o profeta dum novo Renascimento que exige uma nova dimensão de mundo.

MANESSIER — «Espinhos» — 1955 — A' semelhança do que sucede na arquitectura, há hoje, sobre um vasto sector da nossa pintura, a dolorosa presença dum ascético medievalismo. A desumanização da figura humana, a desmaterialização da forma material, processadas ao longo dum século de história e de arte, permitiram esse encontro que o melhor da obra de Villon, Leon Zack, Bazaine e Manessier atestam com evidência. A sensibilidade impressionista de Manessier, atenta á lição do construtivismo de Cezanne, deixou em «Espinhos» um rasto de harmonia e esperança, erguido num espaço de formas moldadas em luz e cor, cuja densidade nos permite falar, talvez, duma pintura neo-gótica.

ANTÓNIO TAPIES — A obra de António Tapies — lembremos «Areias Brancas» — 1958 — «Ocre sobre Negro» — 1959, a sua «Pintura» de 1960 — constitui um dos mais agudos problemas propostos á consciência estética e sociológica do nosso horizonte. A sua avassaladora intuição do real, a contínua perseguição do assunto que em todos os seus quadros se vai definindo por um estilo de anti-estilização, está a abrir as portas duma nova era artística, de irradiação universal.

Resta-me acrescentar que nunca vi nem amei nenhum destes quadros em «carne e osso». Descobri-os no meu «Museu Imaginário» e, agora, por ele me vem a memória de outras formas, de outras cores: Chagall, Vieira da Silva, Rotko... Bem sei: estou um pouco como o adolescente que só conhece a mulher das suas noites pela fotografia da estrela de cinema. Mas todos nós assumimos, hoje, o horror obsidiante de Hossiasson pelo mundo sem arte, pelo mundo sem amor, e os deuses antigos nasceram das necessidades do homem.

Sem sombra de esperança em quaisquer soluções de compromisso — que não as há, pelo menos enquanto houver o sr. Eduardo Malta no seu museu — não encontro uotra saída para este problema de sobrevivência. Porém, ainda que tal carência fundamental se cumulasse, creio que persistiria a mesma sensação de inutilidade que sempre me assalta ao falar de pintura e de pintores. Em arte todas as palavras são excessivas, quanto mais as minhas.